



**Universidade Federal do Piauí
Campus Ministro Reis Velloso
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPsi**

Sinara Fonseca Félix de Araújo

Escala de Pressão Econômica: elaboração e validação de uma medida

**Parnaíba-PI
2019**

Sinara Fonseca Félix de Araújo



Escala de Pressão Econômica: elaboração e validação de uma medida

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do grau de mestre em Psicologia.

Orientador:
Prof. Dra. Sandra Elisa de Assis Freire

**Parnaíba-PI
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial Prof. Cândido Athayde – Campus Parnaíba
Serviço de Processamento Técnico

A large, empty rectangular box with a thin black border, occupying the lower half of the page. It is intended for the entry of cataloging information.

Sinara Fonseca Félix de Araújo

Escala de Pressão Econômica: elaboração e validação de uma medida

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia.

Aprovada em: __/__/____

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Sandra Elisa de Assis Freire
Universidade Federal do Piauí - UFPI (Orientador)

Prof. Dr. Emerson Diógenes de Medeiros
Universidade Federal do Piauí - UFPI (Avaliador Interno)

Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia
Universidade Federal da Paraíba - UFPB (Avaliador Externo)

*E se eu for o primeiro
A prever e poder desistir do que for da errado?
Ahhh, ora, se não sou eu quem mais vai decidir o que é bom pra mim?
Dispensar a previsão
Ahhh, se o que eu sou é também o que eu escolhi ser aceito a condição
Vou levando assim
Que o acaso é amigo do meu coração
Quando falo comigo, quando eu sei ouvir...*

(Los Hermanos – O velho e o moço)

Agradecimentos

Elaborar os agradecimentos me trouxe algumas reflexões e acontecimentos que fizeram parte desse percurso e que não poderia deixá-los de fora. Vieram-me muitas imagens: família, amigos, professores, colegas de turma, enfim... Vieram-me também imagens de momentos difíceis que tive de superar, oportunidades que tive que abrir mão para poder realizar esse objetivo. Às vezes o cansaço e o desgaste me tiravam a paz, cheguei ao ponto de pensar em desistir, mas o medo maior era enfrentar o desafio de elaborar essa pesquisa, que por vezes me sentia incapaz de dar conta, mas nada como o estudo e a orientação pra me ajudar a conseguir fazer o que tinha de ser feito, e isso tudo fez parte do meu aprendizado e desenvolvimento pessoal.

No final saio orgulhosa de mim por ter aprendido sozinha coisas que achava que não seria capaz de aprender e fazer. Foi preciso muita força, coragem, amor pelo aprendizado e esperança. Foi preciso também força de espírito, e nos momentos mais difíceis, sempre me fortaleci com minha fé, gratidão à Deus e a Santa Teresinha!! Por fim cito um trecho de uma música do Pe. Fábio de Melo “o escape, o descanso, a cura, a recompensa vem sem demora”.

Agradeço às pessoas que me ajudaram a não parar no meio do caminho e nunca me deixaram perder as esperanças para um bom andamento deste trabalho. Em especial à minha companheira da graduação até hoje, Andressa Lília, ela foi meu suporte e um ombro amigo durante esses dois anos. Gratidão pelo cuidado e pelas angústias compartilhadas!!

À minha orientadora Profa. Dra. Sandra Elisa por me acolher desde a graduação no grupo de pesquisa - Nuprin, pela competência e rigor com que me orientou, pela paciência e disponibilidade em ajudar a clarear as dúvidas na minha pesquisa, e por fortalecer meus recursos e habilidades através da Psicologia Positiva. Obrigada pela confiança e compreensão. Sandra é um exemplo de profissional na área docente que implementou em mim o gosto pela pesquisa. Com seu otimismo, sempre humana e positiva, acreditou em mim. Minha gratidão professora!!

Aproveito o ensejo para agradecer à parceria com meu colega de turma e de orientação, Vinicius, passamos as mesmas dificuldades, crescemos, nos ajudamos e dividimos esse processo “louco” chamado mestrado. Aos colegas do Núcleo de Pesquisa em Relacionamento Interpessoal (NUPRIN), pela amizade e por colaborarem na aplicação da pesquisa, posso dizer que no Nuprin cresci como aprendiz de pesquisadora.

Agradeço às pessoas e suas famílias que, neste contexto econômico difícil, se dispuseram em contribuir nesta investigação, tanto as pessoas que participaram da pesquisa como aquelas que ajudaram a divulgar!

Quanto à minha família, eu nem sei como agradecer... minha mãe, Neusa, prontamente apoiou minha escolha para ter de me mudar novamente pra Parnaíba, mesmo com as dificuldades ela sempre deu um jeito para que tudo desse certo. Minha irmã Evanna, pelo apoio e torcida e sei que é uma pessoa que posso contar.

Meu namorado, Rielbertti, agradeço de todo meu coração, pois nos conhecemos em um momento muito conturbado do mestrado, e ele me trouxe a paz, a calma e o alívio que eu tanto buscava. Obrigada por sua compreensão, apoio, incentivo até pra fazer o doutorado, obrigada também por me ajudar a usar o Excel, tabular os questionários e revisar meus resumos. Amo você!

Às meninas da “mansão amarela”, pelas vezes que ouviram as minhas lamentações e frustrações, Brendinha minha colega de quarto e testemunha dos momentos em claro na madrugada, Wanessa e Luanessa por partilharem cada momento diário na nossa mansão. Obrigada pela amizade, convivência e por terem me distraído e ajudado sempre que precisava. Maíra e Carolzinha que também trilharam esses dois anos de pesquisa e que foram essenciais nas trocas de aprendizado e alegrias, saudades de vocês!

Agradeço também aos professores doutores que compuseram a banca na minha qualificação e defesa, Prof. Diógenes Medeiros e Prof. Valdiney Gouveia, pelas grandes contribuições e apontamentos para a realização deste trabalho.

À FAPEPI (Fundação de Amparo Pesquisa do Piauí) por contribuir no fomento e incentivo à produção científica proporcionando bolsa de estudos, ajudando financeiramente no percurso acadêmico de quem se dedica à pesquisa.

RESUMO

Araújo, S. F. F. (2019). Escala de Pressão Econômica: elaboração e validação de uma medida (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, Piauí, Brasil.

A presente dissertação teve por objetivo realizar a elaboração da Escala de Pressão Econômica (EPE), bem como verificar as evidências de validade baseadas no conteúdo e na estrutura interna. Pesquisadores da temática propõem que a pressão econômica provoca estresse emocional nos membros da família, impactando o bem-estar individual e a dinâmica familiar e ainda consideram que essa pressão econômica envolve três dimensões teóricas: perda de renda, trabalho instável e alta carga de endividamento, que diz respeito à incapacidade de pagar as contas, a suprir as necessidades básicas e a evitar cortes nos gastos. Para tanto, foram realizados três estudos empíricos em formato de artigo. O Estudo I objetivou a realização de uma revisão sistemática da literatura sobre medidas referentes à mensuração da pressão econômica ou crise financeira. A partir das etapas de seleção, análise e sintetização dos estudos, 10 foram relevantes para ser avaliados. O Estudo II diz respeito ao processo de elaboração e busca de evidências de validade psicométrica da EPE. A etapa de elaboração dos itens teve por base os indicadores de pressão econômica propostos por Conger e Elder, os quais foram elaborados itens para as três dimensões teóricas. Em seguida, realizou-se a validade de conteúdo com a avaliação de oito juízes, que julgaram os itens em três aspectos: adequação, relevância e clareza. O Coeficiente de Validade de Conteúdo foi utilizado para avaliar os itens a partir dos escores dos juízes. Dentre os 33 itens, oito não se mantiveram acima do critério de 0,80, sendo excluídos e, a escala ficou composta por 25 itens. Posteriormente procurou-se obter evidências de validade de construto por meio de uma Análise Fatorial Exploratória. Nesta etapa, participaram 369 pessoas casadas ($M=36,5$; $DP=9,24$) que responderam à EPE, o Questionário de manejo do dinheiro no casal e as informações sociodemográficas de forma presencial e via internet. Foi empregado o programa SPSS (versão 22), com a utilização de estatísticas descritivas a fim de caracterizar os participantes. Para a análise exploratória, utilizou-se o *Factor 10.9.02*, empregando-se rotação *Promim*, a análise paralela para reter os fatores, e o método de extração Unweighted Least Squares (ULS). A Análise Fatorial Exploratória (AFE) indicou uma solução de dois fatores com os respectivos índices de ajuste: $\chi^2(251)=230,9$, $p < 0,01$, CFI = 0,98, TLI=0,97 e RMSEA = 0,05, fair = 0,99 (IC 90% = 0,047 - 0,051). Após a exclusão de três itens, a escala ficou composta por 22 itens, onde o primeiro fator explicou 40,6% da variância total ($\alpha=0,92$). No Estudo III, que visou verificar evidências de validade convergente para a EPE com a DASS-21 (escala de depressão, ansiedade e estresse) e a *Escala O'Leary-Porter* (conflito conjugal). Fizeram parte da pesquisa 240 homens e mulheres com média de idade de 36,4 anos ($DP=8,9$), a maioria do sexo masculino (53,3%). Os resultados demonstraram índices satisfatórios de correlação significativa e positiva entre dimensões das escalas, apresentando correlações de intensidade fracas e moderadas, mas que representam uma direção teórica coerente. Os resultados demonstram que a EPE apresenta propriedades psicométricas adequadas, sugerindo ser uma medida útil para a avaliação das dificuldades financeiras nas famílias, bem como a relação com outros construtos quanto aos quesitos da validade convergente.

Palavras-chave: Pressão econômica, Estresse financeiro, Crise econômica, Medida, Validade.

ABSTRACT

Araújo, S. F F. (2019). Economic Pressure Scale: elaboration and validation of a measure. (Master's Thesis). Federal University of Piauí, Parnaíba, Piauí, Brazil.

The present master's thesis aimed to formulate the Economic Pressure Scale (EPE), as well as checking the evidence of validity based on content and internal structure. Researchers on the subject propose that economic pressure causes emotional stress on family members, leading to a impact on individual well-being and family dynamics, this economic pressure involves three theoretical dimensions: loss of income, unstable work, high debt burden, leading to increased financial pressure referring to inability to pay bills, meet basic needs and avoid spending cuts. In view of the above objectives, the research is structured in article format, that so the Article I is a systematic review of the literature on existing scales to measure economic pressure or financial crisis, from the selection steps, analysis and synthesis of studies, Ten were relevant to be evaluated. Article II concerns the process of drafting and seeking evidence of validity of the EPE. The items elaboration stage is based on the theory proposed by Conger and Elder, which were elaborated items for the three theoretical dimensions. After that, the content validity was evaluated by eight judges, who judged the items in three aspects: adequacy, relevance and clarity. The Content Validity Coefficient was used to evaluate the items from the judges' scores. Among the 33 items, only eight did not stay above the 0.80 standard, being excluded and the scale consisted of 25 items. Subsequently, Evidence of construct validity was sought through a exploratory factor analysis. 369 married people participated in this stage (M=36,5; SD = 9,24) who responded to EPE and sociodemographic information in person and via the internet. The SPSS program (version 22) was used, using descriptive statistics to characterize the participants. For exploratory analysis Factor 10.9.02 was used, using Promim rotation, parallel analysis to retain factors; and the Unweighted Least Squares (ULS) extraction method. Exploratory Factor Analysis (EFA) indicated a two-factor solution, with the respective adjustment indices: χ^2 (251) = 230.9, $p < 0.01$, CFI = 0.98, TLI = 0.97 and RMSEA = 0.05, fair = 0.99 (90% CI = 0.047 - 0.051). After excluding three items, the scale was composed of 22 items, where the first factor explained 40.6% of the total variance ($\alpha = 0.92$). In Study III, which aimed to verify evidence of convergent validity of EPE with the DASS-21 (depression, anxiety and stress scale) and the O'Leary-Porter Scale (marital conflict). The study included 240 men and women with a mean age of 36.4 years (SD = 8.9), mostly males (53.3%). The results showed satisfactory indices of significant and positive correlation between scale dimensions, presenting weak and moderate intensity correlations, but representing a coherent theoretical direction. The results show that EPE has adequate psychometric properties, suggesting to be a useful measure for the evaluation of financial difficulties in families, as well as the relationship with other constructs regarding the convergent validity requirements.

Key words: Economic pressure, Financial stress, Economic crisis, Scale, Validity.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	17
LISTA DE TABELAS.....	18
APRESENTAÇÃO.....	19
REFERÊNCIAS	24
ESTUDOS EMPÍRICOS.....	26
CAPÍTULO I. PRESSÃO ECONÔMICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE MEDIDAS EXISTENTES	27
INTRODUÇÃO	28
MÉTODO.....	42
PROCEDIMENTOS.....	42
RESULTADOS E DISCUSSÃO	44
DISCUSSÃO	58
REFERÊNCIAS	59
CAPÍTULO II. ELABORAÇÃO E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE E PRECISÃO DA ESCALA DE PRESSÃO ECONÔMICA	66
INTRODUÇÃO	67
MÉTODO.....	76
DELINEAMENTO	76
ETAPA 1 : ELABORAÇÃO DOS ITENS DA ESCALA DE PRESSÃO ECONÔMICA (EPE).....	76
ETAPA 2: ANÁLISE DOS JUÍZES.....	78
PARTICIPANTES.....	78

INSTRUMENTO	78
PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	80
ETAPA 3: ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA (AFE)	82
PARTICIPANTES	82
INSTRUMENTOS	84
PROCEDIMENTOS	84
ANÁLISE DOS DADOS.....	85
RESULTADOS.....	87
DISCUSSÃO.....	95
REFERÊNCIAS	100
CAPÍTULO III. EVIDÊNCIAS DE VALIDADE PARA A ESCALA DE PRESSÃO ECONÔMICA ASSOCIADA À DEPRESSÃO, ANSIEDADE E ESTRESSE, E CONFLITO CONJUGAL.	107
RESUMO	107
INTRODUÇÃO	107
MÉTODO.....	113
DELINEAMENTO	113
PARTICIPANTES.....	113
INSTRUMENTOS	114
PROCEDIMENTOS	116
ANÁLISE DOS DADOS.....	117
RESULTADOS.....	117
DISCUSSÃO.....	118

CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICE A – ESCALA DE PRESSÃO ECONÔMICA	126
ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	128
ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	129
ANEXO 3 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	130
ANEXO 4. QUESTIONÁRIO SOBRE O MANEJO DO DINHEIRO NO CASAL... 	133
ANEXO 5 – ESCALA DE DEPRESSÃO, ANSIEDADE E ESTRESSE (DASS-21) ..	135
ANEXO 6 - ESCALA O'LEARY- PORTER.....	136

Lista de Figuras

Figura 1 Fluxograma de levantamento das bases de dados, exclusão e seleção dos estudos ..	45
Figura 2 Cálculo do Coeficiente de Validade de Conteúdo	81

Lista de Tabelas

Tabela 1 Caracterização dos Estudos sobre medidas de pressão econômica ou crise financeira.....	46
Tabela 2 Ordem de apresentação do item e o CVC para cada item calculado em função dos oito juízes especialistas.	87
Tabela 3 CVC por Juiz e da escala como um todo.....	89
Tabela 4 Versão final – EPE	90
Tabela 5 Matriz de cargas fatoriais e comunalidade da EPE	93
Tabela 6 Correlações entre as Pontuações das dimensões da EPE e as Pontuações da DASS-21 e a Escala O’leary- Porter.....	116

Apresentação

A economia é um aspecto que movimenta o mundo e grandes mercados financeiros; mas um fator que gera declínio, queda e consequências nesse setor é a crise financeira. Atualmente convive-se com as consequências da crise que se iniciou em torno de 2007 no mercado hipotecário dos Estados Unidos, que rapidamente se propagou pelo sistema financeiro global, gerando consequências para a população e à economia internacional (Ribeiro, Frade, Coelho & Ferreira-Valente, 2015).

Na última década, a crise financeira internacional favoreceu um ambiente econômico caracterizado por inflação estável e crescimento econômico, porém, não impediu os desequilíbrios e as instabilidades no mercado financeiro brasileiro. O Brasil vivencia um período de crise econômica desde o ano de 2015 até aos dias atuais; com inflação elevada, aumento da taxa de juros e do desemprego, onde a economia está marcada por uma forte desaceleração. Alguns fatores contribuem para que isso ocorra, como por exemplo, a redução do PIB, a crescente taxa de desemprego, o crescimento da taxa Selic e a constante desvalorização do câmbio (entre outras variáveis macroeconômicas) comprovam essa desaceleração (Sousa, 2015; Vieira, 2016). Diante deste problema, o cenário econômico se tornou bastante complexo para as famílias.

A recessão econômica começou a fazer parte da vida das pessoas, levando-as a modificar o estilo de vida para se adaptar a essa nova situação, caso contrários às consequências seriam piores. Pode-se perceber que são na renda e no orçamento pessoal que os efeitos da crise se fazem presentes.

Uma pesquisa realizada pelo SPC Brasil e a Confederação Nacional de Dirigentes lojistas – CNDL – investigaram a percepção e os efeitos dos impactos da crise financeira no orçamento das famílias, avaliando também as atitudes com relação às finanças para 2018. Por meio dos resultados, constatou-se que sete em cada dez pessoas que participaram da

pesquisa mudaram seus hábitos em relação ao dinheiro por causa da crise econômica. Para não aumentar as dificuldades, as pessoas começaram a modificar a rotina de compras em vários aspectos, ou seja, buscando produtos similares com menor preço, controle dos gastos com a família e com despesas de água e luz, por exemplo, avaliando também as prioridades para que as despesas coubessem no orçamento da casa (SPC Brasil & CNDL, 2018).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE é um órgão público responsável por fornecer informações estatísticas do país através de atividades de coleta e análise de dados. Por volta dos anos de 2008-2009, este órgão realizou a Pesquisa de Orçamentos Familiares – POFs a fim de pesquisar informações sobre a composição orçamentária doméstica, sobre as condições de vida da população, e a percepção subjetiva da qualidade de vida. Dentre seus resultados, a pesquisa demonstrou que 75% dos brasileiros sofriam dificuldades sobre o rendimento familiar, devido este não ser suficiente para manter as despesas do mês, tanto na população rural como urbana. No que diz respeito ao rendimento, 4% das famílias recebiam acima de R\$10.375,00, já as famílias que recebiam até R\$ 830,00 correspondiam a 12,5 milhões de pessoas, no qual a maior participação do rendimento foi proveniente do trabalho como estrutura de renda das famílias (IBGE, 2010).

Embora existam teorias e métodos para pesquisar sobre o fator econômico na vida das pessoas, na Psicologia existe uma área específica dedicada a isso. A intersecção entre Psicologia-Economia abriu espaço para um objeto de estudo, modelos e propostas na construção dessa área de conhecimento, que consiste na Psicologia Econômica. Entendida como o estudo do comportamento econômico de indivíduos e grupos, a Psicologia Econômica foi abordada com essa designação pela primeira vez por Gabriel Tarde no século XIX, na França. Nasceu da necessidade de economistas, pensadores sociais e psicólogos abordarem um enfoque mais abrangente à Economia, pois esta não estava explicando suficientemente os fenômenos econômicos atrelados à participação humana (Ferreira, 2007).

No Brasil, essa área foi instalada por uma construção dialógica, permeada pela necessidade de um espaço que debatesse a economia das pessoas e por um forte apreço pelo conhecimento científico, a fim de colaborar nos problemas sócio-econômicos. O pioneirismo do estudo dessa área deve-se à Alice Moreira, professora de psicologia da Universidade Federal do Pará, Alice criou uma linha de pesquisa em Psicologia Econômica no programa de mestrado desta instituição, nesse sentido credita-se a ela a primeira tese de doutorado em Psicologia Econômica no Brasil, bem como criou e validou uma Escala de Significado do Dinheiro, porém a linha de pesquisa foi desativada devido a sua aposentadoria por volta de 2005. Contudo, outras instituições no Brasil abordam essa área, desenvolvendo pesquisas, curso de extensão e como disciplina nas grades curriculares de cursos de Psicologia, Ciências Contábeis, entre outros. Podem-se citar a PUC-SP, PUC-MG, UNESP em São Paulo, na Faculdade de Tecnologia e Ciência em Salvador, dentre muitas outras (Ferreira, 2007).

Por falar em questões relacionadas à economia, na década de 1980 aconteceu um período difícil na economia dos Estados Unidos, época que ocorreu a “crise agrícola” provocando declínio na economia e nos padrões de vida das famílias americanas. Para investigar a fundo, pesquisadores decidiram documentar as experiências e estratégias de enfrentamento das famílias a partir de um projeto de pesquisa. Estando à frente do projeto Conger, Elder e outros colaboradores sistematizaram formas de pesquisa para avaliar as condições de vida durante a crise agrícola e orientar o raciocínio sobre os mecanismos causais a partir de uma estrutura teórica para avaliar tais experiências (Conger & Elder, 1994).

Dentre os mecanismos que envolvem as dificuldades econômicas, Conger e Elder (1994) propõem que condições econômicas difíceis provocam estresse nos membros das famílias, levando ao impacto no bem-estar individual, podendo gerar de forma direta ou

indireta o conflito conjugal e interferir nas práticas parentais. Esse estresse é resultante de um fator denominado por pressão econômica que se estabelece e altera a dinâmica individual e familiar.

Considera-se a pressão econômica como sendo a percepção ou avaliação subjetiva que as pessoas fazem de suas condições financeiras, constituindo-se também como um indicador de respostas das famílias diante da situação financeira (Ferreira, Pedro & Francisco, 2015). O grau de pressão econômica reflete as dificuldades financeiras diárias associadas a condições econômicas estressantes vivenciadas pelos membros da família, nesse sentido, os estresses financeiros que envolvem a baixa renda, trabalho instável, alta carga de endividamento aumentam a pressão financeira, que se refere à incapacidade de pagar as contas, suprir as necessidades básicas e evitar cortes nos gastos (Conger & Elder, 1994). No projeto de pesquisa, os pesquisadores constataram que as dificuldades econômicas afetaram principalmente as famílias de baixa renda, que teve a dinâmica familiar afetada, levando os pais a experimentarem aflição emocional, estando associada ao conflito conjugal e a práticas parentais não positivas.

Diversos estudos no contexto internacional tem utilizado a pressão econômica como forma de medir o impacto da crise financeira na vida das pessoas, com a utilização de medidas psicométricas para tal objetivo.

Face ao exposto, a presente pesquisa teve por objetivo elaborar uma Escala de Pressão Econômica (EPE) procurando atender outros objetivos que são de igual importância no que concerne à construção de um instrumento psicológico. Além da elaboração da escala de pressão econômica, esta pesquisa também buscou evidências de validade psicométricas.

Com base na literatura, muitas pesquisas utilizaram os mesmos indicadores de pressão econômica propostos por Conger e Elder (1994): necessidades materiais não satisfeitas, incapacidade para pagar contas ou fazer face às despesas e cortes nas despesas

básicas, onde muitos estudos utilizam tais indicadores como forma de medir a pressão econômica para avaliar seus impactos nas famílias. Os estudos internacionais que apresentam tais medidas pretendem associar a pressão econômica a outras variáveis, ou seja, analisar o impacto da crise econômica centra-se nos efeitos sobre o controle financeiro do casal, a repercussão da crise no público adolescente, preocupações quanto à situação financeira atual, a disseminação da educação financeira, avaliar o impacto da tensão econômica da família nas crianças, e a pressão econômica envolvendo o conflito conjugal e aflição emocional do casal.

Quanto ao cenário brasileiro que também convive com a crise financeira, destaca-se a escassez de pesquisas na área da Psicologia que investigam o impacto da pressão econômica na dinâmica familiar, como também a escassez de instrumentos para sua avaliação. Nesse sentido, julga-se a relevância da realização desse estudo, uma vez que as medidas existentes associam a pressão econômica a outros fatores, como também avaliam este construto em públicos de faixa etária diferentes.

Dada esta lacuna, salienta-se a importância da realização de pesquisas a fim de desenvolver métodos de mensurar os efeitos da pressão econômica nas famílias conforme os indicadores teóricos propostos por Conger e Elder (1994). Embora os autores tenham criado uma maneira de mensurar a pressão econômica, ainda não ficou clara sua metodologia e se pode ser generalizada para outros indivíduos que não pertencem à população rural, considerando pertinente a construção de uma medida de pressão econômica para o contexto brasileiro.

Para atender aos objetivos dessa dissertação, esta se encontra estruturada em dois estudos. O Estudo I diz respeito a uma revisão sistemática da literatura acerca das medidas referentes à pressão econômica ou crise financeira, apresentando inicialmente o contexto de eclosão da crise econômica no mundo e o cenário econômico brasileiro diante da crise

financeira, detalhamento sobre a pressão econômica e os impactos no contexto familiar. Também é apresentado o método utilizado para a coleta, resultados e discussão.

O Estudo II refere-se à elaboração da Escala de Pressão Econômica (EPE) e as evidências de validade e precisão. A medida foi construída com base nos indicadores de pressão econômica propostos por Conger e Elder (1994). Ainda são apresentados método, resultados e a discussão.

O Estudo III trata-se da verificação da validade convergente para a EPE com outros construtos correlatos, neste caso avaliou-se a relação com a DASS-21, uma escala que mensura a depressão, ansiedade e estresse, bem como a Escala *O'Leary-Porter*, que avalia o conflito conjugal na presença dos filhos. Em suma, os resultados demonstraram que a EPE apresenta propriedades psicométricas adequadas, mas vale destacar a importância de outros estudos para investigar o construto.

Referências

- Conger, R. D., & Elder, G. H. (1994). *Families in troubled times: Adapting to change in rural America*. Hawthorne, NY: Aldine de Gruyter. <https://eric.ed.gov/?id=ED391634>.
- Ferreira, V. R. M. (2007). *Psicologia econômica: origens, modelos, propostas*. (Tese de Doutorado). Recuperado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17173>
- IBGE (2010). Pesquisa de orçamentos familiares: despesas, rendimentos e condições de vida. (Cartilha). Recuperado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv45130.pdf>
- Ribeiro, R., Frade, C., Coelho, L., & Ferreira-Valente, M. A. (2015). Crise econômica em Portugal: Alterações nas práticas quotidianas e nas relações familiares. *Livro de Atas do 1.º Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa*, Coimbra, Portugal, 1. Recuperado de <http://http://repositorio.uportu.pt:8080/handle/11328/1613>.

- Sousa, M. G. (2015). O impacto das finanças públicas nas finanças pessoais no contexto da atual crise econômica brasileira. Portal Administradores.com. Recuperado de <http://www.administradores.com.br/producao-academica/o-impacto-das-financas-publicas-nas-financas-pessoais-no-contexto-da-atual-crise-economica-brasileira/6636/>.
- SPC Brasil & CNDL. (Fevereiro, 2018). Impacto da crise econômica na gestão das finanças pessoais (Cartilha). Recuperado de https://www.pscbrasil.org.br/wpimprensa/wp-content/uploads/2018/03/An%20Allise-Educa%C3%A3o-Financeira_-_Impactos-da-Crise-nas-Financas.pdf.
- Vieira, A. B. C. (2016). *A crise econômica e o consumo: uma análise do comportamento de compra do consumidor de diferentes classes sociais*. (Dissertação de mestrado). Universidade FUMEC, Belo Horizonte, BH, Brasil. Recuperado de <http://www.fumec.br/revistas/pdma/article/download/4738/2564>.

ESTUDOS EMPÍRICOS

CAPÍTULO I. Pressão Econômica: uma revisão sistemática da literatura sobre medidas existentes

Resumo: O objetivo do estudo foi realizar uma revisão sistemática da literatura acerca da produção científica sobre estudos com foco em medidas de pressão econômica ou que avaliam a crise financeira no período de 2001 a 2018. A busca foi realizada em setembro de 2018, foram consultadas as bases no Portal de Periódicos da CAPES, estendendo o acesso a outras bases como: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), SocINDEX, PsycINFO, *Wiley Online Library* e *Springer Link*, com a utilização dos seguintes descritores: a) (*scale economic pressure* OR *measure economic pressure*) AND (*scale economic crisis* OR *measure economic crisis*); e no português, b) (medidas de pressão econômica OR escala de pressão econômica). A busca gerou o resultado de 85 estudos. Para as análises foram excluídos artigos duplicados, questionários com perguntas abertas, estudos que relacionavam os fatores socioeconômicos com fatores que não envolviam as famílias, aqueles que tratavam sobre a crise econômica, mas não apresentavam uma medida para o construto em questão, totalizando em 10 artigos. Os resultados revelaram estudos que apresentaram medidas de autorrelato, contendo algumas de suas propriedades psicométricas, a maioria das medidas não apresentaram evidências de validade para outros contextos culturais, contudo foram encontradas medidas voltadas para crianças, adolescentes e adultos, nos mais variados públicos-alvo.

Palavras chave: Pressão econômica; medidas; revisão sistemática.

Economic Pressure: a systematic review of the literature on existing measures

Abstract: The objective of the study was to develop a systematic review of the national and international literature about scientific production on economic pressure and yours measures from 2001 to 2018. The search was carried out in September 2018, the bases were consulted in the CAPES Periodicals Portal, extending the access to other bases such as: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), SocINDEX, PsycINFO, *Wiley Online Library* and *Springer Link*, using the following descriptors: a) (*scale economic pressure* OR *measure economic pressure*) AND *economic crisis* OR *measure economic crisis*; and in Portuguese, b) (*measures of economic pressure* OR *economic pressure scale*). The search generates a result of 85 studies. Duplicate articles, questionnaires with open questions, studies that related socioeconomic factors with factors that did not involve the families, those dealing with the economic crisis, but did not present a measure for the construct in question, totalizing in 10 articles. The results revealed studies that presented self-report measures, containing some of their psychometric properties, most of the measures did not present evidence of validity for other cultural contexts, however, measures were found aimed at children, adolescents and adults in the most varied target groups.

Keywords: Economic pressure; measures; systematic review.

Introdução

Contexto econômico no Brasil e no mundo

A crise econômica que se iniciou nos Estados Unidos e tomou grande proporção no cenário internacional não é uma crise qualquer, e de acordo com especialistas, esta é a maior crise econômica e financeira desde a grande depressão de 1929, configurando-se como uma crise estrutural e sistêmica, que trouxe grandes mudanças. Em decorrência da correção do mercado imobiliário, a crise deflagrou-se ao longo da expansão do capitalismo, e se originou com a valorização dos imóveis residenciais, apoiada pela expansão do crédito imobiliário. Contudo, a partir de 2005 houve a desaceleração no setor de construções residenciais, havendo elevação da taxa de juros em 2006, e com isso permitiu o aumento da inadimplência, provocando uma queda na atividade imobiliária, prejuízos em bancos e fundos de investimento, onde a crise imobiliária transformou-se em crise de crédito se alastrando por diversos mercados atingindo o sistema bancário internacional (Mercadante, 2009).

Esta crise traz consigo grande pressão inflacionária nos países em desenvolvimento, além de uma desaceleração e riscos financeiros, ela ainda apresentou outros sinais desfavoráveis como a interrupção da tendência de melhora nas finanças públicas, menor crescimento da demanda externa, situação menos favorável das contas externas e aumento da percepção de risco de outros países. Portanto, essa situação fica mais clara quando se avalia a desaceleração econômica em um plano futuro, sendo que o mercado internacional está marcado por pressões inflacionárias, desvalorização de moedas nacionais em relação ao dólar, como consequência da crise financeira, gerando inflação de custo (Gonçalves, 2008), podendo-se até dizer que alguns países foram mais afetados do que outros.

Segundo Mercadante (2009), o contexto brasileiro também foi bastante afetado, no qual apresentou graves problemas estruturais a exemplo de baixa capacidade de

investimento público, logística precária, educação deficiente, pequeno potencial de inovação tecnológica, além de um ambiente político complexo. Conforme Júnior (2018), esta situação econômica foi deflagrada em meados de 2011, após um período de relativa expansão que vinha se estendendo desde 2004, sendo resultante das contradições que se acumularam durante o período de expansão.

Alguns episódios que refletem a instabilidade financeira do país e impactaram a economia podem ser entendidos conforme o passar dos anos, neste sentido Júnior (2018) destaca que em 2008 houve uma ascendente taxa de crescimento do PIB brasileiro sendo precedida por um declínio em 2011; após 2013 a queda na produção industrial provocou a redução do faturamento industrial, ociosidade na produção e redução da quantidade de horas trabalhadas na produção. A partir de 2014 ocorreu uma eclosão de déficits nas contas públicas, aumento da inflação e, além disso, a taxa de desemprego dobra deste ano até 2017, sobretudo no final de 2014 a desaceleração se transforma em uma depressão econômica com taxas de crescimento negativas havendo uma atenuação dessas taxas entre 2016 e 2017.

Diante do episódio da queda da produção, o mercado de trabalho sofreu efeitos imediatos provocando o crescimento das demissões e menos contratações, isso fez com que os trabalhadores perdessem seus empregos, como também diminuiu as possibilidades de novas pessoas ingressarem no mercado de trabalho, tendo como consequência a elevação da taxa de desempregados e aumento da informalidade. Devido ao alto nível de demissões e dificuldades para contratar novas pessoas, o desemprego não está afetando somente pessoas de classe baixa, e como o setor industrial oferece uma maior remuneração, a recessão que nele se instalou tende a afetar também as famílias de classe média e alta (Pochman, 2009).

Embora se saiba que a crise econômica, de modo geral, afeta as pessoas, chama-se atenção para o núcleo familiar, pois o cenário econômico se tornou bastante complexo para as famílias pela elevada inflação, aumento da taxa de juros e desemprego. A elevação da

taxa de juros foi mantida como solução para amenizar a crise financeira, porém foi uma medida ineficaz que gerou um impacto direto no planejamento financeiro pessoal resultando em problemas de dívidas, mau investimento, favorecendo também a perda de emprego (Sousa, 2015).

A recessão econômica teve impacto direto no consumo das famílias, o governo e as empresas começaram a estimular o consumismo elevado para evitar que o Brasil acompanhasse a recessão de outros países, mas essa medida criou terreno para o endividamento das pessoas quando estas pretendiam manter o padrão de vida ilusório, muito além da condição no qual se encontraram. Com o endividamento e aumento da inadimplência, as famílias tiveram que ajustar o orçamento, levando à redução do consumo (Costa & Farinha, 2012; Sousa, 2015).

Como forma de investigar a realidade das famílias em questões de consumo no período de recessão econômica, uma pesquisa promovida pelo SPC Brasil e Portal Meu Bolso Feliz (2016), analisou a percepção das pessoas a respeito de seus gastos e controle financeiro, os resultados demonstraram que os brasileiros passaram a alterar os hábitos de consumo, fazendo pesquisas de preços e produtos similares atentando principalmente ao controle do orçamento pessoal, bem como as atitudes das pessoas com relação às suas finanças, além do mais se percebeu que cada família criava estratégias para lidar com a situação no sentido de fazer com que as despesas coubessem no orçamento da casa.

Vieira (2016) afirma que em períodos de crise econômica as pessoas tendem a modificar seus padrões de comportamento relacionados aos períodos que a economia passa. Portanto, as estratégias mais utilizadas diante da crise têm a ver com a redução dos custos, cortes na produção, redução de investimento e entrada em novos mercados, sendo assim essas medidas pode impactar de forma negativa a economia do país, e isso influencia diretamente o consumo resultando na queda pelos consumidores.

Outros estudos também se propõem a pesquisar sobre o comportamento dos indivíduos com relação à economia e finanças, levando-se em consideração o comportamento frente às atitudes de comprar, vender, consumir, poupar e se endividar. Com o aumento do endividamento Artifon e Piva (2013) destacam a importância de intervenções psicológicas frente a esses comportamentos e atitudes que levam a essa situação, pois tais aspectos são circunstâncias propícias a problemas de depressão e ansiedade.

Pode-se constatar que no Brasil, as pesquisas que mais se aproximam do estudo do fator econômico e seus impactos individuais e nas famílias estão associadas às atitudes e comportamentos. Em situações de dificuldades econômicas, os indivíduos às vezes não são capazes de arcar com as despesas, deixando as contas atrasar, aumentando o endividamento. Portanto, Campara, Vieira e Ceretta (2016) consideram que a atitude financeira é concebida como determinante da dívida, pois está associada a práticas de gestão financeira, e essas atitudes colaboram para que os indivíduos controlem suas despesas, evite gastos, dívidas e melhore a situação econômica. Ao passo que o comportamento de comprar ou outro que envolve acumular dívidas se caracteriza por um ato repentino e não planejado que está vinculado a um desejo e sentimento de prazer, que colabora para um consumo desnecessário quando o indivíduo não toma consciência de suas condições financeiras, sendo assim, esse comportamento aumenta a dívida pelo consumo compulsivo e perda do controle sobre suas finanças e comportamentos.

Neiva e Mauro (2011) destacam que características individuais como o automonitoramento – capacidade de controlar o comportamento - pode afetar a relação atitudes-comportamento, pois o nível de automonitoramento prediz se as atitudes irão influenciar o comportamento final. Contudo, partindo do pressuposto de que o aspecto cultural exerce importância diante de atitudes e comportamentos, nem sempre atitudes predizem comportamentos, pois a cultura irá determinar o grau de predição.

Artifon e Piva (2013) descrevem uma estratégia que vem sendo utilizada pela população brasileira refere-se à conscientização dos gastos, caracterizado pela educação financeira, ou seja, uma forma de preparar as pessoas para lidarem com as finanças de forma funcional, com isso o conhecimento sobre a tomada decisões e reconhecer as razões que levam às dívidas pode ajudar no processo de evitar o endividamento e controlar melhor as despesas.

Em situações de tensão econômica, as famílias tendem a buscar estratégias para superar a crise ou lidar com ela, porém pode haver consequências familiares e pessoais da tensão econômica e da adaptação a essa situação no humor psicológico, podendo gerar aflição e estresse emocional, assim como o fator psicológico pode levar a comportamentos e atitudes mal sucedidas. Nesse sentido, a gestão financeira da família demanda uma utilização consciente dos recursos para necessidades razoáveis, bem como o uso dos rendimentos para propósitos de vida consideráveis, sendo assim, o planejamento econômico é um elemento central desse processo (Conger & Elder, 1994).

Pressão econômica

O contexto no qual se desenvolveu a pressão econômica ocorreu durante a Grande Depressão, considerada como um acontecimento que abalou a economia norte-americana com início em 1929, e foi um dos piores períodos de recessão econômica, causando desemprego quedas do PIB e na produção industrial de diversos países. De acordo com Conger e Elder (1994) a grande depressão trouxe enormes dificuldades para todas as regiões dos Estados Unidos, e ainda meio século depois os tempos difíceis retornaram com dificuldades semelhantes ao que ocorreu na década de 1930, porém as dificuldades econômicas assumiram forma de crise agrícola.

A crise agrícola afetou mais o estado rural de Iowa, especialmente as famílias que viviam em fazendas e comunidades rurais. Neste sentido, com o intuito de documentar a

experiências dessas famílias, os pesquisadores da Universidade Estadual de Iowa montaram um projeto que fora financiado pela universidade e que contou com a consultoria de pesquisadores renomados. Este projeto ficou conhecido como IYFP (Projeto Iowa Juventude e Famílias) com intuito de discutir os problemas econômicos que vinham afetando as famílias e ajudá-las a desenvolver estratégias para lidar com a situação e planejar soluções futuras (Conger & Elder, 1994).

Portanto, o estudo sobre a pressão econômica advém da teoria do estresse familiar desenvolvida a partir do projeto IYFP, na qual determina que eventos ou condições estressantes promovam pressões na vida diária, afetando o humor e o comportamento individual dos membros das famílias, bem como o desenvolvimento dos filhos. Nesta teoria, a pressão econômica se configura como um dos indicadores para avaliar o estresse familiar em geral (Conger & Elder, 1994).

A teoria do estresse econômico familiar cunhado por R. D. Conger e seus colegas (Conger & Elder, 1994), levou-os a desenvolver o modelo de estresse familiar, deste modelo derivou alguns estudos e formas de avaliar a pressão econômica, que surge a partir das dificuldades econômicas advindas com a crise financeira. Este modelo postula que a pressão econômica, o estado emocional dos cuidadores, o conflito conjugal, as práticas parentais e o ajuste infantil são mediados a partir de condições econômicas difíceis, e estas condições econômicas influenciam nas oportunidades de emprego, renda e estabilidade (Conger et al., 2002).

Por ser um evento estressor, Conger, Rueter e Elder (1999) explicam que a base para explicar a pressão econômica encontra-se na hipótese de frustração-agressão proposta por Berkovitz (1989), onde ele explica que acontecimentos ou eventos estressantes, frustrantes e dolorosos estão relacionados ao aumento da aflição emocional ou afetos negativos, como

desânimo e raiva, nas pessoas, e em situações de dificuldades econômicas, esse sofrimento emocional tende a aumentar devido ao senso de incapacidade de suprir as despesas.

Portanto a investigação inicial para elaboração do modelo focou-se em algumas dimensões que envolvem a pressão econômica: perda de renda, o status de estar desempregado e endividamento. Nesse sentido os estresses financeiros abrangendo essas dimensões aumentariam a pressão financeira levando às dificuldades de pagar contas, suprir as necessidades básicas da vida ou evitar cortes dolorosos nos gastos, propondo que essa pressão vincula-se ao sofrimento emocional dos pais e aos conflitos conjugais, que por sua vez influenciam em práticas parentais ineficazes (Conger & Elder, 1994).

Para melhor compreender a pressão econômica, ela se constitui como um indicador sobre a forma como as famílias respondem em contexto de crise econômica, bem como uma avaliação subjetiva que a pessoa faz de suas condições financeiras (Conger & Elder, 1994; Ferreira, Pedro & Francisco, 2015), e está relacionada a problemas de pagar contas, atitudes sobre o que fazer frente às despesas financeiras, e o reconhecimento da família sobre as dificuldades financeiras (Kwon *et al.*, 2003).

A pressão econômica é considerada também como um construto que reflete a difícil realidade que envolve as condições financeiras precárias, como a impossibilidade de comprar, pagar, fazer cortes nos gastos diários. Esse construto ainda representa as experiências objetivas que fazem parte da trajetória econômica difícil das pessoas (Conger *et al.*, 2002).

Como a pressão econômica é um construto que reflete as dificuldades financeiras, Conger e Elder (1994) propuseram métodos e procedimentos empíricos a fim de mensurar o processo de estresse familiar, utilizando a modelagem de equações estruturais com as variáveis latentes do estresse familiar, combinando métodos observacionais, cálculos para análise do processo por medição direta ou indireta, com o intuito de identificar e descrever

como os principais processos familiares se comportam face ao estresse econômico. A pressão econômica foi considerada como uma variável exógena, enquanto o sofrimento emocional do marido e da esposa, a hostilidade do marido e a qualidade conjugal foram considerados como variáveis endógenas.

Uma maneira de mensurar a pressão econômica foi baseada por três indicadores, são estes: não conseguir arcar com as despesas, dinheiro insuficiente e ajustes econômicos ou cortes. Em cada indicador os autores elaboravam itens com perguntas que refletissem sobre o dinheiro insuficiente para as necessidades da família e a incapacidade de sobreviver, e para avaliar as estratégias familiares quanto à tensão financeira, eles utilizaram perguntas com elementos sobre redução de gastos, venda de imóveis ou uso de poupança. Em seguida foi resumida e calculada a média das respostas de maridos e esposas quanto aos indicadores, sendo avaliados em uma escala de 5 pontos. A modelagem por equações estruturais permitiu que esses três indicadores formassem um modelo ajustado de pressão econômica que seria associado a outros indicadores objetivos do status econômico, como por exemplo, tamanho da renda, valor da propriedade, e entre outros, onde foi aplicado para avaliar os mediadores e consequências da pressão econômica (Conger & Elder, 1994).

Portanto, esses indicadores forneceram o acesso às experiências das famílias sobre pressão econômica, ao avaliar a incapacidade de arcar com as despesas e a tendência para viver além dos recursos disponíveis. Além dos três indicadores, foram elaborados relatórios com as respostas aos ajustes feitos diante de recurso insuficiente. Os três indicadores incorporam o aspecto cognitivo e comportamental que foi avaliado na pesquisa.

Os autores também destacam algumas condições que aumentariam a pressão econômica nas famílias agrícolas, são estas: o endividamento, a perda de renda e trabalho instável, como índices responsáveis pela experiência de pressão econômica, bem como

foram consideradas como dimensões de investigação do estresse econômico entre as famílias na década de 1930 (Conger e Elder, 1994).

Antes de publicar a pesquisa sobre as famílias de Iowa, Conger et al. (1992) já haviam usado os indicadores em uma outra pesquisa com o intuito de avaliar o estresse econômico na vida familiar e o ajustamento adolescente. Os resultados demonstraram que as condições econômicas objetivas, ou seja, renda e o trabalho instável foram associados ao estado emocional e comportamento dos pais através de suas percepções de pressão econômica sobre a incapacidade de pagar as contas, essas percepções foram associadas aos sintomas de depressão e desmoralização de ambos os pais, levando a causar o conflito conjugal e desajustes na parentalidade, ou seja, tais perturbações no comportamento de criação dos filhos tiveram consequências para o desenvolvimento do comportamento adolescente.

O empenho em conceituar e medir a pressão econômica por Conger e Elder (1994), demonstrou que este construto reflete as dificuldades financeiras, provocando experiências frustrantes e difíceis levando ao aumento do sofrimento emocional no casal ao se depararem com a incapacidade de suprir necessidades básicas, ter que reduzir as despesas e o pagamento dos principais custos. Em linhas gerais, a pressão econômica é consequência do alto nível de estresse econômico proveniente de condições financeiras difíceis.

Apesar de ter muitos estudos contemplando este assunto, Hilton e Devall (1997) afirmam que há uma inconsistência na definição do construto, bem como medidas inadequadas que verifiquem os efeitos do estresse econômico nas famílias. As autoras ainda consideram a pressão econômica como um estressor secundário, que é resultante de um estressor primário, como por exemplo, perda do emprego ou divórcio, além de envolver problemas constantes ou tensão nas demandas financeiras quanto ao papel de provedor. Embora alguns autores utilizem os termos pressão econômica e tensão econômica, eles

tratam de um mesmo construto, mas na presente pesquisa, o termo utilizado para designar o fenômeno das dificuldades financeiras será a pressão econômica.

Impactos da pressão econômica nas famílias

O estresse econômico é um construto que pode interferir na estabilidade e no funcionamento familiar. Hilton e Devall (1997) consideram esse construto complexo e multidimensional, possuindo indicadores objetivos e subjetivos. Dentre os indicadores objetivos pode-se destacar a baixa renda, diminuição da renda e instabilidade no emprego. Enquanto os indicadores subjetivos envolvem a incerteza do emprego a partir de uma avaliação subjetiva do desemprego e a pressão econômica, que foi considerada pelas autoras como a avaliação subjetiva da atual situação financeira.

Conger et al. (1992) discutem que o estresse econômico crônico ou agudo pode impactar diretamente o bem-estar individual e as relações familiares, ou seja, as circunstâncias financeiras adversas podem afetar o estado emocional dos pais interferindo na qualidade das relações familiares por meio dos comportamentos, emoções e cognição dos pais que transmitem suas respostas diante das dificuldades econômicas.

Grande parte dos pesquisadores que avaliaram a relação entre estresse econômico e o funcionamento familiar, tiveram como base indicadores objetivos de dificuldades financeiras, como por exemplo, status socioeconômico e a instabilidade no emprego (Hilton & Devall, 1997), e a partir destes indicadores eram produzidas perguntas para indicar o grau de estresse econômico em famílias em situação de crise.

A despeito do impacto do estresse econômico nas famílias, Hilton e Devall (1977) apontam também que o estresse econômico contribuiu para o desenvolvimento de problemas físicos e psicológicos nos pais de maneira a interferir também na parentalidade.

Conger e Elder (1994) ao desenvolveram estratégias e metodologias que pudessem analisar de fato as consequências da recessão econômica sobre o processo de estresse

familiar em geral, encontraram evidências de que essas tensões ou pressões que envolvem as dificuldades financeiras tem seu maior impacto no bem-estar individual e que afeta os laços sociais. Logo, o conflito na relação familiar resultante dos problemas financeiros tendem a se tornar os estressores mais expressivos na dinâmica da família. Quando se apresenta um ou mais fatores precipitantes como perda do emprego ou perda de renda, isso tende a aumentar a irritabilidade dos pais. Sendo que o comportamento paterno foi visto como base da trajetória adaptativa da família em resposta ao estresse econômico. Diante da situação financeira difícil, os pais se tornaram mais hostis e irritáveis, propiciando ao aumento de conflitos no casamento e práticas parentais desadaptativas (Conger et al., 2002).

O impacto decorrente da experiência de dificuldades econômicas no bem-estar individual se intensifica ainda mais por causar efeitos indiretos através das respostas de outros membros da família (Conger et al., 1992). Tendo em vista que as dificuldades financeiras criam estresse e tensão nos pais, acredita-se que esses fatores aumentam o risco de sofrimento emocional, que, por sua vez, aumenta o conflito conjugal. Nestas situações, um dos estressores mais significativos quando o casal passa por dificuldades econômicas é a incapacidade de satisfazer as necessidades básicas (Conger, Rueter & Elder, 1999).

O impacto advindo das dificuldades econômicas trazem consequências severas para as famílias, tendo sido avaliado em pesquisas nos subsistemas conjugal e parental. No âmbito individual, essas dificuldades associadas à pressão econômica provocam irritabilidade, instabilidade emocional, sintomas depressivos e de ansiedade, e estresse (Conger & Elder, 1994), estes impactos se repercutem a nível conjugal levando ao conflito conjugal, a nível parental resultando em uma parentalidade hostil, de modo a refletir no ajustamento positivo dos filhos levando-os a apresentar comportamentos agressivos ou antissociais (Silvério, 2016).

Em uma pesquisa recente, Canheto (2016) realizou uma investigação em famílias com filhos jovens adultos sugerindo que essas famílias são afetadas de uma forma particular pela crise econômica, uma vez que os filhos mais velhos precisam de mais dinheiro para investir na educação, e essa dependência financeira dos filhos pode tornar as famílias mais vulneráveis à situação de crise econômica. Portanto, a pesquisa utilizou dois indicadores propostos por Conger e Elder (1994), são estes necessidades materiais insatisfeitas e o indicador de cortes e ajustes financeiros. O primeiro indicador se mostrou mais eficiente para explicar o impacto da pressão econômica no funcionamento familiar no que diz respeito aos recursos familiares, comunicação na família e dificuldades familiares, indicando que as necessidades materiais insatisfeitas levam a um pior funcionamento familiar, o que pode repercutir também individualmente na vida dos filhos por conta da dependência financeira. Já o indicador de cortes e ajustes financeiros demonstrou ter influência nos pais do que nas dificuldades familiares, resultando que os cortes realizados levam a um melhor funcionamento familiar e menos dificuldades familiares, e isto está relacionado ao comportamento de *coping* demonstrando estratégias positivas frente às dificuldades das famílias.

Uma vez que os problemas econômicos passam a afetar a vida diária, para além disso, a perda do emprego também demonstra provocar um efeito adverso sobre o estresse emocional, e esse estresse se intensifica quando o indivíduo começa a perceber a incapacidade de pagar as contas ou que as necessidades básicas não poderão ser satisfeitas (Conger et al., 1992).

Conger e Elder (1994) destacam sobre alguns estudos que comprovaram a respeito dos problemas financeiros relacionados à baixa renda e instabilidade no trabalho que geram a pressão econômica, possivelmente afetam o estresse emocional tanto em homens como em mulheres. Sendo assim, eles propõem que a pressão econômica está interligada às

condições financeiras difíceis e ao sofrimento emocional dos pais, bem como ao conflito conjugal. Além de propor também que a aflição emocional dos pais ao acentuar o conflito conjugal, comprometem as práticas parentais eficazes.

Quanto às estratégias que as famílias utilizam no contexto econômico de crise, muitas delas fazem cortes na alimentação, no vestuário, habitação, cuidados médicos e gastos com a educação dos filhos (Kwon *et al.*, 2003). A pressão econômica está relacionada a dificuldades financeiras diárias que estão associadas a condições econômicas estressantes, e essas dificuldades diárias tendem a impactar na interação e qualidade no relacionamento interpessoal e práticas parentais (Conger & Elder, 1994).

Em muitos casos, as dificuldades financeiras levam ao endividamento, e conforme Ribeiro *et al.* (2015) este aspecto colabora para que aumente a vulnerabilidade a acontecimentos pessoais que podem comprometer o equilíbrio financeiro das famílias e conseqüentemente o pagamento das dívidas. Os autores ainda afirmam que uma das variáveis possíveis que promovem o endividamento é o desemprego, pois os efeitos da crise econômica acomete o mercado de trabalho e gera posteriormente o endividamento das famílias.

Causas e efeitos da crise financeira são amplamente conhecidos, porém as buscas por uma medida que mensure situações econômicas instáveis que envolvem as famílias concentram-se em pesquisas que se encontram no âmbito internacional. Muito embora, no Brasil ainda pode-se encontrar na literatura pesquisas que envolvem o manejo do dinheiro entre casais utilizando o questionário *Dyadic Adjustment Scale* (DAS), no qual avaliou-se o manejo do dinheiro pelos casais, investigando também a relação com a qualidade conjugal (Hart, 2013).

Além disso, foi realizada uma busca no âmbito nacional e internacional sobre revisão sistemática de medidas de pressão econômica, não sendo encontradas pesquisas relevantes

que correspondessem ao tema abordado, contudo no Brasil foi encontrada uma revisão sistemática sobre “Dinheiro e Conjugalidade” elaborada por Cenci, Bona, Crestani e Habigzang (2017), resultando em estudos que apresentaram a relação inerente entre o dinheiro e a relação conjugal que gera o conflito e desacordos financeiros, que pode ser considerado como preditor do divórcio, além disso, o manejo do dinheiro esteve associado à satisfação conjugal e componentes afetivos. Esta foi a revisão sistemática que mais se aproximou do tema por envolver o componente financeiro, o que justifica a importância de organizar uma revisão sistemática sobre pressão econômica e suas medidas diante da lacuna existente na produção científica.

Entretanto, ainda não há no Brasil pesquisas que demonstrem os efeitos da crise econômica nas famílias, especificamente na área da psicologia, envolvendo a pressão econômica, com o uso de medidas para esse construto específico. Contudo, podemos encontrar na literatura um ramo que se constitui como Psicologia Econômica, este conceito foi utilizado pela primeira vez por Gabriel Tarde em 1881 em um artigo científico, onde ele considerava que os fenômenos econômicos demandavam uma análise mais profunda dos elementos psicológicos envolvidos. A fronteira entre psicologia e economia estuda o comportamento econômico dos indivíduos e grupos envolvendo diferentes vértices teóricos e metodológicos, neste sentido essa área passou a ser uma disciplina integrada à grade curricular de universidades norte-americanas e europeias. No Brasil a expansão dessa área ocorreu por volta do século XXI, podendo-se encontrar em um programa de pós-graduação a linha de pesquisa sobre Psicologia Econômica na Universidade Federal do Pará. Pesquisas nessa área envolvem temas como inflação, significado do dinheiro, finanças comportamentais, psicologia do consumidor e educação financeira, envolvendo métodos transdisciplinares e até criação de escalas (Ferreira, 2007).

No que diz respeito à pressão econômica, estudos que a definiram foram encontrados no meio internacional, esses estudos incluem medidas que utilizaram os indicadores que foram adaptados e baseados principalmente no trabalho teórico de Conger e Elder (1994). Portanto, tendo como pergunta norteadora “Quais são as medidas existentes sobre pressão econômica na área da Psicologia no contexto nacional e internacional?”, objetivou-se realizar uma revisão sistemática da produção científica sobre a pressão econômica e medidas que se propõe a avaliá-la, a fim de verificar a existência de medidas eficientes para mensurar tal construto. A partir dos resultados, discutem-se os principais aspectos de cada escala e as possíveis limitações que apresentam além da importância das evidências de validade para as medidas, bem como a elaboração de uma nova escala que contemple os elementos propostos na literatura.

Método

Procedimentos

Realizou-se uma revisão sistemática da literatura em setembro de 2018, no que diz respeito à temática, possuindo natureza descritiva, propondo-se a buscar em bases de dados medidas sobre o construto de pressão econômica ou que mede a crise financeira, em que pode ser evidenciado os impactos na família, buscando estudos dos últimos dezessete anos que continham pelo menos um dos seguintes termos: “pressão econômica”, “escala”, “medida” e “crise econômica”. Os procedimentos de busca, seleção e análise dos artigos foram realizadas por dois juízes independentes iniciando-se com a formulação e delimitação da pergunta de pesquisa, em seguida foi realizada a escolha das bases de dados e seleção das palavras-chave para busca, os demais procedimentos foram conduzidos em cinco etapas: (1) busca de artigos nas bases de dados; (2) seleção dos artigos pelo título e resumo, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão; eliminação de estudos repetidos nas bases de dados e definição da seleção inicial dos artigos; (3) análise dos artigos: aplicando os critérios para

inclusão e exclusão; (4) verificação da concordância entre os juízes dos estudos para análise dos dados; (5) análise crítica, síntese e interpretação dos estudos incluídos por decisão dos juízes.

O procedimento de busca nas bases de dados foi realizado no Portal de Periódicos da CAPES, estendendo o acesso a outras bases como: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), SocINDEX, PsycINFO, *Wiley Online Library* e *Springer Link*. Procedeu-se a pesquisa com a utilização de descritores nos idiomas (inglês e português), entre os anos de 2001 a 2018. Na língua inglesa, foi empregada a estratégia de busca utilizando-se os operadores *booleanos* na seguinte associação: a) (*scale economic pressure OR measure economic pressure*) AND (*scale economic crisis OR measure economic crisis*); e no português, b) (medida de pressão econômica OR escala de pressão econômica).

Consideraram-se como critérios de inclusão estudos que contemplaram: (1) resultados empíricos que apresentam medidas sobre o construto de pressão econômica ou crise financeira; (2) estudos que apresentam parâmetros psicométricos ou consistência interna do instrumento; (3) estudos que apresentam o impacto da pressão econômica nos indivíduos ou nas famílias. Já os critérios de exclusão foram estendidos para teses, dissertações, capítulos de livro e aqueles estudos que se repetiam em bases de dados, que apresentavam questionários com perguntas abertas para verificar a crise financeira, estudos que relacionavam os fatores socioeconômicos com fatores que não envolviam as famílias, aqueles que tratavam sobre a crise econômica, mas não apresentavam uma medida para o construto em questão. Na etapa que corresponde à exclusão dos estudos, excluiu-se um estudo por não corresponder aos critérios de inclusão, em contrapartida foi incluso um estudo de 1997 encontrado nas referências do estudo excluído, o qual se encaixava nos critérios de inclusão.

Após o emprego dos critérios de inclusão e exclusão, os artigos foram lidos cuidadosamente e analisados na íntegra por dois juízes independentes, sendo elegidos e categorizados quanto ao: instrumento, participantes, tipo de estudo, país de origem e descrição da medida. Depois da extração das informações, procedeu-se com a comparação dos resultados, realizando-se análise crítica dos estudos, buscando a síntese e interpretação dos dados.

Resultados e discussão

A busca nas bases de dados resultou em 85 artigos, conforme mostra o Fluxograma (Figura1) do levantamento das bases de dados: SciELO (13), SocINDEX (4), PsycINFO (19), *Wiley Online Library* (27) e *Springer Link* (22). Destes 85 artigos, foram excluídos 54 por não se encaixarem nos critérios de inclusão, posteriormente restaram 31 artigos para avaliação, destes, 15 foram excluídos por estarem repetidos entre as bases de dados. Posteriormente, os juízes analisaram 16 estudos restantes, sendo 6 considerados para exclusão e 10 relevantes para análise.

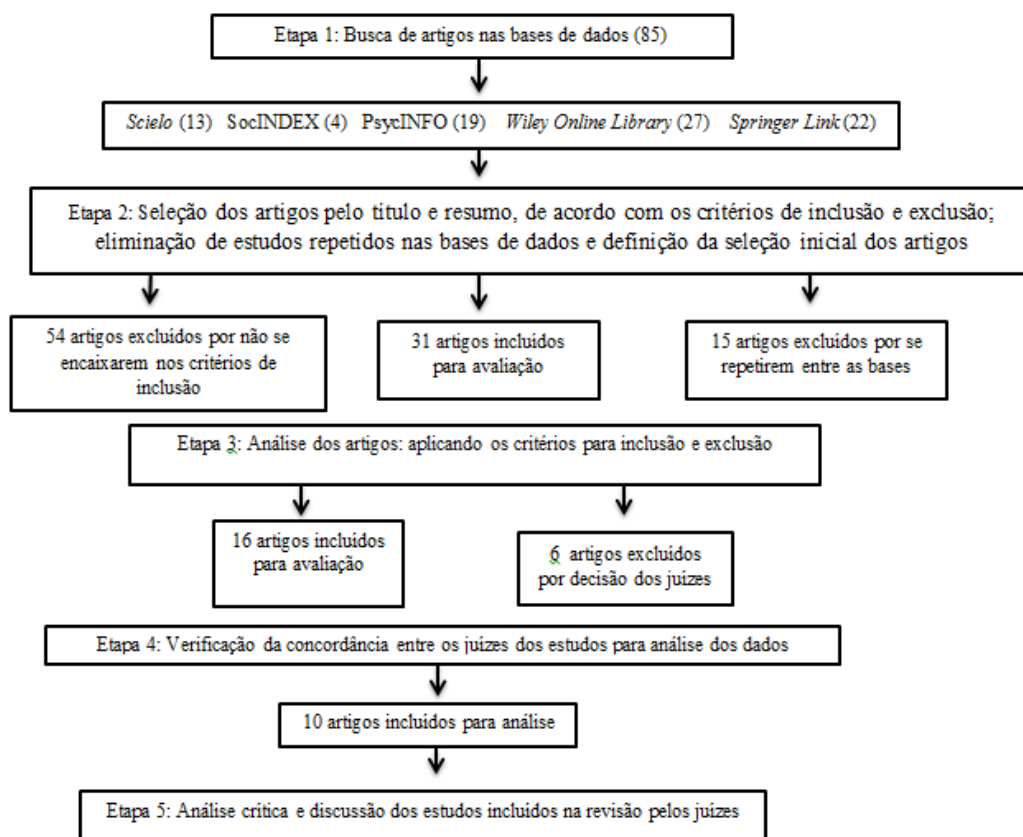


Figura 1
Fluxograma de levantamento das bases de dados, exclusão e seleção dos estudos.

Os estudos incluídos apresentam medidas de autorrelato, contendo algumas de suas propriedades psicométricas. As medidas resultantes são provenientes de pesquisas internacionais, pois não foram encontrados estudos desenvolvidos no Brasil sobre medidas de pressão econômica, sendo assim foi analisada uma amostra final de 10 estudos, como pode ser demonstrado na Tabela 1. Pode-se perceber na distribuição dos países, a predominância de estudos que foram desenvolvidos nos Estados Unidos (n=4), seguido pela Austrália (n=1), Canadá (n=1), Grécia (n=1), Portugal (n=1), Espanha (n=1) e China (n=1), como demonstrado na literatura, esses países sofreram fortes impactos da recessão econômica.

Tabela 1 Caracterização dos Estudos sobre medidas de pressão econômica ou crise financeira

Autores	Instrumento	Participantes	Tipo de estudo	País de origem	Descrição da medida
1. Hilton & Deval (1997).	The Family Economic Strain Scale	235 mães e pais solteiros, incluindo mães casadas e filhos casados.	Construção do instrumento	Estados Unidos	Escala de autorelato com 13 itens, cada item com uma escala de resposta do tipo Likert de cinco pontos. A análise fatorial indicou uma estrutura unidimensional de tensão econômica.
2. Barrera, Caples & Tein, (2001).	Psychological Sense of Economic Hardship	319 pais de alunos do 7º e 8º ano.	Validar as medidas	Estados Unidos	Foram utilizadas quatro escalas separadas para o desenvolvimento do construto de dificuldades econômicas: Ajustes Econômicos e Cortes = foram avaliados com nove itens para averiguar o exercício de outro emprego, assistência do governo e venda de propriedades. Dinheiro insuficiente para as necessidades = foi avaliado com sete itens para averiguar a necessidade do dinheiro. Incapacidade de fazer face às despesas = foi investigada através de dois itens -

					dificuldade em pagar contas e ter dinheiro sobrando no final do mês.
3. McCabe & O'Connor (2009).	The economic pressure scale (EPS)	257 pessoas com doença neurológicas progressivas		Austrália	A EPS foi revisada, consistindo em uma escala de 6 itens.
4. Knoll & Houts (2012).	The Financial Knowledge Scale	2.539 indivíduos acima de 18 anos	Desenvolvimento da medida a partir da Teoria de Resposta ao Item (TRI)	Estados Unidos	A escala é composta por 20 itens, apresentando um modelo unidimensional.
5. O'Neill & Xião (2012).	Financial Fitness Quiz	10.661 indivíduos da população geral	Investigar as práticas financeiras	Estados Unidos	O Questionário de Aptidão Financeira, inicialmente era um questionário de autoavaliação online baseado em recomendações para um planejamento financeiro contendo 20 itens, destes itens, 17 foram aproveitados e sendo acompanhados por uma escala <i>Likert</i> de 5 pontos – sempre (5), geralmente (4), às vezes (3), raramente (2) e nunca (1).
6. Marjanovic, Greenglass, Fiksenbaum & Bell (2013).	Financial Threat Scale (FTS)	No estudo a escala foi aplicada em 480 estudantes universitários	Avaliar as propriedades psicométricas da escala.	Canadá	A escala contém 5 itens empregados em uma escala de cinco pontos, estes itens envolve os elementos de incerteza, risco, ameaça percebida,

				validade e preocupação com as finanças pessoais.
7. Economou, Madianos, Peppou, Patelakis & Stefanis (2013).	Index of Personal Economic Distress	2.256 pessoas da população geral	Grécia	Medida de autorrelato abrangendo 8 perguntas que descrevem a dificuldade dos participantes em atender às demandas financeiras diárias de um domicílio. O indivíduo pontuaria na escala entre 8 a 24, porém o valor "15" foi considerado como ponto de corte, ou seja, os participantes que ficaram abaixo do ponto de corte foram considerados com baixo estresse econômico, enquanto os participantes que pontuaram acima do ponto de corte foram considerados em grande dificuldade financeira.
8. Frasquilho, de Matos, Gaspar & de Almeida, (2016).	Economic crisis repercussions scale	2748 adolescentes	Portugal	A escala é composta por 15 itens destinados a avaliar as repercussões da recessão econômica. Os itens foram carregados em 3 fatores: 1) alterar menor estilo de vida; 2) mudanças

					negativas no estilo de vida; 3) alterar principal estilo de vida negativo.
9. Manzano-García, Montañés, & Megías (2017).	Scale of perception of threat of the crisis	166 estudantes de enfermagem	Desenvolvimento da escala	Espanha	A escala consiste em 7 itens, para os quais os participantes classificam até que ponto eles consideram que a crise está afetando-os negativamente e pode afetá-los em termos de emprego, tendo apresentado um único fator.
10. Ying, Yan, Shen, Jia & Lin (2018).	Perceived Economic Strain Scale (PESS)	437 crianças de escola pública		China	A escala contém 4 itens projetados para estimar a frequência com que as crianças experimentam tensão econômica em sua vida. Os itens envolvem perguntas como "nós não temos dinheiro suficiente para comprar comida", " não temos o dinheiro suficiente para comprar roupas ", " não temos dinheiro suficiente para comprar um apartamento confortável ", e " temos que adiar atividades familiares (por exemplo, férias, filmes e outros eventos especiais) por conta das despesas. Os itens foram avaliados

em uma escala
Likert de 5 pontos
variando de 1 =
“não” para 5 = “
muito
frequentemente”.

Os instrumentos selecionados possuem, no mínimo, uma estrutura unidimensional. Além disso, foram encontradas medidas voltadas para crianças, adolescentes e adultos, nos mais variados públicos-alvo, como também, grande parte dos estudos foram publicados a partir de 2009.

A Family Economic Strain Scale foi desenvolvida por Hilton e Devall (1997), os autores tiveram como propósito de pesquisa avaliar a tensão econômica percebida em famílias monoparentais e biparentais a partir da elaboração de um instrumento confiável já que não haviam encontrado estudos que usassem uma medida de tensão econômica desenvolvida para famílias monoparentais. Segundo estes autores, as dificuldades econômicas percebidas por pais ou mães solteiros (as) vão muito além de suprir as necessidades básicas, pois há também a preocupação com a segurança na moradia, cuidado com os filhos e dinheiro de sobra para emergências, levando em consideração também que muitas famílias monoparentais vivem na pobreza.

Por tais questões não terem sido contempladas em pesquisas anteriores, Hilton e Devall (1997) desenvolveram itens para compor a Escala de Estresse Econômico Familiar (FESS) que foi aplicada a pais casados e divorciados, resultando em uma medida robusta e confiável, apresentando uma dimensão, medindo o conceito de tensão econômica obtendo o Alfa de Cronbach igual a 0,95. Contudo, pelo objetivo do estudo a amostra utilizada para o desenvolvimento do instrumento contou com famílias monoparentais e pais separados, como também famílias biparentais nucleares, tendo como foco o divórcio como fator que promove

as dificuldades econômicas, podendo-se considerar que a estrutura fatorial de tal medida possa reagir de forma inconsistente apenas em famílias nucleares.

Barrera, Caples e Tein (2001) realizaram uma pesquisa com o intuito de desenvolver uma abordagem para avaliar o sentido psicológico das dificuldades econômicas. Nesse sentido os pesquisadores tomaram como exemplo a modelagem de medição proposto por Conger e Elder (1994) como forma de medir a pressão econômica. Portanto, neste estudo os pesquisadores pretenderam estimar um modelo de dificuldades econômicas subjetivas, testando a relação entre os indicadores objetivos do status econômico com o construto de dificuldades econômicas subjetivas, no qual avaliou a equivalência do modelo em três grupos étnicos, a saber: afro-americanos, europeus americanos e mexicanos americanos, para verificar se a construção desse construto de dificuldades econômicas tem o mesmo significado em diferentes grupos étnicos.

Para compor o construto de dificuldades econômicas, foram consideradas quatro escalas: Ajustes econômicos e cortes, sendo avaliados com nove itens, obtendo a confiabilidade a partir do índice de Kuder-Richardson 0,70 para mães e 0,73 para os pais; Dinheiro insuficiente foi avaliado com sete itens em uma escala de cinco pontos para expressar a gravidade de escassez de dinheiro, resultando em um alfa de Cronbach 0,85 para as mães e 0,88 para os pais; a Incapacidade de fazer face às despesas, ou seja, dificuldades em pagar as contas e ter dinheiro sobrando no fim do mês foi avaliado por dois itens em uma escala de cinco pontos, resultando em uma correlação entre os dois itens de 0,77 para as mães e 0,71 para os pais. Estas três escalas tiveram como base o método utilizado por Conger e Elder (1994).

Uma outra escala a respeito da tensão financeira foi composta por dois itens relacionados à antecipação de dificuldades futuras e reduções no padrão de vida das famílias, sendo avaliados em uma escala de cinco pontos, tendo apresentado uma correlação

entre os itens de 0,74 para as mães e 0,72 para os pais. Quanto à validade de construto das dificuldades econômicas subjetivas, foi estabelecido um modelo de relações entre os indicadores objetivos - status econômico, e o construto em questão. Em virtude do limitado tamanho da amostra, os parâmetros foram restringidos a apenas um fator para cada uma das três escalas de dificuldades econômicas que tinham vários indicadores, não se constituindo uma amostra representativa, podendo não apresentar as possíveis diferenças entre os grupos. Outra limitação que esse modelo apresenta é a falta de dados longitudinais para estabelecer mudanças nas dificuldades econômicas objetivas ou subjetivas e para interpretar a relação entre os critérios e preditores de tal construto.

Outra medida encontrada foi a Escala de Pressão Econômica (EPS) presente no estudo de McCabe & O'Connor (2009), utilizada para avaliar a experiência de pessoas com doenças neurológicas progressivas para prever a pressão econômica. A escala é uma versão revisada contendo seis itens avaliados na escala Likert de cinco pontos, resultando em um coeficiente alfa de 0,87. O estudo não apresenta outras informações desta escala, porém percebeu-se que foi uma escala adaptada do estudo de Conger et al. (1992), no qual os itens foram construídos como forma de avaliar o sentido das dificuldades econômicas quanto aos custos financeiros que a doença pode dispor. Portanto, essa escala não representa o construto de pressão econômica de forma ampla, por ter um número de itens reduzidos e falta de evidências da qualidade dos itens.

Knoll e Houts (2012) desenvolveram um estudo que envolveu a educação financeira, por considerarem a necessidade de elaborar uma medida com rigorosas análises psicométricas que refletisse o conhecimento financeiro e as dimensões da experiência financeira. A escala foi elaborada a partir de diversas pesquisas aplicadas nos EUA com a utilização da abordagem psicométrica da TRI (Teoria de Resposta ao Item), incluindo itens que abordam uma ampla variedade de valores de dificuldade que permite obter informações

sobre o conhecimento financeiro dos indivíduos em vários níveis de habilidade. A confiabilidade marginal da escala no grupo de referência foi 0,85, apresentando um modelo unidimensional. Apesar de envolver o componente financeiro, esta escala não reflete necessariamente o estresse econômico advindo de situações de tensão financeira, ela mede apenas o componente do conhecimento financeiro, tendo um foco específico na educação financeira dos indivíduos.

Já O'Neill e Xião (2012) investigaram o desempenho de 20 práticas financeiras antes e depois da crise que ocorreu por volta de 2005. Além de apresentar estudos recentes sobre as práticas financeiras de famílias antes e depois da crise nos EUA, a literatura também aborda informações sobre formas de reagir dos indivíduos diante de eventos econômicos críticos contendo respostas particulares sobre a crise financeira. O estudo teve como hipótese norteadora sobre o aumento da consciência para tomar medidas para melhorar suas finanças, tendo sido utilizado o *Financial Fitness Quiz* - Questionário de Aptidão Financeira, inicialmente era um questionário de autoavaliação financeira online baseado em recomendações para um planejamento financeiro contendo 20 itens, destes itens, 17 foram aproveitados e sendo acompanhados por uma escala *Likert* de 5 pontos – sempre (5), geralmente (4), às vezes (3), raramente (2) e nunca (1). A estrutura apresentou três elementos fatoriais, bem como seus respectivos índices de confiabilidade: orçamento 0,76; gastos 0,72 e economia 0,88.

O *Financial Fitness Quiz* teve como propósito saber dos usuários um *feedback* instantâneo sobre suas práticas financeiras, contendo etapas de ação recomendadas, bem como gerar dados para pesquisas empíricas desenvolvidas sobre comportamento financeiro (O'Neill, 2003). Os itens foram convertidos em três categorias comportamentais - orçamento, gastos e poupança – sendo significativamente maiores após o início da crise financeira. O questionário foi aplicado na população dos EUA, diante disso a pesquisa

apresentou suas limitações que não permitiram generalizar os resultados, pois a maior parte da amostra foi composta por pessoas de maior nível educacional do que a população geral dos EUA, algumas perguntas estão inclinadas para um maior pico de renda em tempos fora da crise econômica, ou seja, o questionário contém itens que representam situações onde não ocorriam dificuldades econômicas.

Em outro estudo, Marjanovic, Greenglass, Fiksenbaum e Bell (2013) abordaram os efeitos negativos causados pela “Grande Recessão”, como o aumento da insegurança no trabalho, aumento da dívida e perdas de investimento. Os desgastes nas finanças pessoais levam a emergir problemas psicológicos nos indivíduos devido à crise econômica. Portanto, as autoras consideram a avaliação do estresse necessária para preencher a lacuna entre o bem-estar financeiro e psicológico, para avaliar o grau de ameaça percebido do estressor, em seguida avaliaram-se algumas abordagens para lidar com as ameaças. Neste sentido, quando os indivíduos percebem sua situação financeira desestabilizada, tendem a experimentar altos níveis de ameaça, envolvendo medo, incerteza e preocupação sobre a segurança e estabilidade financeira.

Nesta perspectiva, o estudo elaborado por Marjanovic et al. (2013) teve por objetivo testar a recém elaborada *Financial Threat Scale* (FTS), ou seja, Escala de Ameaça Financeira no contexto da grande recessão econômica. A escala contém cinco itens empregados em uma escala de cinco pontos, estes itens envolve os elementos de incerteza, risco, ameaça percebida, validade e preocupação com as finanças pessoais, sendo aplicada em estudantes universitários, os resultados demonstrados pela FTS foram carregados em um único componente, refletindo uma medida unidimensional e altamente confiável, apresentando o Alfa de Cronbach de 0,89.

Percebeu-se que esta escala esta mais voltada para investigar o efeito da crise econômica na saúde mental dos indivíduos, tendo sido aplicada em conjunto com outras

escalas que avaliaram os aspectos psicológicos e a saúde geral, para que se avaliasse o impacto das dificuldades financeiras na saúde mental. Embora tenha apresentado propriedades psicométricas adequadas, a escala em si não abrange o construto de pressão econômica na sua magnitude, além de possuir poucos itens, no estudo em questão foi necessário relacioná-la a outras escalas para representar a ameaça financeira na vida dos indivíduos.

Já Economou, Madianos, Peppou, Patelakis e Stefanis (2013) procuraram avaliar o impacto da crise econômica sobre a saúde da população grega através do *Index of Personal Economic Distress* (IPED) ou Índice de Desastre Econômico Pessoal. Esta medida de autorrelato contém oito itens que descrevem a dificuldade dos participantes em atender às demandas financeiras diárias de um domicílio durante os últimos seis meses, sendo avaliada em uma escala de resposta de três pontos: nunca (1), às vezes (2) e frequentemente (3). Quanto as propriedades da escala, a pontuação variava entre um ponto 8 (sem problemas econômicos) a 24 (problemas econômicos), sendo considerado o valor "15" como ponto de corte específico para diferenciar pessoas com pontuações abaixo desse ponto apresentaram baixo estresse econômico, enquanto outras pessoas que pontuaram acima do ponto de corte foram consideradas com grandes dificuldades financeiras, além disso, a escala apresentou boa consistência interna (Cronbach 0,93).

Um estudo feito em Portugal teve como objetivo investigar a repercussão percebida pelos jovens sobre a recessão econômica associada à satisfação com a vida, como também avaliar diferenças entre o status de emprego dos pais e a riqueza da família. Neste estudo a variável “emprego dos pais” foi considerada como foco, pois parece moderar o impacto da recessão econômica, diante disso algumas pesquisas demonstram que os jovens que tem pais desempregados são mais propensos a experimentar menor satisfação com a vida (Frasquilho, de Matos, Gaspar & de Almeida, 2016).

Para investigar a repercussão da crise econômica, Frásquilho et al. (2016) utilizaram uma escala que foi elaborada a partir das conclusões do relatório de pesquisa da UNICEF em um trabalho que aconteceu na Irlanda, esta escala foi desenvolvida por uma equipe de portugueses, espanhóis e gregos, e ficou intitulada como Escala de Repercussões da Crise Econômica, resultando em três fatores: 1) alterar menor estilo de vida; 2) mudanças negativas no estilo de vida; 3) alterar estilo de vida negativo principal. Esta é uma medida que apresenta itens com perguntas para um público alvo específico, como por exemplo, “Eu me sinto mais responsável por ter boas notas” e “Meus pais estão mais irritáveis e nervosos do que antes”, sendo destinados às percepções do público adolescente, bem como já foi descrito em uma de suas variáveis envolver o emprego dos pais, isto dificulta uma investigação mais ampla de outros membros familiares quanto as dificuldades financeiras.

Manzano-García, Montañés, e Megías (2017) desenvolvera a *Scale of perception of threat of the crisis*, com o objetivo de avaliar a percepção dos estudantes de enfermagem sobre a ameaça da crise, e se esta influenciaria em seus níveis de *burnout*. A escala apresenta sete itens com intuito de classificar o impacto negativo da crise quanto ao emprego (“Você acha que a crise pode afetar suas oportunidades de emprego?” ou “Você acha que a crise atual vai afetar sua integração no mercado de trabalho?”). Quanto à estrutura interna da medida, a análise fatorial demonstrou um único fator, apresentando também o Alfa de Cronbach 0,75. No entanto, a escala possui itens que expressam apenas os impactos da crise sobre o emprego, ou seja, envolve apenas uma dimensão que é afetada pela crise econômica.

Na China, Ying, Shen, Jia e Lin (2018) examinaram os papéis mediadores da comunicação entre pais e filhos e a relação entre pressão econômica e solidão nas crianças. Para isso, os pesquisadores utilizaram uma escala de estresse econômico percebido, na qual contém quatro itens projetados para estimar a frequência com que as crianças experimentam

tensão econômica em sua vida. Os itens envolvem perguntas como "nós não temos dinheiro suficiente para comprar comida", " não temos o dinheiro suficiente para comprar roupas ", " não temos dinheiro suficiente para comprar um apartamento confortável ", e " temos que adiar atividades familiares (por exemplo, férias, filmes e outros eventos especiais) por conta das despesas. As crianças avaliaram os itens em uma escala *Likert* de 5 pontos variando de 1 = "não" para 5 = " muito frequentemente".

Investigar a pressão econômica em crianças envolveu esta medida mais simples e adequada, e assim como na escala apresentada no estudo de Frásquilho et al. (2016), esta escala de estresse econômico percebido tem como alvo a percepção das crianças quanto às dificuldades financeiras, não se mostrando uma medida ajustada para a percepção geral de outros indivíduos com idade avançada, embora apresente boa consistência interna o construto de pressão econômica não seria bem representado se fosse aplicado em outros sujeitos podendo haver inconsistências na sua definição operacional.

Verificou-se que nas medidas de autorrelato encontradas, alguns estudos demonstram que estas apresentam uma única dimensão, embora duas delas tenham sido baseadas nos trabalhos de Conger et al. (1992), as medidas não contemplam todas as dimensões de pressão econômica propostas por Conger e Elder (1994), e para que o construto tenham uma representação adequada de acordo com a teoria que sustenta a elaboração do novo instrumento, Pasquali (1999) afirma que na elaboração de instrumentos psicológicos a partir de um polo teórico, tem como foco a teoria que fundamenta qualquer empreendimento científico, ou seja, por essa vertente que se explica o objeto psicológico para o qual se pretende construir um instrumento de medida. Além disso, a maioria das medidas não apresentaram evidências de validade para outros contextos culturais, podendo apresentar variância em diferentes amostras.

Com relação ao ano de publicação, os estudos datam de 1997 até 2018, período no qual se pode observar um aumento nas produções especialmente sobre a pressão econômica a partir do ano de 2008, período em que a crise eclodiu mundialmente a partir de 2007 trazendo consequências para a população e para a economia, e isto levou os pesquisadores a investigar os impactos da pressão econômica nos indivíduos e na dinâmica familiar, contudo a partir do levantamento feito diversas formas de medida se propõem a medir a pressão econômica ou repercussão da crise financeira, mas necessita-se de um instrumento que possa avaliar o construto de forma eficiente.

Apesar da existência de algumas medidas de pressão econômica, ainda se faz necessário desenvolver e validar outros métodos práticos para avaliar esse construto. Algumas medidas existentes ficam limitadas e reduzidas para uma melhor avaliação do construto como propõe Conger e Elder (1994), além de inexistir em alguns estudos dados de validade, bem como a equivalência entre diferentes culturas. Embora a pesquisa se pautar no modelo desenvolvido por Conger e Elder (1994) para medir a pressão econômica, ainda não ficou claro sua metodologia e se pode ser generalizado, da forma como foi metodologicamente avaliado, para outros indivíduos que não pertencem à população rural, e muitas das escalas encontradas não apresentam a avaliação das dimensões teoricamente proposta por Conger e Elder (1994): perda de renda, trabalho instável ou status de estar desempregado e endividamento. Sugerindo assim a elaboração de uma medida que represente essas dimensões ao avaliar membros da família de acordo com os pressupostos do Modelo de estresse familiar.

Discussão

O levantamento das medidas acima evidencia a lacuna existente quanto a uma medida de pressão econômica que represente o construto e envolva a população de modo geral. Os estudos trazem diferentes objetivos e como foi demonstrado, as escalas são

aplicadas em públicos específicos. Contudo, estas escalas servem de base para se pensar em questões mais abrangentes da pressão econômica.

Devido à complexidade do construto de pressão econômica, por envolver tanto aspectos comportamentais e psicológicos, como também afetar vários cenários sociais, a construção de uma medida de pressão econômica neste trabalho implica ter como foco pessoas que em plena idade adulta estão sujeitas às dificuldades econômicas, para que se investigue e analise a proporção deste fenômeno como um todo e seus efeitos no âmbito familiar.

Deste modo, propor uma nova medida pode contribuir para ampliação da compreensão sobre o construto da pressão econômica, avaliando sua adequação em outros contextos para dar respaldo ao novo instrumento que será elaborado, bem como a associação com outras variáveis, como sugestão para pesquisas futuras. Tendo em vista que esta revisão sistemática favoreceu uma reflexão sobre a falta de uma medida de pressão econômica envolvendo as dimensões propostas, considera-se a elaboração de um instrumento de acordo com a teoria do modelo de estresse familiar nos estudos posteriores, no qual essa medida possa avaliar a experiência subjetiva dos membros do casal, bem como se sugere em pesquisas futuras elaborar uma medida de pressão econômica para avaliar o público em geral, mas que tenha como base as dimensões teóricas da pressão econômica.

Referências

- Artifon, S., & Piva, M. (2013). Endividamento nos dias atuais: fatores psicológicos implicados neste processo. *Psicologia.Pt*. Recuperado de <http://http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0771.pdf>.
- Barrera, M., Caples, H., & Tein, J. Y. (2001). The psychological sense of economic hardship: Measurement models, validity, and cross-ethnic equivalence for urban

- families. *American Journal of Community Psychology*, 29(3), 493-517. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11469118>.
- Berkowitz, L. (1989). Frustration-aggression hypothesis: Examination and reformulation. *Psychological Bulletin*, 106, 59-73. Recuperado de <http://psycnet-apa.org.ez17.periodicos.capes.gov.br/fulltext/1989-36458-001.html>.
- Campara, J. P., Vieira, K. M., & Ceretta, P. S. (2016). Entendendo A Atitude Ao Endividamento: Fatores Comportamentais E Variáveis Socioeconômicas O Determinam? *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 15(1), 5-24. Recuperado de <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/view/2012>.
- Canheto, J. R. C. (2016). *Famílias com jovens adultos em context de crise: pressão econômica e funcionamento familiar reportado por pais, mães e filhos jovens adultos*. (Dissertação de mestrado). Universidade de Coimbra, Portugal. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10316/33111>.
- Cenci, C. M. B., Bona, C. S., Crestani, P. L. & Habigzang, L. F. (2017). Dinheiro e conjugalidade: uma revisão sistemática da literatura. *Temas em Psicologia*, 25(1), 385-3. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000100020. doi: 10.9788/TP2017.1-20.
- Conger, R. D., & Elder, G. H. (1994). *Families in troubled times: Adapting to change in rural America*. Hawthorne, NY: Aldine de Gruyter. <https://eric.ed.gov/?id=ED391634>.
- Conger, R. D., Conger, K. J., Elder Jr, G. H., Lorenz, F. O., Simons, R. L., & Whitbeck, L. B. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys. *Child development*, 63(3), 526-541. Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-8624.1992.tb01644.x>.

- Conger, R. D., Rueter, M. A., & Elder, G. H., Jr. (1999). Couple resilience to economic pressure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 54 – 71. Recuperado de <http://psycnet.apa.org/fulltext/1999-00166-005.html>.
- Conger, R. D., Wallace, L. E., Sun, Y., Simons, R. L., McLoyd, V. C., & Brody, G. H. (2002). Economic pressure in African American families: a replication and extension of the family stress model. *Developmental psychology*, 38(2), 179-193. Recuperado de <http://psycnet.apa.org/record/2002-10732-001>.
- Costa, S., & Farinha, L. (2012). O endividamento das famílias: uma análise microeconómica com base nos resultados do inquérito à situação financeira das famílias. *Relatório de Estabilidade Financeira Maio*, 137-164. Recuperado de https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/papers/ar201201_p.pdf.
- Cunha, D., & Relvas, A. P. (2016). Crise económica e dificuldades familiares: Duas faces da mesma moeda?. *Psychologica*, 58 (2), 25-39. Recuperado de <http://iduc.uc.pt/index.php/psychologica/article/view/3180>.doi:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_582_2.
- Economou, M., Madianos, M., Peppou, L. E., Patelakis, A., & Stefanis, C. N. (2013). Major depression in the era of economic crisis: a replication of a cross-sectional study across Greece. *Journal of affective disorders*, 145(3), 308-314. Retirado de <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0165032712005770>.
- Ferreira, S. I., Pedro, M. F., & Francisco, R. (2015). Entre marido e mulher, a crise mete a colher: A relação entre pressão económica, conflito e satisfação conjugal. *Psicologia*, 29(1), 11-22. Recuperado de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/16012>.
- Ferreira, V. R. M. (2007). *Psicologia econômica: origens, modelos, propostas*. (Tese de Doutorado). Recuperado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17173>

Frasquilho, D., de Matos, M. G., Gaspar, T., & de Almeida, J. C. (2016). Young people's well-being and the economic crisis: How does parental unemployment and family wealth affect the downturn experience?. *Children and Youth Services Review*, 69, 219-222. Recuperado de <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0190740916302663>.

Gonçalves, R. (2008). A crise internacional e a América Latina. Com referência especial ao caso do Brasil. *Escola de Políticas Públicas e de Governo, IUPERG, July*. Recuperado de http://www.ie.ufrj.br/intranet/ie/userintranet/hpp/arquivos/a_crise_financeira_internacional_america_latina_e_brasil_outubro_2008.pdf.

Harth, J. (2013). *O manejo do dinheiro pelo casal e suas implicações na qualidade conjugal*. (Dissertação de mestrado). Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo. Recuperado de <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4345>.

Hilton, J. M., & Devall, E. L. (1997). The Family Economic Strain Scale: Development and evaluation of the instrument with single-and two-parent families. *Journal of Family and Economic Issues*, 18(3), 247-271. Retirado de https://www.researchgate.net/publication/225707374_The_Family_Economic_Strain_Scale_Development_and_Evaluation_of_the_Instrument_with_Single-_and_Two-Parent_Families.

Júnior, A. A. S. (2018). Crise econômica, luta de classes e Serviço Social no Brasil. *Revista Katálysis*, 21(1), 96-107. Retirado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141449802018000100096&script=sci_abstract&lng=pt.

- Knoll, M. A., & Houts, C. R. (2012). The financial knowledge scale: An application of item response theory to the assessment of financial literacy. *Journal of Consumer Affairs*, 46(3), 381-410. Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1745-6606.2012.01241.x>.
- Kwon, H. K., Rueter, M. A., Lee, M. S., Koh, S., & Ok, S. W. (2003). Marital relationships following the Korean economic crisis: Applying the family stress model. *Journal of Marriage and Family*, 65(2), 316-325. Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1741-3737.2003.00316.x>.
- Manzano-García, G., Montañés, P., & Megías, J. L. (2017). Perception of economic crisis among Spanish nursing students: Its relation to burnout and engagement. *Nurse education today*, 52, 116-120. DOI: 10.1016/j.nedt.2017.02.020.
- Marjanovic, Z., Greenglass, E. R., Fiksenbaum, L., & Bell, C. M. (2013). Psychometric evaluation of the Financial Threat Scale (FTS) in the context of the great recession. *Journal of Economic Psychology*, 36, 1-10. Recuperado de <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167487013000299>.
- McCabe, M. P., & O'Connor, E. J. (2009). A longitudinal study of economic pressure among people living with a progressive neurological illness. *Chronic illness*, 5(3), 177-183. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19656811>.
- Mercadante, A. (2009). O Brasil e a crise: inflexão histórica. Recuperado de <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/178952>.
- Neiva, E. R., & Mauro, T. G. (2011). Atitudes e mudanças de atitudes. In C. Torres (Org.), *Psicologia Social – temas e vertentes* (pp. 171-202). Artmed.
- O'Neill, B. (2003). A preliminary assessment of financial practices: The financial fitness quiz. *Journal of Personal Finance*, 2(1), 22-28. Retirado de

<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.542.2979&rep=rep1&type=pdf>

- O'Neill, B., & Xiao, J. J. (2012). Financial behaviors before and after the financial crisis: evidence from an online survey. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 23(1), 33-46. Recuperado de <http://www.afcpe.org/assets/journals/33-46.pdf>.
- Pasquali, L. (1999). Taxonomia dos instrumentos psicológicos. In L. Pasquali (Org.), *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração* (pp. 27-36). Brasília: LabPAM-IBAPP.
- Pochmann, M. (2009). O trabalho na crise econômica no Brasil: primeiros sinais. *Estudos avançados*, 23(66), 41-52. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10408>. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142009000200004>.
- Ribeiro, R., Frade, C., Coelho, L., & Ferreira-Valente, M. A. (2015). Crise económica em Portugal: Alterações nas práticas quotidianas e nas relações familiares. *Livro de Atas do 1.º Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa*, Coimbra, Portugal, 1. Recuperado de <http://repositorio.uportu.pt:8080/handle/11328/1613>.
- Silvério, I. S. D. C. (2016). *A influência da pressão económica na qualidade de vida familiar em famílias com filhos jovens adultos*. (Dissertação de mestrado). Universidade de Coimbra, Portugal. Recuperado de <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/33339>.
- Sousa, M. G. (2015). O impacto das finanças públicas nas finanças pessoais no contexto da atual crise econômica brasileira. Portal Administradores.com. Recuperado de <http://www.administradores.com.br/producao-academica/o-impacto-das-financas-publicas-nas-financas-pessoais-no-contexto-da-atual-crise-economica-brasileira/6636/>.

SPC Brasil & PMBF. (Fevereiro, 2016). Impacto da crise econômica na gestão das finanças pessoais dos brasileiros (Cartilha). Recuperado de https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/analise_educacao_financeira_impacto_da_crise.pdf.

Vieira, A. B. C. (2016). *A crise econômica e o consumo: uma análise do comportamento de compra do consumidor de diferentes classes sociais*. (Dissertação de mestrado). Universidade FUMEC, Belo Horizonte, BH, Brasil. Recuperado de <http://www.fumec.br/revistas/pdma/article/download/4738/2564>.

Ying, L., Yan, Q., Shen, X., Jia, X., & Lin, C. (2018). Economic Pressure and Loneliness in Migrant Children in China: The Mediating Roles of Parent–Child Communication and Parental Warmth. *Child Psychiatry & Human Development*, 1-8. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/29982974> DOI:10.1007/s10578-018-0827-3.

CAPÍTULO II. Elaboração e evidências de validade e precisão da Escala de Pressão Econômica

Resumo. A pressão econômica consiste na percepção ou avaliação subjetiva que as pessoas fazem de suas condições financeiras, bem como se constitui como um indicador de respostas das famílias diante da situação financeira. Tendo em vista a escassez de medidas de pressão econômica na área de Psicologia para o contexto brasileiro, o presente estudo teve como objetivo elaborar e reunir evidências de validade e precisão da Escala de Pressão Econômica, tendo por base os indicadores de pressão econômica propostos no modelo do estresse familiar elaborado por Conger e Elder. Para isso, foram construídos 33 itens divididos entre três dimensões da pressão econômica: perda de renda, trabalho instável e endividamento, os quais foram submetidos a análise de juízes com experiência em psicologia social e psicometria. Para o tratamento estatístico dos dados, foi utilizado o Coeficiente de Validade de Conteúdo para avaliar os itens a partir dos escores dos juízes. Após esses procedimentos, foram excluídos oito itens por apresentar CVC baixo nos aspectos julgados, restando assim 25 itens para a primeira versão do instrumento. A análise fatorial exploratória foi realizada com 369 participantes ($M=36,5$; $DP=9,24$; 65% mulheres), os dados foram analisados no SPSS (versão 22) para calcular as estatísticas descritivas e a AFE foi realizada no *Factor 10.9.02*. Por meio desta foi confirmado a estrutura de três fatores, demonstrando também o índice de fidedignidade adequado. De forma preliminar os resultados indicaram que a EPE apresentou evidências psicométricas satisfatórias.

Palavras-chave: Pressão econômica, estresse familiar, elaboração, validade.

Elaboration and evidence of validity and accuracy of the Economic Pressure Scale

Abstract. Economic pressure is people's subjective perception or assessment of their financial condition, as well as being an indicator of household responses to the financial situation. Given the lack of research on this construct in the Brazilian context, The present study aimed to elaborate and gather content validity and accuracy of the Economic Pressure Scale, based on the family stress model elaborated by Conger and Elder. For this, 33 items were constructed divided between three dimensions of economic pressure: income loss, unstable work and indebtedness, who underwent analysis by judges with experience in social psychology and psychometrics. For the statistical treatment of the data, the Content Validity Coefficient was used to evaluate the items from the judges' scores. After these procedures, eight items were excluded for presenting low CVC in the judged aspects, This leaves 25 items for the first version of the instrument. Exploratory factor analysis was performed with 369 participants ($M = 36.5$; $DP=9$ 65% women), data were analyzed using SPSS (version 22) to calculate descriptive statistics and AFE was performed on *Factor 10.9.02*. Through this, the structure of three factors was confirmed, also demonstrating the adequate reliability index. Preliminarily the results indicated that the EPE presented satisfactory psychometric evidences.

Keywords: Economic pressure, family stress, elaboration, validity.

Introdução

A crise financeira que tem afetado o mundo demonstra ter provocado impactos tanto sociais como pessoal. Esta crise que teve início em torno de 2007 no mercado hipotecário dos Estados Unidos rapidamente propagou-se no sistema financeiro global gerando consequências para a população e à economia internacional (Ribeiro, Frade, Coelho & Ferreira-Valente, 2015).

Embora a crise econômica de 2007 tenha afetado várias nações, cada contexto apresenta suas particularidades. No contexto econômico brasileiro, do ano de 2015 aos dias atuais, a economia está marcada por uma forte desaceleração, marcada pela redução do PIB, a crescente taxa de desemprego, o crescimento da taxa Selic e a constante desvalorização do câmbio (entre outras variáveis macroeconômicas) comprovam essa desaceleração (Vieira, 2016). De acordo com F. S. Vieira (2016), por meio de uma revisão sistemática, encontrou indícios de que na União Europeia após a recessão de 2008 houve o aumento de pessoas que não tiveram acesso a serviços médicos, cortes nos gastos dos serviços de saúde como medida para enfrentar a crise econômica levando a restringir o acesso desses serviços por imigrantes, moradores de rua e usuário de drogas.

Evidências da crise econômica na realidade brasileira podem ser percebidas a partir de 2011, o qual possibilitou impactos sociais e políticos cristalizando-se na cultura da população estabelecendo a “cultura da crise”, o qual levou os indivíduos a adaptar-se às circunstâncias de incerteza e dificuldades próprias da crise. Nesta direção, a população precisou reorganizar o modo de vida devido às condições restritivas ligadas ao custo de vida, insuficiência social promovendo a expansão da violência e insegurança que é observado à nível social e político nas massas populares (Júnior, 2017).

Contudo, muito antes desta crise acontecer, precisamente na década de 1980 houve a “crise agrícola” em áreas rurais de um estado dos Estados Unidos provocando declínio na

economia e nos padrões de vida das famílias americanas. Diante disso, pesquisadores decidiram documentar as experiências e estratégias de enfrentamento das famílias a partir de um projeto de pesquisa. Estando à frente do projeto Conger, Elder e outros colaboradores sistematizaram formas de pesquisa para avaliar tais experiências na crise agrícola e orientar o raciocínio sobre os mecanismos causais a partir de uma estrutura teórica (Conger & Elder, 1994).

A estrutura referida acima se trata do Modelo de Estresse Familiar desenvolvido por Conger e outros colaboradores durante a crise agrícola dos anos 80 nos Estados Unidos (Conger et al., 1999), que possibilitou a investigação sobre o impacto da situação econômica dos casais na relação conjugal. De acordo com o modelo as dificuldades financeiras prejudicam a qualidade da relação conjugal permitindo a instabilidade na relação entre o casal (Ferreira, 2014), a partir de um tipo de estresse econômico específico gerando consequências no casal ao ser mediado pelos efeitos da pressão econômica.

Conforme Berkovitz (1989) a pressão econômica provoca experiências difíceis e frustrantes levando ao sofrimento emocional devido à incapacidade de suprir as necessidades básicas, redução de despesas, pagamentos de contas e atender outros gastos diários. Neste sentido, o modelo propõe que altos níveis de pressão econômica esta relacionado positivamente ao sofrimento emocional de cada membro do casal (sintomas de ansiedade, depressão e estresse), gerando o conflito conjugal (Conger et al., 1999) sendo mediado pelos sintomas de ansiedade, depressão e estresse dos conjugues (Conger & Elder, 1994).

Tendo em vista que as dificuldades financeiras afetam a dinâmica familiar, o modelo de estresse familiar sugere que altos níveis de pressão econômica relaciona-se positivamente ao sofrimento emocional de cada conjugue, gerando o humor deprimido, sintomas de ansiedade, raiva e hostilidade, podendo envolver avaliação negativa à respeito do casamento

gerando o conflito conjugal, que por sua vez leva ao surgimento de críticas, hostilidade, insensibilidade e raiva. O surgimento do conflito na relação provoca o sofrimento conjugal (Conger et al., 1999), prejudicando a qualidade do casamento, esses efeitos também estão associados a piores níveis de qualidade de vida familiar (Silvério, 2016).

Diversos estudos utilizam o modelo de forma empírica para compreender teoricamente o papel da pressão econômica relacionado às variáveis familiares, conflito conjugal e parentalidade, investigando de que forma as famílias estão sendo afetadas diante de um contexto de crise financeira ao vivenciar elevado estresse econômico (Canheto, 2016). Esse estresse é resultante da pressão econômica que se estabelece e altera a dinâmica individual e familiar.

A pressão econômica consiste na percepção ou avaliação subjetiva que as pessoas fazem de suas condições financeiras, bem como se constitui como um indicador de respostas das famílias diante da situação financeira (Ferreira, Pedro & Francisco, 2015), também é considerada como um construto que reflete a difícil realidade que envolve as condições financeiras precárias, como a impossibilidade de comprar, pagar, fazer cortes nos gastos diários. Esse construto ainda representa as experiências objetivas que fazem parte da trajetória econômica difícil das pessoas (Conger et al., 2002).

O grau de pressão econômica reflete as dificuldades financeiras diárias associadas a condições econômicas estressantes vivenciadas pelos membros familiares, nesse sentido, os estresses financeiros que envolvem a baixa renda, trabalho instável, alta carga de endividamento aumentam a pressão financeira, que se refere à incapacidade de pagar as contas, suprir as necessidades básicas e evitar cortes nos gastos. No projeto de pesquisa durante a crise agrícola, os pesquisadores constataram que as dificuldades econômicas afetaram principalmente as famílias de baixa renda, que teve a dinâmica familiar afetada,

levando os pais a experimentarem aflição emocional, estando associada ao conflito conjugal e a práticas parentais não positivas (Conger & Elder, 1994).

Estudos que investigaram a pressão econômica de acordo com a metodologia proposta por Conger e Elder (1994) podem ser vistos em diversos países. Em Portugal Ferreira Pedro e Francisco (2015) investigaram o papel mediador do estresse emocional, depressão e ansiedade, na relação entre a percepção de pressão econômica, conflito e satisfação conjugal, onde constataram a relação indireta entre essas variáveis, sendo mediados pelo estresse emocional de cada membro do casal. Por outro lado, efeitos da pressão econômica no conflito conjugal foram investigados na Romênia, utilizando uma amostra de mães os pesquisadores constataram que níveis altos de pressão econômica estão associados a níveis altos de conflito familiar, porém esta relação foi mediada indiretamente pelos sintomas de depressão das mães e pouco apoio social (Robila & Krishnakumar, 2005).

Já na Coreia do Sul, Kwon, Rueter, Lee, Koh, & Ok (2003), realizaram uma análise sobre o impacto da crise econômica na Ásia, nas relações conjugais ao verificarem a relação entre pressão econômica, sofrimento emocional, conflito e satisfação conjugal. Os resultados indicaram que a pressão econômica afeta negativamente a satisfação conjugal a partir do sofrimento emocional e conflito conjugal, bem como houve diferenças culturais no processo de estresse familiar, no qual o sofrimento emocional não afetou o conflito conjugal ou a satisfação conjugal nos maridos coreanos. Portanto esses resultados sugerem que os maridos se diferenciam de suas esposas quanto à reação do sofrimento emocional ao experimentar a pressão econômica.

Conger e Elder (1994) basearam-se em três indicadores para medir a pressão econômica: não conseguir arcar com as despesas, dinheiro insuficiente e ajustes econômicos ou cortes. Para cada indicador foram elaborados itens avaliados em uma escala de cinco pontos, com perguntas que refletissem a falta de dinheiro e a incapacidade de sobreviver no

contexto da crise. Para fazer a análise, os pesquisadores juntaram os dados e calcularam a média das respostas das pessoas.

Outras pesquisas também foram realizadas a respeito do impacto da pressão econômica nas famílias, e suas concepções teórico-empíricas contribuíram também para a efetivação desse estudo. A pesquisa de Costa (2014) contribui quanto à percepção de vulnerabilidade ao estresse frente ao desemprego. No trabalho de Horta (2015) embora apresente como foco o (des) ajustamento do adolescente, são consideradas contribuições acerca da experiência psicológica de dificuldades financeiras, pois a pressão econômica tem sido apontada como fonte de dificuldades no funcionamento familiar e individual ao afetar os comportamentos, emoções e cognições dos indivíduos. O estudo sobre a escala de estresse econômico familiar, mesmo que envolva a variável do divórcio, apresenta muitas contribuições teóricas sobre sofrimento econômico e preocupações financeiras (Hilton & Devall, 1997).

No contexto brasileiro foi encontrada uma pesquisa que aborda o impacto da crise nas finanças pessoais elaborada pelo SPC Brasil e Portal Meu Bolso Feliz (2016), foi constatado que houve alteração do comportamento e formas de consumo das pessoas, onde os consumidores procuram pesquisar mais antes de comprar, diminuição de gastos com refeições fora de casa para manter o nível de atenção ao controle do orçamento pessoal, por outro lado houve também o agravamento do aperto financeiro para o consumidor por relatarem não ter havido sobra financeira.

Muitas investigações sugerem que as dificuldades financeiras e a incerteza econômica aumentam a vulnerabilidade a problemas de saúde mental, pois podem levar ao agravamento de perturbações mentais como depressão, ansiedade, consumo de substâncias e suicídio (Silva, Cardoso, Saraceno & Almeida, 2015). Entretanto, não foi encontrado na literatura brasileira evidências empíricas dos efeitos da pressão econômica na saúde mental

dos membros familiares, o que denota a necessidade de que pesquisas sejam realizadas envolvendo essa temática.

Como já foi postulado, níveis elevados de pressão econômica tendem a aumentar o estresse em ambos os elementos do casal e problemas comportamentais, estes problemas emocionais, por sua vez aumentam a probabilidade de conflito conjugal, diminuindo os comportamentos apoiantes e as interações prazerosas entre os parceiros (Conger et al., 1999; Conger et al., 2002). Além disso, diante das exigências financeiras, as famílias sentiram necessidade de fazer cortes em várias áreas, tais como a alimentação, saúde, educação, lazer).

Nesta direção, percebeu-se uma diversidade metodológica na investigação sobre pressão econômica. Embora os pesquisadores se baseassem no que foi proposto por Conger e Elder (1994), encontra-se nos estudos diferentes formas adaptadas de avaliar a pressão econômica, porém não se tinha uma medida específica para mensurá-la.

Além disso, outras condições foram operacionalizadas como dimensões que constituem a pressão econômica: o endividamento, a perda de renda e o trabalho instável, onde altos níveis de pressão econômica são responsáveis pela incapacidade de pagar as contas, suprir as necessidades básicas diárias e fazer cortes nos gastos. Essas dimensões a respeito da pressão econômica nas famílias refletem as dificuldades diárias associadas a condições econômicas difíceis (Conger & Elder, 1994).

Portanto, nas pesquisas realizadas em Portugal e em outros países foram utilizados os indicadores: não conseguir arcar com as despesas, dinheiro insuficiente e ajustes econômicos ou cortes (Conger & Elder, 1994) para elaborar itens que avaliassem a pressão econômica. Buscando na literatura brasileira estudos que contemplassem o tema, não foram encontradas referências de pesquisas empíricas voltadas à pressão econômica nas famílias conforme foi investigado durante a crise agrícola de 1980.

Tendo em vista esta lacuna na literatura brasileira, bem como a ausência de medidas que avaliem a pressão econômica, o interesse deste estudo partiu desta falta de instrumentos para avaliar a pressão econômica no contexto familiar. Embora a pesquisa se pautasse no modelo desenvolvido por Conger e Elder (1994) para medir a pressão econômica, ainda não ficou claro sua metodologia e se pode ser generalizada para outros indivíduos que não pertencem à população rural ou de outros contextos, considerando pertinente a construção de uma nova medida de pressão econômica no Brasil. Tendo em conta o contexto econômico atual brasileiro, que se encontra atravessado pela crise financeira, a proposta de desenvolver uma escala de pressão econômica partiu da investigação feita por Conger e Elder (1994), onde verificaram os impactos da crise nas famílias, evidenciando a partir de dimensões que envolvem a pressão econômica, sendo estas, perda de renda, instabilidade no trabalho ou status de estar desempregado e endividamento, estas dimensões permitiram criar métodos para mensurar a pressão econômica, e é a partir delas que se propõem elaborar uma medida de pressão econômica.

Os construtos psicológicos conhecidos também como variáveis latentes, ou seja, que não podem ser observados diretamente (Hutz, 2015) necessitam de formas de mensuração que representem os comportamentos dos sujeitos. Quando um construto é pesquisado, surge a necessidade do uso de instrumentos que possam avaliá-lo levando o pesquisador a construir instrumentos ou escolhendo a alternativa de adaptar algum preexistente (Pacico, 2015).

Os instrumentos psicológicos são utilizados a fim de observar construtos e variáveis psicológicas, além de outras finalidades. A elaboração de uma nova medida pressupõe razões distintas: ausência de instrumentos adequados ao contexto, ausência de instrumentos com propriedades psicométricas adequadas, difícil obtenção de instrumentos de livre acesso,

e em alguns casos, a inexistência de instrumentos que investiguem algum construto psicológico (Borsa & Seize, 2017).

Pensar em uma nova medida de pressão econômica levou-se em consideração a falta de um instrumento que contemplasse em sua estrutura aspectos relacionados aos comportamentos dos membros familiares que repercutiam na dinâmica familiar em resposta à pressão econômica. A realização de estudos com essa temática é importante no sentido de despertar interesse e possibilidades para novas pesquisas que aprofundem de outras formas possíveis a repercussão da crise financeira nas famílias, e ao mesmo tempo descobrir novas meios de investigação que atendam ao rigor científico a fim de desenvolver estratégias confiáveis de pesquisa à medida que o construto vai emergindo no contexto da crise. Em função da situação de crise financeira ser um evento bastante estressor na vida das pessoas, necessita-se de uma compreensão clínica dessa demanda que hoje em dia é relatada para muitos profissionais da saúde mental por seus pacientes, nesta direção é necessário trabalhar com ferramentas de avaliação válidas e fidedignas para ampliar o entendimento do profissional e dar subsídios para sua intervenção.

Em razão de não terem sido encontradas pesquisas no Brasil sobre a temática, elaborou-se uma medida de pressão econômica tendo como base o que foi proposto por Conger e Elder (1994), os autores afirmam que o construto é agrupado por três dimensões, a saber: *perda de renda, o status de estar desempregado ou trabalho instável e endividamento*, baseado nessas dimensões elaborou-se itens conforme a literatura para compor cada uma e estruturar a escala.

Quando ocorrem circunstâncias que favorecem o surgimento dessas dimensões, podemos considerar que o sujeito está vivenciando altos níveis de pressão econômica que irá gerar implicações negativas de natureza individual e familiar, por exemplo, na saúde, na qualidade de vida, no bem-estar psicológico. Diante desta conjuntura, destacam-se os efeitos

da crise financeira para a saúde mental. Algumas situações podem evidenciar este fato, como por exemplo, o medo do desemprego, de ficar sem moradia ou não conseguir arcar com as despesas da família, levando o indivíduo a vivenciar o estresse conduzindo a diversos problemas de saúde mental gerando sintomas de ansiedade e depressão (Cunha & Relvas, 2015).

Nessa mesma direção F. S. Vieira (2016) ainda destaca que o gatilho para o agravamento das condições sociais em virtude da crise é a perda do emprego considerado como fator estressante e o aumento da taxa de desemprego. Em suas observações a autora destaca que a perda do emprego leva à redução da renda das famílias, perdas financeiras e endividamento, incluindo também o aumento dos divórcios, da violência e das desigualdades sociais.

Nesse sentido, as dificuldades financeiras que aumentam o nível de pressão econômica, são resultantes da instabilidade dessas dimensões levando a refletir problemas relacionados a necessidades materiais insatisfeitas (envolve não ter dinheiro suficiente para alimentação ou vestuário), incapacidade para pagar contas mensais ou fazer face às despesas e efetuar cortes em despesas básicas. A pressão econômica, por sua vez, tende a aumentar o estresse emocional dos pais, impactando na dinâmica familiar e conjugal.

Uma vez exposto o levantamento teórico a respeito do tema para contextualizar a problemática desenvolvida nesta investigação, objetivou-se elaborar a Escala de Pressão Econômica, a qual permite compreender as implicações da crise nos indivíduos, assim como na dinâmica familiar, buscando também estimar as evidências de validade com base no conteúdo e na estrutura interna, diante disso o desenvolvimento da pesquisa pode ser visto nos procedimentos metodológicos descritos a seguir.

Método

Delineamento

Tratou-se de um estudo de caráter quantitativo e natureza *ex post facto*, de cunho psicométrico, que se objetivou elaborar a Escala de Pressão Econômica e conhecer suas evidências de validade de conteúdo e estrutura interna. Para isso, o estudo foi realizado em três etapas. Inicialmente, realizou-se o estudo teórico para elaboração dos itens, em seguida, os itens elaborados foram avaliados na etapa de análise dos juízes, e por fim, para compreender a correlação entre os itens do traço latente, realizou-se uma análise fatorial exploratória do instrumento elaborado. A razão de se realizar uma análise exploratória foi por falta de investigações científicas sobre pressão econômica no Brasil, bem como a metodologia utilizada no estudo pioneiro que gerou dúvidas quanto aos seus procedimentos.

Etapa 1 : Elaboração dos itens da Escala de Pressão Econômica (EPE)

Os procedimentos adotados para a elaboração da medida e a obtenção de evidências de validade de conteúdo da Escala de Pressão Econômica seguiram as recomendações de Pasquali (2010), Borsa e Seize (2017), e Pacico (2015).

Para Pacico (2015), algumas etapas precisam ser seguidas durante a construção de uma escala. Inicialmente faz-se uma busca exaustiva na literatura, a fim de conhecer e definir o construto em questão. Outras etapas envolvem a elaboração dos itens e avaliação destes por juízes. De acordo com Pasquali (1998), essas etapas são fundamentais para a operacionalização do construto através dos itens como também testar a hipótese de que eles representarão bem o construto.

Primeiramente elaboraram-se os itens que representariam o construto da pressão econômica, à luz dos indicadores de pressão econômica propostos na teoria do Modelo de Estresse Familiar elaborados por Conger e Elder (1994), em que eles afirmam que o construto envolve três dimensões: *perda de renda, o status de estar desempregado ou trabalho instável e endividamento*.

Para melhor compreender, a perda de renda consiste na incapacidade de satisfazer as necessidades básicas, queda no padrão de vida e dificuldades no controle das despesas. O trabalho instável ou status de estar desempregado corresponde a um trabalho que não garante segurança financeira, levando os sujeitos a agregar outro emprego para completar a renda, na qual, a falta de estabilidade no emprego e até mesmo estar desempregado gera a incapacidade de pagar as contas, causando estresse e preocupação nos indivíduos. Já o endividamento é causado pelo acúmulo de dívidas que pode comprometer o equilíbrio financeiro para suprir as necessidades das famílias e, conseqüentemente, o pagamento das dívidas (Conger e Elder, 1994; Ribeiro, Frade, Coelho & Ferreira-Valente, 2015), baseado nessas dimensões, elaboraram-se itens conforme a literatura para compor cada uma e estruturar a escala.

O teste piloto analisou a inteligibilidade e semântica dos itens, pela aplicação em uma pequena parte da população-alvo. Foram utilizados três critérios para selecionar os voluntários para o estudo piloto: (a) os participantes deviam ter acima de 20 anos; (b) ser casado e/ou convivente; e (c) ter pelo menos um filho, criança ou adolescente. Os participantes foram abordados no ambiente domiciliar ou em locais sociais, como praças e local de trabalho, onde o questionário foi aplicado individualmente, levando cerca de 10 minutos para seu preenchimento.

Participaram desta etapa 30 sujeitos, com idade variando entre 20 a 60 anos ($M=34,9$; $DP= 8,9$), sendo a maioria do sexo feminino (66,7%), renda de até um salário mínimo (36,7%), católica (63,3%). Quanto à escolaridade, 33,3% possuem o ensino fundamental incompleto e superior completo (33,3%). Um percentual de 70% dos participantes afirmaram estar casados no momento em que a coleta foi realizada, 26,7% estavam em união estável e 3,3% são recasados. Nesta etapa, todos os itens permaneceram,

uma vez que não houve falta de clareza ou dúvidas por parte dos participantes quanto ao instrumento e suas instruções.

Etapa 2: Análise dos juízes

No que diz respeito à análise dos juízes, Borsa e Seize (2017) indicam que após a elaboração dos itens é necessário uma análise que inclui a avaliação destes por especialistas e a análise semântica pelo público-alvo, que procura verificar a representação comportamental do atributo latente (Pasquali, 2010). Na etapa de apreciação dos itens pelos juízes, espera-se um percentual elevado de concordância entre eles, cabendo espaço para sugestões de alterações nos itens que não foram bem classificados (Pacico, 2015).

O método descrito a seguir, de acordo com as etapas, refere-se à validação de conteúdo, onde foi calculado o Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC) proposto por Hernandez-Nieto (2002). O estudo foi encaminhado através de um projeto para o Comitê de Ética da Universidade Federal do Piauí, sendo aprovado sob o protocolo CAAE – 85883518.3.0000.5214, obtendo parecer favorável de número 2.563.681.

Participantes

Nesta etapa de validação de conteúdo, a escolha dos juízes *experts* atendeu aos seguintes critérios: possuir experiência em pesquisas na área de psicologia social, conhecimentos em psicometria e construção de medidas psicológicas. Os juízes que participaram da etapa eram doutores e mestres em psicologia.

Instrumento

A *Escala de Pressão Econômica* (EPE) – (Apêndice A) consiste em um instrumento que tem por objetivo avaliar o comportamento dos membros da família frente aos efeitos de uma situação de pressão econômica; consistindo em uma escala autoadministrada com 33 itens em sua versão inicial. Estes foram elaborados com base nas dimensões teoricamente

propostas por Conger e Elder (1994) que envolvem a pressão econômica: *perda de renda*, *trabalho instável ou status de estar desempregado* e *endividamento*. Estas dimensões também refletem as dificuldades diárias vivenciadas em condições econômicas difíceis referentes às necessidades materiais insatisfeitas, dificuldades para pagar contas mensais ou fazer face às despesas, efetuar cortes em despesas básicas e preocupações financeiras (Conger et al., 1992; Conger et al., 1999), que estão associadas às dimensões da pressão econômica.

A dimensão 1 – perda de renda (itens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11) – avalia dificuldades financeiras provocadas pela diminuição do dinheiro, refletindo a incapacidade de satisfazer as necessidades básicas, queda no padrão de vida e dificuldades no controle das despesas, impossibilitando o ato de pagar e comprar, tendo que fazer cortes nos gastos diários (Conger & Elder, 1994). Exemplo de item: “*reduzi as despesas com a educação dos filhos (mudança de escola) para controlar os gastos*”.

A dimensão 2 – trabalho instável e/ou status de estar desempregado (itens 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 21) avalia situações em que o trabalho não garante segurança financeira, levando os sujeitos a agregar outro emprego para completar a renda, na qual a falta de estabilidade no emprego e até mesmo estar desempregado gera a incapacidade de pagar as contas causando estresse e preocupação nos indivíduos (Conger & Elder, 1994). Exemplo de item: “*tive que arrumar um trabalho extra para pagar as despesas*”.

A dimensão 3 – endividamento (itens 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32 e 33) mede condições em que o acúmulo de dívidas pode comprometer o equilíbrio financeiro para suprir as necessidades das famílias e, conseqüentemente, o pagamento das dívidas (Ribeiro, Frade, Coelho & Ferreira-Valente, 2015). Exemplo de item: “*frequentemente estou endividado (a)*”.

Os níveis de resposta são apresentados em uma escala tipo Likert que podem variar de 1 a 5: 1 – *discordo totalmente*; 2 – *discordo*; 3 – *não concordo nem discordo*; 4 – *concordo*; 5 – *concordo totalmente*, onde os sujeitos são orientados a indicar as condições que vivenciam.

Procedimentos de coleta e análise de dados

No procedimento de validade de conteúdo que implica na realização de análises que investigaram aspectos quanto à pertinência, relevância do item ao construto e a clareza na redação do item para realizá-lo foi utilizado o Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC), proposto por Hernández-Nieto (2002). Este coeficiente avalia a concordância entre os juízes. Nesta etapa, foi enviada uma versão preliminar da Escala de Pressão Econômica para 8 juízes que avaliaram subjetivamente (pessoal e opinativa) os itens de acordo com os critérios, no intuito de verificar se a escala em questão mede o que ela se propõe a medir, por meio do conteúdo.

No presente estudo, os juízes que foram convidados a participar possuem experiência em pesquisas na área de psicologia social, que por sua vez responderam a uma tabela para atribuir valores em uma escala Likert variando de 0 (*nenhuma adequação relevância ou clareza*) a 10 (*total adequação, relevância ou clareza*), além de permitir que eles tecessem comentários ou sugestões que contribuíssem com a escala. O aspecto dimensão não foi calculado por se tratar de uma variável categórica, sendo avaliado de forma qualitativa. A finalidade foi verificar se os procedimentos realizados estavam adequados, se algum item que permaneceu incompreensível ou, ainda, se este se comportaria de uma forma diferente da esperada.

De acordo com Hernández-Nieto (2002), os valores de referência menores que 0,60 são considerados inaceitáveis, entre 0,60 e 0,70 são considerados deficientes, entre 0,70 e 0,80 são considerados aceitáveis e entre 0,80 e 0,90 são considerados bons, já os valores

maiores de 0,90 são considerados excelentes. Quanto ao julgamento, foi utilizado o critério de $CVC \geq 0,80$ estabelecido por Hernández-Nieto (2002), para avaliar se os itens foram ajustados semanticamente. Foi calculado um CVC para cada item da escala, o CVC de cada juiz para a escala como um todo, e um CVC total da escala. Bem como, foi calculado o CVC para cada um dos aspectos a serem julgados na elaboração da escala: pertinência, adequação e clareza com o construto. Com relação à clareza de linguagem, caso o item apresente valores inferiores a 0.80, considera-se que a linguagem seja reformulada antes que a escala seja aplicada na população alvo (Filgueiras et al.,2015).

Portanto, as análises estatísticas foram conduzidas no *software Microsoft Office Excel* para calcular o CVC, a partir das fórmulas específicas apresentadas na Figura 2.

(1) Cálculo de CVC_i para cada item da escala:

$$CVC_i = \frac{\sum_j^x}{V_{max_x}}$$

(2) Cálculo do CVC_j de cada juiz para escala como um todo

$$CVC_j = \frac{\sum_i^e}{V_{max_e}}$$

(3) Cálculo do erro Pe_j para a polarização dos juizes:

$$Pe_j = \left(\frac{1}{N_j}\right)^{N_j}$$

(4) Cálculo do CVC_i de cada aspecto julgado:

$$CVC_i = \text{Média do } CVC_j - Pe_j$$

Figura 2

Cálculo do Coeficiente de Validade de Conteúdo

Nota: Algoritmo utilizado para calcular o valor do CVC para cada item (CVCi) e do CVC total (CVCt) para os aspectos: pertinência, adequação e clareza (Filgueiras et al., 2015).

Com base nas notas dos juizes, calculou-se a média das notas de cada item conforme proposto por Hernandez-Nieto (2002), aplicando o algoritmo para calcular o CVC para cada item, o CVC de cada juiz, o cálculo do erro a fim de diminuir possíveis vieses dos juizes, e o cálculo do CVC de cada aspecto julgado.

Etapa 3: Análise fatorial exploratória (AFE)

Participantes

Nesta etapa, que objetivou a realização de AFE, contou-se com a participação de 369 pessoas, sendo a maioria do sexo feminino (65%) e 33,6% do sexo masculino, com média de idade de 36,5 anos (DP = 9,24). Desses, 70,7% são casados, 24,7% estão em união estável, onde 40,4% possuem um filho. Em reação à escolaridade 47,2 % possuem o ensino superior completo e 62,6% declararam ser católicos.

Quanto à renda financeira e classe social de acordo com o IBGE, 24,7% dos participantes possuem renda de 2 salários mínimos correspondendo a classe E, 33,3% renda em torno de 2 a 4 salários mínimos correspondendo a classe D, 27,1% afirmaram ter uma renda entre 4 e 10 salários mínimos pertencendo à classe C, já 10,8% recebem entre 10 e 20 salários mínimos fazendo parte da classe B e por fim, 1,9% indicaram receber mais 20 salários mínimos o que corresponde à classe A.

No que diz respeito à ocupação, 52% dos participantes informaram ter emprego fixo, 22,5% trabalham por conta própria e 14,6% declararam estar desempregados. Dentre outras informações, foi perguntando sobre alterações no rendimento da família no último ano, em que 36,9% afirmaram que o valor da renda diminuiu; para 37,9% dos participantes o valor manteve-se e, para 22,8% dos participantes, o valor aumentou. Ainda 60,2% dos participantes declararam que têm ou tiveram o nome negativado, e 79,9% afirmaram que a situação econômica do país afetou sua situação financeira, principalmente, na área de desemprego e poder de compra.

Além das informações sociodemográficas, os participantes responderam ao questionário sobre manejo do dinheiro descrito no próximo apartado para caracterizar o perfil das pessoas casadas quanto ao controle de suas finanças, já que o dinheiro é um assunto recorrente no dia a dia dos casais e tende a ter algum efeito na qualidade do relacionamento.

A respeito do manejo do dinheiro, 51,2% dos participantes mencionaram que ambos os cônjuges contribuem igualmente nas despesas da casa, sendo que 66,7% consideraram que a renda familiar deles é suficiente para viverem, porém um percentual de 49,3% apontou que os homens contribuem mais nas despesas, e 68% acha que o companheiro não deveria contribuir mais, pois embora ambos contribuam, os homens em sua maioria, dispõem parte de sua renda para as despesas, de acordo com a maioria dos participantes a renda deles é maior.

Quanto aos gastos, 64,5% dos participantes concordaram com a maioria dos gastos do (a) companheiro(a), ainda afirmaram haver brigas quando ocorre um gasto indevido por parte do(a) companheiro(a) (49,4%). Em relação ao controle do dinheiro do casal, 53,9% dos participantes mencionaram que ambos são responsáveis pelas decisões financeiras e 23% referiram tomar as decisões independentes.

A maioria dos participantes (60,4%) informaram que não recebem ajuda na renda deles por outras pessoas (pais, sogros, avós e filhos). Dentre os gastos, apareceram, como prioridade, alimentação, saúde e despesas de casa, ficando outros gastos em segundo plano.

Uma parte expressiva dos participantes (49,1%) afirmou que não compartilha as finanças, contudo 43,9% indicaram que possuem conta bancária, cartão de crédito em conjunto, despesas de casa e até mesmo foi mencionado o plano funerário. Percebeu-se também que 48,2% dos participantes não planejam os gastos financeiros em conjunto, bem como 26,8% afirmaram que gerenciam o dinheiro e as despesas da casa de forma conjunta.

Os participantes foram oriundos de algumas regiões do Brasil com respondentes nos estados do Piauí, Maranhão, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia, sendo a maior parte do estado do Piauí.

Instrumentos

Escala de Pressão Econômica (EPE), medida elaborada e em processo de validade neste estudo. (Apêndice A)

Questionário sobre o manejo do dinheiro no casal foi desenvolvido por Hart (2013), o qual possui 18 questões que avaliam três dimensões acerca do manejo do dinheiro pelo casal — a dimensão descritiva da situação financeira do casal, com 11 questões, sendo 10 delas com respostas “sim” ou “não” e uma questão de enumerar prioridades de gastos de 1 a 9; a dimensão da infidelidade conjugal, com seis questões, sendo quatro em escala *Likert* de quatro pontos cada uma (duas delas com resposta de “nunca” a “frequentemente” e as outras duas com respostas de “discordo completamente” a “concordo completamente”) e duas questões de verdadeiro ou falso; e a dimensão das categorias de gerenciamento do dinheiro, com uma questão na qual os participantes devem escolher uma dentre quatro alternativas, considerando aquela que melhor descreve a forma como eles manejam o dinheiro do casal. Para o estudo foi utilizado apenas duas dimensões, a saber: a *dimensão descritiva da situação financeira do casal*, a *dimensão das categorias de gerenciamento do dinheiro* e *uma questão de prioridade dos gastos* (Anexo 4).

Questionário sociodemográfico, elaborado com questões sobre idade, sexo, situação conjugal, quantidade de filhos, renda, escolaridade, situação financeira, a fim de caracterizar os participantes (Anexo 2)

Procedimentos

A pesquisa foi aprovada pelo comitê de Ética da Universidade Federal do Piauí - UFPI (CAAE: 85883518.3.0000.5214), sendo obedecidos todos os critérios de pesquisa,

realizada com seres humanos de acordo com o disposto na resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Posteriormente, durante a aplicação do questionário de forma presencial, foi apresentado um termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE que foi lido e assinado por cada um dos participantes antes de responderem a pesquisa, enfatizando o caráter confidencial e voluntário da participação na pesquisa, assegurando que os resultados só serão apresentados em eventos ou revistas científicas. Foram informados aos participantes os objetivos da pesquisa e instruções para o correto preenchimento do instrumento. Os dados foram coletados em ambientes sociais e domiciliares, e em locais de trabalho dos participantes, o questionário foi respondido individualmente, levando em média, 25 minutos para o seu preenchimento.

Esta etapa também contou com a aplicação do questionário via online por meio do *Formulário Google Docs*, no qual os participantes respondiam ao instrumento através do acesso a um link. Desta forma, foram seguidos os mesmos procedimentos da aplicação impressa, porém de forma virtual.

Análise dos dados

Inicialmente, os dados foram analisados no *software* de análise estatística *Statistical Package for the Social Sciences - SPSS*, versão 22. Empregando-se estatísticas descritivas (medidas de tendência central e dispersão, distribuição de frequência), principalmente para caracterizar a amostra.

Em seguida, os dados foram submetidos à Análise fatorial exploratória (AFE) a partir da matriz de correlações policóricas, em que foi realizada no programa *Factor 10.9.02* (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2006). Com o objetivo de conhecer a possibilidade de fatoração do conjunto de itens da EPE, foram empregados o Teste de Esfericidade de Bartlett e o KMO.

A fim de evitar a superestimação de fatores comuns, adotou-se como método de retenção e interpretação dos fatores a análise paralela (Horn, 1985), que consiste em comparar os autovalores (ou a porção da variância total explicada) dos fatores extraídos da matriz de dados observados com a média de autovalores (ou da porção de variância total explicada) extraídos de matrizes geradas aleatoriamente, os dados são comparados com o mesmo número de variáveis, casos observados, tipo de matriz de covariância e método de extração de fatores (Buja & Eyuboglu, 1992). Na análise paralela, são interpretados apenas os fatores comuns com valor explicativo superior aos fatores aleatórios (Machado, Damásio, Borsa & Silva, 2014).

O método de estimação empregado foi o Unweighted Least Squares (ULS), este método foi escolhido por ser favorável sua utilização em dados com distribuição normal e não normal, assim como em dados categóricos, ordinais e intervalares (Damásio & Dutra, 2017). Além disso, o método utiliza a matriz de correlações policóricas entre os itens durante a análise fatorial. As correlações policóricas tendem a ser, em comparação ao coeficiente de Pearson, uma estimativa mais consistente da verdadeira relação linear entre variáveis. Sendo assim, análises fatoriais com o uso de estimadores que utilizam as correlações policóricas tendem a acertar com mais frequência o número de fatores subjacentes aos dados, produzindo ainda estimativas paramétricas mais consistentes de cargas fatoriais e correlações entre fatores (Hauck-Filho, 2016). Empregou-se também a rotação Promin, que é um método oblíquo, a escolha por este tipo de rotação se deu por não definir, a priori, a interação entre os fatores.

Quanto à consistência interna, foi calculado o alfa de *Cronbach* e o ômega de McDonald (Woodhouse & Jackson, 1977), no qual o valor igual ou acima de 0,70 é psicometricamente adequado (Pasquali, 1999).

Resultados

Considerando o Coeficiente de Validade de Conteúdo para toda a escala, a partir da média do CVCt para cada um dos três aspectos, adequação, relevância e clareza, a escala obteve CVC de 0,84. Em relação a cada aspecto julgado, adequação obteve o CVCt de 0,81, para a relevância o valor do CVCt foi 0,85, e para a clareza, o CVCt foi 0,86. Conforme a Tabela 2 observa-se o valor do CVC por item em cada aspecto julgado.

Tabela 2 Ordem de apresentação do item e o CVC para cada item calculado em função dos oito juízes especialistas.

Numero do item	Redação do item	CVC		
		Adequação	Relevância	Clareza
1	Tive dificuldades de suprir as necessidades básicas da minha família.	*0,43	*0,5	*0,57
2	Tive dificuldades em pagar as contas do mês.	*0,58	*0,65	*0,68
3	Tive dificuldade em economizar dinheiro nos últimos 12 meses.	*0,48	*0,55	*0,58
4	Reduzi as despesas com a educação dos filhos (mudança de escola) para controlar os gastos.	*0,78	0,83	0,86
5	Cortei despesas com atividades sociais e de lazer (por exemplo, cortar TV por assinatura, ida ao cinema, ao shopping, desistir da atividade física na academia) para suprir as necessidades da minha família.	0,8	0,86	0,86
6	Reduzi despesas necessárias (assistência médica, supermercado) por conta das dificuldades financeiras.	0,81	0,87	0,87
7	Passei a andar menos de carro e utilizar outros	0,88	0,95	0,95

	meios de transporte (por exemplo, ônibus, mototáxi, metrô) para conseguir pagar as contas do mês.			
8	Tive que mudar de casa para comprar os bens necessários para a minha família.	*0,7	*0,75	0,8
9	Tive que adiar uma viagem já planejada com a família, para reduzir os gastos.	*0,77	0,82	0,87
10	Tive que vender um bem material para controlar os gastos.	*0,73	0,81	0,82
11	Preocupo-me em como irei pagar as despesas de casa, caso perca o emprego.	0,93	0,93	0,93
12	Meu emprego me deixa inseguro (a) financeiramente.	0,97	0,97	0,95
13	Tive que arrumar um emprego extra para pagar as despesas.	0,87	0,96	0,96
14	Os conflitos na minha família podem aumentar se eu perder meu emprego.	*0,73	*0,73	*0,73
15	Sinto-me estressado (a) com a possibilidade de perder o emprego.	0,97	0,97	0,95
16	Me sentirei inútil se ficar desempregado (a).	*0,75	*0,75	*0,75
17	Sinto-me angustiado (a), quando penso, que posso não ter condições de suprir as necessidades básicas da minha família.	*0,7	*0,77	0,81
18	Sinto-me triste, só de pensar que posso perder meu emprego.	0,95	0,95	0,92
19	Tenho dificuldades para dormir só de pensar que posso perder o emprego.	0,95	0,92	0,92
20	Tive que exercer outra atividade remunerada, para complementar a renda.	*0,68	*0,75	0,83
21	Quando penso nas contas a pagar fico ansioso (a) ou nervoso (a).	*0,72	*0,77	0,8
22	Pedi dinheiro emprestado	0,91	0,97	0,95

	para pagar minhas dívidas.			
23	Fiz empréstimo para pagar as despesas básicas da família.	0,85	0,93	0,92
24	Mesmo com o orçamento comprometido, continuo comprando sem planejamento.	0,92	0,91	0,97
25	Entrei em dívidas por não planejar os gastos.	0,97	0,97	0,95
26	As dívidas atrapalham o meu sono.	0,92	0,92	0,96
27	Frequentemente estou endividado (a).	1,0	1,0	1,0
28	Aumentei a compra a crédito em função das despesas se encontrarem acima do orçamento.	0,95	0,92	0,88
29	Tenho mais dificuldades financeiras este ano do que nos 12 meses anteriores.	0,86	0,86	0,85
30	As dívidas aumentam o conflito familiar	0,8	0,8	0,8
31	As dívidas já comprometeram o orçamento familiar.	0,93	0,93	0,91
32	Não sei se terei condições de pagar as minhas dívidas nos próximos 12 meses.	0,86	0,86	0,86
33	Aumentei o uso do cartão do crédito para comprar alimentos e remédios, devido às dificuldades financeiras.	*0,77	0,82	0,87

Nota: *Valores que apresentam CVC <0,8 sugerem que o item pode apresentar algum tipo de distorção ou problema no aspecto julgado. CVC: Coeficiente de Validade de Conteúdo.

Já a Tabela 3 demonstra o CVC de cada juiz, e o CVC da escala como um todo.

Tabela 3 CVC por Juiz e da escala como um todo

CVC por juiz	Juiz 1	Juiz 2	Juiz 3	Juiz 4	Juiz 5	Juiz 6	Juiz 7	Juiz 8
	0,39	0,92	0,84	0,84	0,87	0,98	0,86	0,89

CVC da escala como um todo	0,84
-------------------------------------	------

Os itens 1, 2, 3, 14, 16 foram excluídos por apresentarem CVC abaixo do ponto de corte nos três aspectos, pertinência, relevância e clareza, já os itens 20 e 21 apresentaram CVC baixo em dois aspectos (adequação e relevância), deste modo foram excluídos por decisão arbitrária do pesquisador. Já o item 33 foi excluído por ficar semelhante ao item 28 que foi reformulado por sugestão de um dos juízes.

Em relação aos itens 4, 8, 9, 10 e 17, apresentaram CVC $<0,80$ em pelo menos dois aspectos (adequação e relevância) sendo mantidos e reformulados. Além desses itens, os juízes sugeriram em comentários livres reformulação ou troca de termos para os itens 11, 13, 28, 30 e 31. Os itens mencionados foram modificados e encaminhados novamente para serem avaliados pelos juízes, obtendo parecer aceitável.

Por fim, todos os itens foram ajustados conforme o processo de validade de conteúdo de acordo com o cálculo do CVC (Hernandez-Nieto, 2002) e conforme as sugestões dos juízes, com um total de 25 itens para compor a versão provisória da Escala de Pressão Econômica. Além disso, decidiu-se também, após a reformulação, organizar os itens na escala de forma aleatória, não sendo agrupados por dimensão como inicialmente foi estruturada a escala. A Tabela 4 apresenta a versão provisória da escala de pressão econômica.

Tabela 4
Escala de Pressão Econômica

-
1. Reduzi as despesas com a educação dos filhos, por exemplo, mudança de escola, para fazer cortes no orçamento.
 2. Fiz empréstimo para pagar as despesas básicas da família.
 3. A dificuldade em pagar as dívidas aumenta o conflito familiar.
-

-
4. Reduzi despesas necessárias (assistência médica, supermercado) por conta das dificuldades financeiras.
 5. Por conta do meu trabalho, me sinto angustiado (a) ao pensar que não terei condições de suprir as necessidades básicas da minha família.
 6. Entrei em dívidas por não planejar os gastos.
 7. Tive que adiar uma viagem já planejada com a família por não ter dinheiro suficiente no orçamento.
 8. Não sei se terei condições de pagar as minhas dívidas nos próximos 12 meses.
 9. Diante da ameaça de perder o emprego preocupo-me em como irei sustentar minha família.
 10. Aumentei o valor da fatura do cartão devido as despesas se encontrarem acima do orçamento.
 11. Tive que arrumar um trabalho extra para pagar as despesas.
 12. Passei a andar menos de carro e utilizar outros meios de transporte (por exemplo, ônibus, moto táxi) para conseguir pagar as contas do mês.
 13. Sinto-me estressado (a) com a possibilidade de perder o emprego.
 14. Tive que vender um bem material, por exemplo, uma moto ou imóveis, para controlar os gastos.
 15. Sinto-me triste, só de pensar que posso perder meu emprego.
 16. Pedi dinheiro emprestado para pagar as minhas dívidas.
 17. Tive que fazer mudanças de casa por ter gastos a mais no orçamento.
 18. Mesmo com o orçamento comprometido, continuo comprando sem planejamento.
 19. Meu emprego me deixa inseguro (a) financeiramente.
 20. As dívidas atrapalham o meu sono.
 21. Frequentemente estou endividado (a).
 22. Tenho mais dificuldades financeiras este ano do que nos 12 meses anteriores.
 23. Cortei despesas com atividades sociais e de lazer (por exemplo, cortar TV por assinatura, ida ao cinema, ao shopping, desistir da atividade física na academia) para suprir as necessidades da minha família.
 24. As dívidas já afetaram o orçamento familiar.
 25. Tenho dificuldades para dormir só de pensar que posso perder o emprego.
-

Quanto ao aspecto da dimensão, este foi avaliado de forma qualitativa, considerando a concordância substancial entre as avaliações dos juízes em relação às dimensões que cada item pertence. Assim, para dirimir a indecisão dentre as categorias de dimensão, além da

concordância dos juízes, o ajuste dos itens permitiu demonstrar a adequação de cada item na dimensão que ele faz parte.

No que diz respeito à análise fatorial exploratória, com o objetivo de conhecer a estrutura fatorial da EPE e saber se os itens se agrupariam de acordo com as dimensões estabelecidas, prosseguiu-se a análise com o índice de KMO para verificar o quão adequado é a aplicação da AFE para o conjunto de dados. O valor de KMO foi de 0,91, e o teste de esfericidade de *Bartlett* [$\chi^2(300)=3588,4$; $p<00001$], estes índices indicaram a pertinência para se prosseguir com o tratamento de análise dos dados da análise fatorial.

Durante a etapa de retenção de fatores, realizou-se uma análise paralela, por meio do método de extração ULS e rotação *Promin*, a análise paralela clássica de Horn (1986) revelou uma solução fatorial de dois fatores com autovalores $>1,0$, sendo o primeiro fator responsável por 40,5% da variância, apresentando autovalores de 9,23 e 2,12 dos fatores respectivamente, sendo utilizadas 500 matrizes de correlação aleatórias.

Procedeu-se, então com a avaliação dos índices de ajuste, os quais foram considerados o *Comparative Index Fit* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI) e *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). Observa-se que para o modelo de dois fatores, os índices de ajuste foram aceitáveis: $\chi^2(251)=230,9$, $p < 0,01$, CFI = 0,98, TLI=0,97 e RMSEA = 0,05, fair = 0,99 (IC 90% = 0,047 - 0,051). Estes índices apresentaram limites do ponto de corte recomendado.

Para as análises das matrizes fatoriais, foi considerado como critério mínimo de significância para as cargas fatoriais nos itens valores $\geq 0,30$. No fator 1, carregaram 12 itens designados para a subescala *Perda de renda e trabalho instável* (5, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 23 e 25). No fator 2, carregaram 10 itens da subescala *Perda de renda e endividamento* (2, 4, 6, 8, 10, 16, 18, 21, 22 e 24). No geral, 2 dos 25 itens da EPE apresentaram carga fatorial com significância em mais de um fator, ou saturou mais forte em

fator para o qual não foram teoricamente designado, como é o caso do item 20 “*As dívidas atrapalham meu sono*” obteve cargas fatoriais acima de 0,30 nos fatores 2 e 3, o item 18 (*Mesmo com o orçamento comprometido, continuo comprando sem planejamento*) também apresentou carga em mais de um fator, este item pode ser mantido por apresentar uma carga alta no fator para qual foi designado, e o item 20 pode não ser considerado em análises posteriores por ser compreendido como dúbio, o que leva a dificultar a interpretação dos fatores. Já o item 1 “*Reduzi as despesas com a educação dos filhos, por exemplo, mudança de escola, para fazer corte nos gastos*” e o 3 “*A dificuldade em pagar as dívidas aumenta o conflito familiar*”, considera-se que estes itens sejam excluídos em análises subsequentes por apresentarem saturação inferior a recomendada ($\geq 0,30$).

Uma vez estabelecida estrutura interna da EPE buscou-se estimar as primeiras evidências de precisão da escala através do cálculo do coeficiente alpha de Cronbach e o Ômega de McDonald (Tabela 5).

Tabela 5
Matriz de cargas fatoriais e comunalidades da EPE

Itens	Fator		h ²
	1	2	
5. Por conta do meu trabalho, me sinto angustiado (a) ao pensar que não terei condições de suprir as necessidades básicas da minha família.	0,46	0,24	0,44
7. Tive que adiar uma viagem já planejada com a família por não ter dinheiro suficiente no orçamento.	0,53	0,07	0,34
9. Diante da ameaça de perder o emprego preocupo-me em como irei sustentar minha família.	0,85	-0,21	0,50
11. Tive que arrumar um trabalho extra para pagar as despesas	0,64	0,03	0,44

12. Passei a andar menos de carro e utilizar outros meios de transporte (por exemplo, ônibus, mototáxi) para conseguir pagar as contas do mês.	0,72	-0,18	0,37
13. Sinto-me estressado (a) com a possibilidade de perder o emprego.	0,85	-0,09	0,61
14. Tive que vender um bem material, por exemplo, uma moto ou imóveis, para controlar os gastos.	0,41	0,23	0,37
15. Sinto-me triste, só de pensar que posso perder meu emprego.	0,78	-0,04	0,56
17. Tive que fazer mudanças de casa por ter gastos a mais no orçamento.	0,66	-0,04	0,39
19. Meu emprego me deixa inseguro (a) financeiramente.	0,34	0,27	0,33
23. Cortei despesas com atividades sociais e de lazer (por exemplo, cortar TV por assinatura, ida ao cinema, ao shopping, desistir da atividade física na academia) para suprir as necessidades da minha família.	0,51	0,14	0,39
25. Tenho dificuldades para dormir só de pensar que posso perder o emprego.	0,59	0,16	0,52
2. Fiz empréstimo para pagar as despesas básicas da família.	-0,11	0,63	0,30
4. Reduzi despesas necessárias (assistência médica, supermercado) por conta das dificuldades financeiras.	0,08	0,36	0,18
6. Entrei em dívidas por não planejar os gastos.	-0,13	0,69	0,36
8. Não sei se terei condições de pagar as minhas dívidas nos próximos 12 meses.	0,08	0,72	0,61
10. Aumentei o valor da fatura do cartão devido as despesas se encontrarem acima do orçamento.	-0,17	0,70	0,34
16. Pedi dinheiro emprestado para pagar as minhas dívidas.	-0,05	0,72	0,47
21. Frequentemente estou endividado (a).	-0,22	0,94	0,63
22. Tenho mais dificuldades financeiras este ano do que nos 12 meses anteriores.	0,14	0,56	0,44
24. As dívidas já afetaram o orçamento familiar.	0,20	0,53	0,49

18. Mesmo com o orçamento comprometido, continuo comprando sem planejamento.	-0,39	0,78	0,32
20. As dívidas atrapalham meu sono.	0,42	0,36	0,53
1. Reduzi as despesas com a educação dos filhos, por exemplo, mudança de escola, para fazer corte nos gastos.	0,20	0,06	0,06
3. A dificuldade em pagar as dívidas aumenta o conflito familiar.	0,27	0,13	0,15
<i>Eigenvalues</i>	8,69	1,56	
% variância explicada	40,6	9,10	
Alfas de Cronbach	0,89	0,82	
Alfa EPE	0,92		
Ω de McDonald	0,92		

Nota. Método de extração *Unweighted Least Squares*. Método de rotação *Promin*. F1= Perda de renda e trabalho instável, F2= Perda de renda e endividamento.

A tabela acima mostra uma estrutura de dois fatores composta por 25 itens, com cargas fatoriais variando de 0,34 (Item 19. Meu emprego me deixa inseguro (a) financeiramente) a 0,85 (Item 9. Diante da ameaça de perder o emprego preocupo-me em como irei sustentar minha família) no fator 1. E no fator 2, as cargas variam de 0,36 (Item 4. Reduzi despesas necessárias (assistência médica, supermercado) por conta das dificuldades financeiras) a 0,94 (Item 21. Frequentemente estou endividado (a)). A escala obteve a consistência interna de 0,92.

Discussão

Este estudo teve por objetivo elaborar e buscar as evidências de validade de conteúdo e validade fatorial da Escala de Pressão Econômica (EPE), por meio de uma análise semântica dos itens a partir da avaliação dos juízes, para determinar e ajuizar se os itens elaborados são adequados e representam o construto, bem como a realização de uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) (Reppold, Gurgel & Hutz, 2014; Borsa & Seize, 2017).

A pressão econômica que constitui a experiência psicológica associada às dificuldades financeiras incide sobre os membros do casal e tende a causar impacto negativo

no sistema familiar e individual (Conger et al., 1992; Carvalho, 2018). Desses impactos Conger et al. (1992) destacam que a pressão econômica afeta o estado emocional dos pais ao apresentarem sintomas de depressão, ansiedade ou estresse, afetando a qualidade das interações familiares, conflito conjugal e o ajustamento dos filhos.

A carência de medidas para avaliar a pressão econômica de acordo com o que foi postulado por Conger e Elder (1994) ao formular o Modelo de Estresse Familiar, motivou a elaboração da Escala de Pressão Econômica, destacando a importância de pesquisar as famílias em situação de crise no contexto econômico brasileiro, onde se podem verificar aspectos sobre a diminuição da renda, endividamento e trabalho instável, como promotores da pressão econômica.

No que diz respeito à avaliação dos juízes, os resultados apresentaram evidências da adequação da EPE ao conteúdo que ela pretende avaliar. Os três aspectos considerados importantes para o julgamento da qualidade da escala – adequação, relevância e clareza -, obtiveram CVCt maiores que 0,8, sugerindo que o instrumento é coerente e bem adaptado de acordo com a opinião dos juízes (Hernández-Nieto, 2002).

Os itens que foram excluídos – 1, 2, 3, 14, 16, 20 e 21 – além de apresentarem CVC baixo por se mostrarem confusos ou não se adequaram bem a algumas dimensões propostas na visão dos juízes, neste sentido Hernandez-Nieto (2002) afirma que valores abaixo de 0,80 indicam que os juízes não estão de acordo quanto à forma como o item se apresenta. O item 33 “Aumentei o uso do cartão de crédito para comprar alimentos e remédios, devido às dificuldades financeiras” foi excluído por ficar semelhante ao item 28 “Aumentei o valor da fatura do cartão devido às despesas se encontrarem acima do orçamento”, além do mais o item 33 apresentou os valores do CVC mais baixo do que o item 28.

Os itens que apresentaram CVC baixo em pelo menos dois aspectos – 4, 8, 9, 10 e 17 - decidiu-se mantê-los, porém foram reformulados para serem melhor compreendidos e

adequados às dimensões a qual pertencem - perda de renda (itens 4 “Reduzi as despesas com a educação dos filhos, por exemplo, mudança de escola, para fazer cortes no orçamento”, 8 “Tive que fazer mudanças de casa por ter gastos a mais no orçamento”, 9 “Tive que adiar uma viagem já planejada com a família por não ter dinheiro suficiente no orçamento” e 10 “Tive que vender um bem material, por exemplo, uma moto ou imóveis, para controlar os gastos”) e a dimensão trabalho instável (item 17 “Por conta do meu trabalho, me sinto angustiado (a) ao pensar que não terei condições de suprir as necessidades básicas da minha família”).

Enquanto os itens 11, 13, 28, 30 e 31 foram reformulados de acordo com as sugestões dos juízes, por exemplo, o item 11 foi adaptado para se adequar mais à dimensão trabalho instável, no item 13, o termo “emprego” foi trocado por “trabalho”, o item 28 foi alterado, incluindo o termo “fatura do cartão” por ser mais adequado ao item, já no item 30, o termo “dificuldade” foi inserido por dar mais ênfase à dimensão endividamento, e no item 31, o termo “comprometeram” foi alterado por “afetaram” por representar o prejuízo que as dívidas provocam no orçamento da família.

Após a avaliação qualitativa dos avaliadores e a análise estatística por meio do cálculo do CVC, foi possível aperfeiçoar a escala para uma melhor compreensão pelo público-alvo, sua versão provisória foi organizada de forma aleatória, no qual os itens certamente não possuem a mesma numeração.

A avaliação da estrutura fatorial da EPE forneceu resultados exploratórios e por meio da utilização da análise paralela foi possível identificar uma estrutura de dois fatores, diferente do que foi teoricamente preconizado por Conger e Elder (1994), a perda de renda se agrupou tanto com o trabalho instável e com o endividamento formando duas dimensões, apresentando itens com cargas elevadas no seu respectivo fator. Entretanto, o fator 2 reteve menos itens do que o esperado, o item 1 não apresentou saturação mínima em nenhum fator,

enquanto o item 20 saturou acima do ponto de corte em dois fatores, apresentando carga fatorial maior para o fator a qual não é adequado. Provavelmente esses itens apresentaram equivalência semântica diferente para os participantes, optando-se por excluí-los em pesquisas posteriores de modo a não afetar a interpretação dos fatores, os demais itens obtiveram saturação nas dimensões esperadas, apresentando boa consistência interna em um estudo inicial.

Observou-se ainda que o agrupamento dos itens nos fatores permitiu a definição destes conforme as características do construto de pressão econômica. O fator 1 denominado “perda de renda e trabalho instável” corresponde à instabilidade financeira provocada por um trabalho que não garante seguramente uma renda fixa, levando as pessoas a vivenciar condições econômicas difíceis e gerando uma vulnerabilidade emocional, dessa forma, as pessoas passam a procurar soluções para não ter dificuldades financeiras e não ficar desempregado. O impacto que as despesas causam no orçamento fazendo as pessoas adotarem estratégias para não comprometê-lo frente às dificuldades financeiras (Conger et. al, 1992; Conger et. al, 2002).

O fator 2 “perda de renda e endividamento” representam as mudanças financeiras negativas em forma de perda de renda que geram recursos limitados levando as pessoas a acumular dívidas que comprometem o orçamento familiar (Conger et. al, 2002).

Este estudo apresentou resultados divergentes quanto ao número de dimensões, conforme já foi mencionada, a teoria destaca a pressão econômica composta por três dimensões, enquanto que empiricamente a pressão econômica foi explicada por duas dimensões de modo que a perda de renda exerce um papel conjunto com o trabalho instável e com o endividamento, e isso se mostra coerente com os aspectos teóricos abordados. Partindo do pressuposto de que a renda tem uma influência maior sobre o processo de estresse familiar, Conger et al. (2002) demonstraram que a renda possui relação com todas

as variáveis do modelo de estresse familiar, inclusive mantendo uma relação indireta por meio da pressão econômica. Nesse sentido as dificuldades financeiras envolvendo acontecimentos financeiros negativos (e.g., perda do emprego) e rendimentos baixos origina a pressão econômica nas famílias (Ferreira, Pedro & Francisco, 2015).

Apesar de alguns resultados serem satisfatórios, o estudo também apresenta suas limitações. Esperava-se contar com uma quantidade maior de participantes, porém os resultados encontrados já evidenciam que os indicadores propostos por Conger e Elder (1994) parecem se confirmar teoricamente a partir do estudo em questão.

Sugere-se a realização de novas pesquisas com um número ampliado de participantes a fim de confirmar a estrutura fatorial da EPE encontrada neste estudo. Além disso, são recomendados novos estudos para estimação dos parâmetros dos itens conforme a Teoria de Resposta ao Item (TRI).

No artigo seguinte, investigaram-se as evidências de validade do instrumento baseadas na relação com variáveis externas por meio da validade convergente, procurando verificar a relação com sofrimento emocional do casal através dos sentimentos de depressão, ansiedade, estresse e o conflito conjugal.

Por fim, espera-se que este estudo contribua na área da Psicologia aplicada à economia e ao estudo de famílias, mais especificamente, em pesquisas que envolvem os prejuízos que a crise econômica causa nas famílias, para ampliar o enfoque nos estudos sobre pressão econômica, pois é um construto pouco conhecido e que está emergindo atualmente no Brasil, sendo assim, esse estudo oferece uma ferramenta diferente para avaliar em que medida as famílias estão sendo atingidas pela pressão econômica.

Referências

- Berkowitz, L. (1989). Frustration-aggression hypothesis: Examination and reformulation. *Psychological Bulletin*, 106, 59-73. Recuperado de <http://psycnet-apa-org.ez17.periodicos.capes.gov.br/fulltext/1989-36458-001.html>.
- Borsa, J. C & Seize, M. M (2017). Construção e adaptação de instrumentos psicológicos: dois caminhos possíveis. In B. F. Damásio, & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (1a ed.,Cap. 1, pp. 15-37). São Paulo: Vetor.
- Buja, A., & Eyuboglu, N. (1992). Remarks on parallel analysis. *Multivariate Behavioral Research*, 27(4), 509-540. Retirado de https://doi.org/10.1207/s15327906mbr2704_2
- Canheto, J. R. C. (2016). *Famílias com jovens adultos em contexto de crise: pressão económica e funcionamento familiar reportados por pais, mães e filhos jovens adultos* (Dissertação de mestrado). <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/331111/1/TESE%20MIP%20-%20Joana%20Rita%20Canheto-%20%202016.pdf>
- Carvalho, A. R. D. C. (2018). *"Amor, dinheiro e cuidado, não estão dissociados": relação entre pressão económica, estilos parentais e (des) ajustamento psicológico dos filhos* (Dissertação de mestrado). Retirado de <http://hdl.handle.net/10451/37176>
- Conger, R. D., & Elder, G. H. (1994). *Families in troubled times: Adapting to change in rural America*. Hawthorne, NY: Aldine de Gruyter. <https://eric.ed.gov/?id=ED391634>.
- Conger, R. D., Conger, K. J., Elder Jr, G. H., Lorenz, F. O., Simons, R. L., & Whitbeck, L. B. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys. *Child development*, 63(3), 526-541. Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-8624.1992.tb01644.x>.

- Conger, R. D., Ge, X., Elder, G. H., Lorenz, F. O., & Simons, R. L. (1994). Economic Stress, Coercive Family Process, and Developmental Problems of Adolescents. *Child Development, 65*(2), 541–561. Recuperado de <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1994.tb00768>.
- Conger, R. D., Rueter, M. A., & Elder, G. H., Jr. (1999). Couple resilience to economic pressure. *Journal of Personality and Social Psychology, 76*, 54 – 71. <http://psycnet.apa.org/fulltext/1999-00166-005.html>
- Conger, R. D., Wallace, L. E., Sun, Y., Simons, R. L., McLoyd, V. C., & Brody, G. H. (2002). Economic pressure in African American families: a replication and extension of the family stress model. *Developmental psychology, 38*(2), 179-193. Recuperado de <http://psycnet.apa.org/record/2002-10732-001>.
- Costa, D. S. G. (2014). *Percepção da vulnerabilidade ao stress em função do estatuto laboral num contexto de crise económica* (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://recil.ulsofona.pt/bitstream/handle/10437/5465/Dissert.%20Mestr.%20Diana%20Costa-ULP%20%282014%29.pdf?sequence=1>
- Cunha, D., & Relvas, A. P. (2016). Crise económica e dificuldades familiares: Duas faces da mesma moeda?. *Psychologica, 58* (2), 25-39. Recuperado de http://iduc.uc.pt/index.php/psychologica/article/view/3180.doi:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_582_2.
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica, 11*(2), 213-228. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-04712012000200007

- Damáσιο, B. F. & Dutra, D. F. (2017). Análise fatorial exploratória: um tutorial com o *Software Factor*. In B. F. Damásio, & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (1a ed., Cap. 11, pp. 241-265). São Paulo: Vetor.
- Ferreira, S. I. A. (2014). *"Entre marido e mulher, a crise mete a colher": a relação entre pressão económica, conflito e satisfação conjugal* (Dissertação de mestrado). Retirado de <http://handle.net/10451/16012>
- Ferreira, S. I., Pedro, M. F., & Francisco, R. (2015). Entre marido e mulher, a crise mete a colher: A relação entre pressão económica, conflito e satisfação conjugal. *Psicologia*, 29(1), 11-22. Recuperado de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/16012>.
- Filgueiras, A., Galvão, B. O., Pires, P., Fioravanti-Bastos, A. C. M., Hora, G. P. R., Santana, C. M. T., & Landeira-Fernandez, J. (2015). Tradução e adaptação semântica do Questionário de Controle Atencional para o Contexto Brasileiro. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(2), 173-185. doi: 10.1590/0103-166X2015000200003
- Harth, J. (2013). *O manejo do dinheiro pelo casal e suas implicações na qualidade conjugal*. (Dissertação de Mestrado). Retirado de <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4345/05b.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Hauck-Filho, N. (2016). Editorial. *Avaliação Psicológica*, 15(1), 1-131. doi: 10.15689/ap.2016.1501.ed.
- Hernández-Nieto, R. A. (2002). *Contributions to statistical analysis*. Mérida: Universidade de Los Andes.
- Hilton, J. M., & Devall, E. L. (1997). The Family Economic Strain Scale: Development and evaluation of the instrument with single-and two-parent families. *Journal of Family and*

- Economic Issues*, 18(3), 247-271. Retirado de https://www.researchgate.net/publication/225707374_The_Family_Economic_Strain_Scale_Development_and_Evaluation_of_the_Instrument_with_Single-_and_Two-Parent_Families.
- Horn, J. L. (1985). A rationale and test for the number of factors in factor analysis. *Psychometrika*, 30(2), 179-85. doi: 10.1007/BF02289447
- Horta, N. M. A. B. (2015). " *O dinheiro não traz felicidade, mas ajuda*": o papel do coping diádico negativo na relação entre a pressão económica e o (des) ajustamento dos adolescentes (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://hdl.handle.net/10451/22389>.
- Hutz, C. S. (2015). O que é Avaliação Psicológica – Métodos, Técnicas e Testes. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira & C. M. Trentini (Eds.), *Psicometria* (pp. 11- 21). Porto Alegre: Artmed.
- Kwon, H. K., Rueter, M. A., Lee, M. S., Koh, S., & Ok, S. W. (2003). Marital relationships following the Korean economic crisis: Applying the family stress model. *Journal of Marriage and Family*, 65(2), 316-325. Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1741-3737.2003.00316.x>.
- Lorenzo-Seva, U. (1999). Promin: a method for oblique factor rotation. *Multivariate Behavioral Research*, 34,347-356. Recuperado de https://doi.org/10.1207/S15327906MBR3403_3
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2006). FACTOR: A computer program to fit the exploratory factor analysis model. *Behavior Research Methods*, 38(1), 88-91. Recuperado de <https://link.springer.com/article/10.3758/BF03192753>

- Lorenzo-Seva, U., Timmerman, M. E., & Kiers, H.A.L. (2011). The Hull method for selecting the number of common factors. *Multivariate Behavioral Research*, 46, 340-364. doi:10.1080/00273171.2011.564527
- Machado, W. D. L., Damásio, B. F., Borsa, J. C., & Silva, J. P. D. (2014). Dimensionality of the Perceived Stress Scale (PSS-10) for school teachers. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(1), 38-43. doi: 10.1590/S0102-79722014000100005.
- Pacico, J. C. (2015). Como é feito um teste? Produção de itens. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira & C. M. Trentini (Eds.), *Psicometria* (pp. 55- 69). Porto Alegre: Artmed.
- Pasquali L. (1999) *Instrumentos Psicológicos: Manual Prático de Elaboração*. Brasília, DF: LabPAM/IBAPP.
- Pasquali, L. (1998). Princípios de elaboração de escalas psicológicas. *Revista de psiquiatria clínica*, 25(5), 206-213. Recuperado de <http://mpet.ifam.edu.br/wpcontent/uploads/2017/12/Principios-de-elaboracao-de-escalas-psicologicas.pdf>.
- Pasquali, L. (2010). Testes referentes a construto: teoria e modelo de construção. In: L. Pasquali (Org.) *Instrumentação Psicológica. Fundamentos e Práticas* (pp. 165-198). Porto Alegre: Artmed.
- Reppold, C. T., Gurgel, L. G., & Hutz, C. S. (2014). O processo de construção de escalas psicométricas. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 307-310. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000200018&lng=pt&tlng=pt.
- Ribeiro, R., Frade, C., Coelho, L., & Ferreira-Valente, M. A. (2015). Crise económica em Portugal: Alterações nas práticas quotidianas e nas relações familiares. *Livro de Atas do 1.º Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua*

- Portuguesa*, Coimbra, Portugal, 1. Recuperado de <http://http://repositorio.uportu.pt:8080/handle/11328/1613>.
- Robila, M., & Krishnakumar, A. (2005). Effects of economic pressure on marital conflict in Romania. *Journal of Family Psychology*, 19(2), 246. doi: 10.1037/0893-3200.19.2.246
- Silva, M., Cardoso, G., Saraceno, B., & Almeida, J. C. (2015). A saúde mental e a crise econômica. In P. Santana (Coord.), *Território e saúde mental em tempos de crise (Parte II, pp. 61-74)*. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1105-1>
- Silvério, I. S. D. C. (2016). *A influência da pressão económica na qualidade de vida familiar em famílias com filhos jovens adultos*. (Dissertação de mestrado). Universidade de Coimbra, Portugal. Recuperado de <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/33339>.
- SPC Brasil & PMBF. (Fevereiro, 2016). Impacto da crise econômica na gestão das finanças pessoais dos brasileiros (Cartilha). Recuperado de https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/analise_educacao_financeira_impacto_da_crise.pdf.
- Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (2012). *Using multivariate statistics* (6ª ed.). Boston: Allyn and Bacon.
- Ten Berge, J.M.F., & Kiers, H.A.L. (1991). A numerical approach to the exact and the approximate minimum rank of a covariance matrix. *Psychometrika*, 56, 309-315.
- Vieira, A. B. C. (2016). *A crise econômica e o consumo: uma análise do comportamento de compra do consumidor de diferentes classes sociais*. (Dissertação de mestrado). Recuperado de <http://www.fumec.br/revistas/pdma/article/download/4738/2564>.
- Vieira, F. S. (2016). Crise econômica austeridade fiscal e saúde: que lições podem ser aprendidas (Nota técnica No. 26). Recuperado de http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=28422

:nota-tecnica-2016-agosto-numero-26-disoc-previdencia-rural-crise-economica-
austeridade-fiscal-e-saude-que-licoes-podem-ser-aprendidas-
&catid=192:disoc&directory=1

Woodhouse, B & Jackson, P. H. *Psychometrika* (1977) 42: 579. Retirado de
<https://doi.org/1007/BF02295980>

CAPÍTULO III. Evidências de validade para a Escala de Pressão Econômica associada à depressão, ansiedade e estresse, e conflito conjugal.

Resumo

O objetivo principal desta pesquisa foi avaliar as evidências de validade convergente baseadas na comparação com construtos relacionados, para a Escala de Pressão Econômica, a DASS-21 (escala de depressão, ansiedade e estresse) e a *Escala O'Leary-Porter* (conflito conjugal). Fizeram parte da pesquisa 240 homens e mulheres com média de idade de 36,4 anos ($DP=8,9$), a maioria do sexo masculino (53,3%). Os resultados demonstraram índices satisfatórios de correlação significativa e positiva entre as dimensões das escalas, apresentando correlações de intensidade fracas e moderadas, mas que representam uma direção teórica coerente. Dentre os resultados, as limitações do estudo também são discutidas.

Palavras-chave: validade, pressão econômica, escala.

Validity evidence for the Economic Pressure Scale associated with depression, anxiety and stress, and marital conflict.

Abstract

The main objective of this research was to evaluate the convergent validity evidence based on comparison with related constructs for the Economic Pressure Scale, the DASS-21 (depression, anxiety and stress scale) and the O'Leary-Porter Scale (marital conflict). The study included 240 men and women with a mean age of 36.4 years ($SD = 8.9$), mostly males (53.3%). The results showed satisfactory indices of significant and positive correlation between scale dimensions, presenting weak and moderate intensity correlations, but representing a coherent theoretical direction. Among the results, the limitations of the study are also discussed.

Keywords: validity, economic pressure, scale.

Introdução

O período de crise econômica que tem afetado o mundo dispara a necessidade de compreender de que forma as famílias são afetadas pelo atual contexto de dificuldades financeiras. Estudos sobre a associação entre pressão econômica, ansiedade, depressão, estresse e conflito conjugal apontam que é um fenômeno com repercussões significativas no âmbito familiar, ou seja, altos níveis de pressão econômica implicam no sofrimento emocional dos pais, problemas no relacionamento e adaptação dos filhos (Stein et al., 2011).

Num período em que o Brasil vem enfrentando um profundo quadro de crise econômica, desde 2011, decorrente da crise hipotecária dos Estados Unidos sobre empréstimos imobiliários, quadro este que provocou a desaceleração do capitalismo

brasileiro, o que gerou uma depressão econômica com o aumento de taxas de crescimento negativas. De modo particular todos os países experimentaram alguma consequência econômica (Júnior, 2018; Dos Santos Felipe, Ermel, Cassius e Mendes-da-Silva, 2017), que repercute a nível político, social, individual e familiar.

Neste clima de crise a população enfrenta desafios financeiros de modo que o controle do orçamento fica comprometido e o endividamento tende a aumentar. Em uma de suas pesquisas, o SPC Brasil constatou em janeiro de 2019, um total de 62,08 milhões de consumidores negativados, essa quantidade equivale a algo como 40,2% da população adulta. Entre as regiões, o Sudeste, região que abriga a maior fatia da população, o número de negativados chegou a 26,45 milhões, ou 39,7% da população adulta local. O contingente também é grande no Nordeste (16,69 milhões, ou 40,9% da população adulta local). O aumento do número de negativados desacelerou em três regiões do país: no Nordeste, que observou avanço de 0,97%; no Sudeste (3,90%); e no Sul (1,76%). Na região Centro-Oeste, o número de negativados chegou a cair 0,21%. Já no Norte o crescimento foi de 1,69%, avanço que ficou um pouco acima do que se observara em dezembro. Estes números mostram um crescimento vigoroso da inadimplência no auge da crise, seguido de um período de desaceleração ou acomodação (CNDL & SPC Brasil, 2019).

Vieira (2016) destaca alguns fatores relacionados à capacidade dos indivíduos de se adaptarem positivamente às crises econômicas. Os fatores de risco/proteção envolvidos com a saúde devido à crise são: gênero, idade, escolaridade, estado civil e tamanho da residência, emprego/ocupação, renda/restrição financeira, crenças pessoais, estado de saúde, área de residência e relações sociais.

Partindo para as evidências, Glonti et al, (2015) realizaram uma revisão sistemática analisando os resultados de estudos longitudinais sobre fatores que influenciam a resiliência ou comportamento em saúde entre a população geral que vive em países expostos a crises

financeiras. Estes resultados apontaram que a saúde mental das mulheres parecia mais suscetível a crises do que a dos homens. Níveis mais baixos de renda foram associados a maiores aumentos de doenças cardiovasculares, mortalidade e impactos na saúde mental. O status de emprego foi associado a mudanças na saúde mental, de modo que os indivíduos com empregos precários estavam mais suscetíveis às doenças mentais. Quanto à idade, estado civil e escolaridade os resultados foram inconclusivos, ainda que pessoas com ensino superior tenham sido associadas a comportamentos mais saudáveis. Em relação ao estado civil, evidências prévias revelavam que os homens solteiros eram mais suscetíveis às crises.

Alguns estudos defendem que a crise começa a afetar quando seus efeitos desencadeiam o aumento do desemprego considerado como um fator estressante, podendo-se observar prejuízos na saúde dos homens principalmente aqueles sem apoio social e que vivem em países com a mão-de-obra fraca (Gili, Roca, Basu, Mckee & Stuckler, 2012).

O fator desemprego que leva à perda de renda, prejudica a saúde das pessoas ao provocar níveis de estresse e redução dos recursos individuais e sociais de enfrentamento, devido à redução de gastos com a saúde. Além disso, a perda do emprego que leva a redução da renda das famílias e aumenta o endividamento, podemos citar as consequências sociais, como por exemplo, aumento da taxa de empobrecimento em famílias com a renda baixa, aumento da violência, desigualdades sociais e à nível conjugal promove o aumento dos divórcios (Vieira, 2016).

Pesquisadores preocupam-se com as implicações da crise para saúde geral da população e sobre as desigualdades na saúde. Vários estudos documentaram implicações negativas da crise, havendo destaque para a prevalência de ansiedade, depressão, estresse, abuso de álcool e outras drogas, que podem estar originando outros processos de desgaste do quadro de saúde da população por provocarem diminuição da resposta imunológica do organismo, resultando em aumento de doenças crônicas e infectocontagiosas. Por outro lado,

percebe-se também que durante a crise as pessoas tem menos dinheiro para se envolver em comportamentos prejudiciais à saúde, por exemplo, tabagismo, e mais tempo para adquirir comportamentos de promoção da saúde realizando atividade física (Reibling et al., 2017; Vieira, 2016).

Tendo em vista que além das consequências na saúde mental, a pressão econômica também gera impacto na qualidade das relações familiares. Conforme Conger e Elder (1994) ao formularem o modelo de estresse familiar, defendem que a pressão econômica está associada a níveis mais altos de sofrimento emocional, que por sua vez estão relacionados com maior conflito dentro do relacionamento conjugal. Desta forma, quando os cônjuges se tornam emocionalmente instáveis, tendem a se comunicar de forma irritável e hostil, provocando assim o conflito familiar.

De um modo geral, os efeitos das dificuldades financeiras na vida familiar geram consequências negativas devido ao aumento da irritabilidade que contribui para o desgaste das relações conjugais e parentais. Partindo do pressuposto que casais sobre pressão econômica experimentam mais conflito conjugal, resultados provenientes de estudos identificaram que o sofrimento emocional é considerado uma variável mediadora entre pressão econômica e problemas conjugais, ou seja, dificuldades econômicas levam indiretamente ao conflito conjugal através do seu efeito no sofrimento emocional. À medida que os cônjuges se tornam irritáveis e deprimidos externalizam mais hostilidade ao seu parceiro afetando a dinâmica conjugal (Conger & Elder, 1994).

Contudo na Turquia foi aplicado o Modelo de Estresse Familiar obtendo resultados divergentes da aplicação original do modelo. Ao contrário da maioria dos estudos que testaram o modelo de estresse familiar, os resultados na Turquia demonstraram um efeito direto da pressão econômica sobre problemas conjugais tanto para homens e mulheres (Aytaç & Rankin, 2009).

Tendo em vista o impacto que a pressão econômica exerce no funcionamento familiar reverberando também nos filhos, na literatura há evidências de relações significativas entre a discórdia conjugal ou conflitos familiares a muitos dos principais problemas da infância. Quando a interação entre o casal é marcada por hostilidade e discórdia, as brigas se tornam frequentes e intensas, sendo mais facilmente percebida pelos filhos, levando-os a se comportarem de diferentes maneiras, até de forma disfuncional. Nesse sentido, algumas pesquisas sugerem uma relação indireta entre o conflito conjugal e o comportamento infantil, sugerindo que os desentendimentos entre o casal prejudicam os filhos à medida que provocam mudanças nas práticas parentais (Boas, Dessen & Melchiori, 2010; Porter & O'leary, 1980).

Quanto à mensuração dos construtos, Porter e O'leary (1980) desenvolveram uma medida capaz de identificar a manifestação de hostilidade entre os pais, a O'Leary Porter Scale (OPS), pressupondo que o conflito conjugal reverbera nas práticas parentais educativas tornando-as desadaptativas que, por sua vez interferem no desenvolvimento dos filhos, ao serem expostos a situações de estresse familiar, a escala reflete formas de hostilidade conjugal (por exemplo, brigas, sarcasmo, abuso físico) ocorridos na presença dos filhos.

No que se refere ao sofrimento emocional a medida escolhida foi a Depression, Anxiety and Stress Scale – Short Form (DASS21), uma versão reduzida de 21 itens, este instrumento permite o mapeamento de sintomas de depressão, ansiedade e estresse, pois o modelo teórico permite discriminar os sintomas de ansiedade e depressão, uma vez que em outras escalas esses sintomas nem sempre se diferenciam (Patias, Machado, Bandeira & Dell'Aglio, 2016).

A pressão econômica tida como um construto que indica a resposta das famílias quanto a sua situação econômica corresponde também à percepção ou avaliação subjetiva

que as pessoas fazem de suas condições financeiras (Ferreira, Pedro & Francisco, 2015). Estudos empíricos sobre pressão econômica avaliaram o construto de diferentes maneiras, sendo que até então não havia uma medida específica para mensurá-la. Buscando contribuir no preenchimento desta lacuna, o artigo 2 dessa dissertação desenvolveu um instrumento de medida da pressão econômica que engloba três dimensões que teoricamente constituem a pressão econômica, a saber: perda de renda, trabalho instável e endividamento. Nessa perspectiva, a AFE gerou claras evidências de validade fatorial para a EPE composta por duas dimensões. Além disso, foram fornecidas evidências de boa consistência interna para ambos os fatores do instrumento.

A teoria por trás da pressão econômica tem demonstrado um poder explicativo para as evidências empíricas a respeito da correlação com os sintomas de depressão, ansiedade e estresse, bem como com o conflito conjugal. Considerando a necessidade de avaliar as qualidades psicométricas da EPE por meio da validade, este estudo teve por objetivo buscar evidências de validade baseadas na relação com variáveis externas, por meio da validade convergente.

Ressalta-se que a busca por evidências de validade em seus diversos tipos tem sido apontada de suma importância durante o desenvolvimento de testes psicológicos, principalmente os testes utilizados para fins de diagnóstico (AERA, APA & NCME, 1999). Quanto à validade convergente, o teste deve ser relacionado a outros instrumentos que avaliem o mesmo construto, podendo-se verificar empiricamente algum teste em processo de validação tem forte associação com outros instrumentos. De modo que um instrumento apresente evidência de validade convergente ele deve conter no mínimo um estudo que indique correlação compatível com esse tipo de validade (Nunes & Primi, 2010; Rueda & Castro, 2012).

Durante este processo, o teste em processo de validação é associado a testes que avaliam construtos semelhantes. Os testes devem avaliar processos psicológicos com dimensões relacionadas, mas distintas, apresentando coeficientes de correlações baixas e moderados, com valores entre 0,20 e 0,50 (Nunes & Primi, 2010). Entretanto, ao se avaliar os coeficientes de correlação encontrados, considera-se que estes são afetados por condições externas ao teste, como, por exemplo, a idade, o sexo e o nível de escolaridade (Anastasi & Urbina, 2000).

Método

Delineamento

Estudo transversal, correlacional de caráter quantitativo e natureza *ex post facto*, tendo como propósito buscar evidências de validade convergente da EPE com as variáveis de depressão, ansiedade e estresse, e com o conflito conjugal.

Participantes

Participaram do estudo 240 homens e mulheres com idade variando de 18 a 62 anos ($M= 36,4$ anos; $DP= 8,9$), a maioria corresponde ao sexo masculino (53,3%) e 46,7% do sexo feminino. Com relação ao estado civil, 75,8% estavam casados, enquanto 22,1% estavam em união estável e 2,1% encontravam-se recasados, onde 47,9% relataram ter um filho.

Quanto à escolaridade, 47,5% dos participantes possuíam o ensino superior completo e 56,7% consideram-se católicos. No que diz respeito à ocupação, 64,2% se encontram com emprego fixo, 16,3% trabalham por conta própria e 10% encontram-se desempregados.

Sobre a renda financeira, 35% dos participantes indicaram receber entre 2 e 4 salários mínimos. Os participantes também responderam a uma pergunta sobre alterações no rendimento, onde 51,7% afirmaram que o valor do rendimento se manteve, ao passo que

50,8% afirmaram que a atual situação econômica do país afetou nas finanças principalmente no desemprego e diminuição no poder de compra. Quanto à questão sobre o manejo do dinheiro no casal, 62,5% afirmaram que gerenciam o dinheiro e as despesas da casa de forma conjunta.

Instrumentos

Escala de Pressão Econômica (EPE), consiste em um instrumento autoadministrado que tem por objetivo avaliar a percepção de pressão econômica entre as pessoas. Os itens foram elaborados a partir das seguintes dimensões teoricamente propostas por Conger e Elder (1994) que envolvem a pressão econômica: *perda de renda, trabalho instável ou status de estar desempregado e endividamento*, estas dimensões refletem as dificuldades diárias vivenciadas em condições econômicas difíceis referentes às necessidades materiais insatisfeitas, dificuldades para pagar contas mensais ou fazer face às despesas, efetuar cortes em despesas básicas e preocupações financeiras (Conger et al., 1992; Conger et al., 1999), compondo o construto da pressão econômica.

Inicialmente a escala possuía 33 itens, após a realização de uma análise fatorial exploratória para compreender o agrupamento dos itens, esta apontou uma estrutura bifatorial da escala apresentando 22 itens nas seguintes dimensões: *perda de renda e trabalho instável que* corresponde à ação conjunta da crise financeira, limitando o mercado de trabalho a gerar condições de emprego que não garantam a segurança no orçamento, como também o impacto que as despesas e a diminuição da renda provocam na situação econômica das famílias. Já a dimensão *Perda de renda e endividamento* consiste no impacto que as dificuldades financeiras causam no orçamento, levando as pessoas a adotarem atitudes para suprir suas necessidades básicas, fazendo uso do cartão de crédito ou realizando empréstimos que levam ao acúmulo de dívidas e comprometem o orçamento familiar. Os níveis de resposta são apresentados em uma escala tipo Likert, que podem variar de 1 a 5: 1

– *discordo totalmente*; 2 – *discordo*; 3 – *não concordo nem discordo*; 4 – *concordo*; 5 – *concordo totalmente*, onde os sujeitos são orientados a indicar as condições que vivenciam.

A EPE foi validada no estudo anterior para 369 homens e mulheres que estavam em um relacionamento estável e com filhos apresentando média de idade de 36,5 anos (DP = 9,24).

A escala apresentou propriedades psicométricas aceitáveis, reportando medidas de fidedignidade variando de 0,82 (fator 1) a 0,89 (fator 2) nas subescalas). (Apêndice A).

Depression, Anxiety and Stress Scale - Short Form (DASS-21) – foi desenvolvida por Lovibond e Lovibond (1995), é uma escala de autorrelato, tipo Likert, com três subescalas que tem por objetivo medir e diferenciar os sintomas de ansiedade e depressão divididos em três estruturas. A primeira estrutura se caracteriza pela presença de afeto negativo, com humor deprimido, insônia, desconforto e irritabilidade, estes sintomas estão presentes tanto na depressão como na ansiedade; a segunda engloba fatores que constituem estruturas que representam sintomas específicos para depressão (anedonia, ausência de afeto positivo); quanto à última estrutura, essa inclui sintomas específicos de ansiedade (tensão somática e hiperatividade). A DASS foi construída e avaliada na população adulta com 42 itens que refletem os sintomas emocionais negativos. Pesquisas posteriores foram realizadas com a DASS-21 em amostras com crianças, adolescentes e jovens, demonstrando propriedades psicométricas aceitáveis (Patias, Machado, Bandeira & Dell’Agió, 2016). (Anexo 5)

Escala O’Leary- Porter - consiste em uma medida de autorrelato, desenvolvida originalmente em Nova York por Porter e O’leary (1980), essa versão é composta por 20 itens que expressam perguntas sobre situações em que ocorre formas de hostilidade conjugal (por exemplo, brigas, sarcasmo, abuso físico) ocorridos na presença dos filhos. Entretanto, há uma versão portuguesa adaptada em Portugal por Pedro & Francisco (2014),

constituindo-se com 10 itens sobre a frequência em que ocorre o conflito conjugal na presença dos filhos, esta foi a versão utilizada no presente estudo. (Anexo 6).

Questionário sociodemográfico, construído especificamente para o estudo, o qual investiga informações sobre idade, sexo, escolaridade, estado civil, renda, situação de manejo do dinheiro no casal, entre outros aspectos.

Procedimentos

O projeto de pesquisa foi primeiramente encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP) da Universidade Federal do Piauí, sendo aprovado sob o protocolo CAAE – 85883518.3.0000.5214 (parecer N° 2.563.681).

A coleta de dados foi realizada em ambientes sociais e domiciliares, e em locais de trabalho dos participantes, ao solicitar a participação na pesquisa, apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que deveria ser assinado pelos participantes em duas vias, enfatizou-se o caráter confidencial e voluntário da participação na pesquisa, assegurando-se que os resultados só serão apresentados em eventos ou revistas científicas. O questionário foi respondido individualmente, levando em média, 15 minutos para o seu preenchimento.

Optou-se também por realizar a coleta dos dados por meio de um questionário *online*, construído na plataforma *Formulários Google*. Os participantes foram contatados previamente em suas redes sociais, e por meio da técnica "bola de neve" foi solicitando aos respondentes que divulgassem o *link* do questionário entre seus contatos. O questionário *online* continha o TCLE na primeira página da pesquisa, apresentava, também, informações sobre a pesquisa, seus objetivos, a natureza voluntária da participação e o seu caráter anônimo, os demais instrumentos só iniciavam caso o participante marcasse a opção de concordância com o termo.

Análise dos dados

Inicialmente foram feitas as análises descritivas dos participantes, com dados como sexo, idade, escolaridade, renda, manejo do dinheiro no casal, entre outras informações, utilizando-se o programa Statistical Package for Social Sciences for Windows (SPSS) V.21.

Posteriormente foram verificadas as evidências de validade baseadas na relação com variáveis externas por meio da validade convergente, onde se espera que os escores do instrumento analisado apresentem relações em direção e magnitudes esperadas com outra variável distinta, de acordo com os achados de outros estudos empíricos (Freitas & Damásio, 2017). Foram realizadas correlações de Pearson no que se refere aos padrões de convergência entre a EPE, DASS-21 e a Escala O'Leary- Porter. Para as correlações do coeficiente de Person, utilizou-se, também, o programa SPSS (V. 21), esperando-se correlações positivas moderadas a altas entre a EPE e as demais variáveis.

Resultados

Com o objetivo de buscar evidências de validade convergente por meio da associação com outros instrumentos, estabeleceu-se a correlação de Pearson entre as dimensões da EPE com os fatores da DASS-21 e a Escala *O'Leary- Porter* de conflito conjugal, levando-se em conta a amostra total estudada, o nível de significância admitido foi de 0,05.

Tabela 6

Correlações entre as Pontuações das dimensões da EPE e as Pontuações da DASS-21 e a Escala O'leary- Porter

EPE	DASS-21			
	Depressão	Ansiedade	Estresse	O'leary- Porter
Perda de renda e trabalho instável	0,27	0,86	0,69	0,34
Perda de renda e endividamento	0,21	0,72	0,90	0,27

Nota. EPE = Escala de Pressão Econômica; DASS-21 = Escala de depressão, ansiedade e estresse.

De acordo com o exposto na Tabela 6, foram encontrados coeficientes de correlação positivos e estatisticamente significativos entre as dimensões da EPE e os fatores da DASS-21, variando de magnitude fraca entre a EPE e o fator depressão (0,21 a 0,27); correlação moderada com o fator ansiedade (0,72 e 0,86), e com o fator estresse a correlação foi de moderada a forte variando entre 0,69 a 0,90. Enquanto as correlações obtidas entre a escala de conflito conjugal e as dimensões da EPE também foram positivas e fracas uma vez que se encontram no intervalo de 0,27 e 0,34.

Os resultados obtidos indicam que as medidas encontram-se significativamente associadas, mas com correlações fracas a moderadas. Esses resultados sugerem que a EPE tem validade convergente com as DASS-21 no sentido de que a pressão econômica possibilita o surgimento de estresse emocional, embora as correlações não sejam demasiadamente elevadas, as escalas são equivalentes mostrando que quando houve aumento da pontuação, em um deles correspondeu incremento no outro, de modo que os itens das duas medidas expressam o desajuste emocional em situações de pressão econômica. No entanto, essa análise de validade convergente deve ser entendida como uma análise preliminar, não dispensando a análise da convergência com outras medidas de constructos semelhantes.

Discussão

Considerando o objetivo deste estudo em buscar as evidências de validade convergente por meio da relação com construtos relacionados, o estudo foi capaz de detectar correlações com magnitudes interpretáveis e coerentes com os conteúdos dos instrumentos. Verificou-se que a EPE e suas dimensões mostraram correlações positivas em sua grande parte moderadas com os fatores da DASS-21, indicando que conforme aumentam as pontuações em um dos instrumentos, aumenta também no outro, demonstrando também que seus fatores mantêm correlação com a pressão econômica.

Além disso, os resultados encontrados da correlação vão ao encontro de outras pesquisas que testaram o modelo de estresse familiar (Conger, Rueter & Elder, 1999) e investigaram a pressão econômica, onde se pode citar o estudo de Neppi, Senia, e Donnellan (2016) que replicaram o modelo de estresse familiar ao avaliarem os efeitos da pressão econômica em pais de crianças entre 3 e 5 anos. Os resultados evidenciaram que a pressão econômica foi significativamente associada com maior sofrimento emocional dos pais ($r = 0.31$), onde foi usado uma medida que avalia sentimentos de depressão, ansiedade e estresse, deste modo, os resultados indicaram que ao experimentar dificuldades econômicas, os pais sofrem algumas desvantagens, como o sofrimento emocional, implicando em um funcionamento familiar negativo, levando a problemas na parentalidade e provocando um desenvolvimento problemático da criança.

Da mesma forma, a correlação entre a EPE e a escala de conflito conjugal apresentou resultados parecidos com aqueles encontrados em literatura similar. Robila, e Krishnakumar (2005) avaliaram as relações entre pressão econômica, depressão materna, apoio social e conflito conjugal em 239 mães na Romênia. Os resultados de interesse demonstraram que o impacto da pressão econômica estava associado de forma significativa com o conflito conjugal, que foi intermediado pela depressão materna, ou seja, níveis mais altos de pressão econômica estavam relacionados ao aumento do conflito conjugal. Nesta direção, Ferreira, Pedro e Francisco (2015) também encontraram relação positiva entre a pressão econômica, o estresse emocional e o conflito conjugal, atestando que as dificuldades econômicas afetam a qualidade da relação conjugal.

Embora os resultados do estudo apresentem correlação positiva e significativa, a correlação fraca pode ser resultado da ocorrência do conflito conjugal ser influenciada pelas reações emocionais do casal, envolvendo sentimentos de estresse, ansiedade, hostilidade, ou seja, as consequências emocionais provenientes das dificuldades financeiras fornecem a

principal via pela qual o estresse econômico afeta o conflito na dinâmica do casal, demonstrado nas evidências do efeito indireto que a pressão econômica exerce no conflito por meio das reações emocionais do casal (Conger & Elder, 1994).

Para haver a validade convergente em direção e magnitude esperada, Freitas e Damásio (2017) destacam que é necessário apresentar relação com outra variável distinta, mas correlata à da medida. Com os resultados, pôde-se verificar a existência de correlações significativas entre os três instrumentos mencionados que medem a pressão econômica, outro para avaliar a depressão, ansiedade e estresse e uma medida para o conflito conjugal, demonstrando as evidências de validade convergente da EPE.

Considerações finais

Em suma, os resultados deste estudo, de modo geral, apontaram propriedades psicométricas adequadas da EPE quanto aos quesitos da validade convergente. Embora os resultados apresentem correlações de intensidade fracas e moderadas, isso representa uma direção teórica coerente. Dessa forma, as correlações encontradas foram consideradas satisfatórias corroborando outros achados que associam a pressão econômica aos demais construtos.

Embora o objetivo tenha sido alcançado, o presente estudo é limitado uma vez que a quantidade de participantes precisa ser mais numerosa, a fim de verificar propriedades quanto a equivalência de desempenho entre homens e mulheres. Recomenda-se também que outros estudos possam ser realizados avaliando os participantes em grupos critérios (categorias com mais estabilidade e menos estabilidade financeira, dentre outros), bem como a utilização de outras medidas correlatas que possam verificar evidências de validade de critério, a fim de conferir outras evidências de validade da EPE, uma vez que a realização de estudos sobre a qualidade psicométrica de algum instrumento devem ser desenvolvidos constantemente para garantir a melhoria do instrumento.

Ademais, os achados da correlação entre as escalas vão ao encontro dos resultados apontados pela literatura em magnitudes e direções esperadas. Considerando aplicabilidades futuras, parece interessante também desenvolver outras técnicas necessárias para o refinamento do instrumento no que diz respeito à avaliação da medida quanto a sua invariância (equivalência) em diferentes grupos. Podendo-se pensar ainda na investigação entre o papel que os valores humanos exercem em situações que as dificuldades financeiras estão presentes de forma a promover algum efeito sobre a pressão econômica.

Referências

- American Education Research Association [AERA], American Psychology Association [APA] & National Council on Measurement in Education [NCME] (1999). *Standards for Psychology and Educational Testing*. Washington, DC: American Education Research Association.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). Validade: conceitos básicos. In A. Anastasi & S. Urbina. *Testagem Psicológica* (pp. 107-127). Porto Alegre: Artmed.
- Aytaç, I. A., & Rankin, B. H. (2009). Economic crisis and marital problems in Turkey: Testing the family stress model. *Journal of Marriage and Family*, 71(3), 756-767. Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1741-3737.2009.00631.x>
- Boas, A. C. V. B. V., Dessen, M. A., & Melchiori, L. E. (2010). Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(2), 91-102. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200009

- Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas [CNDL] & Serviço de Proteção ao Crédito [SPC Brasil] (2019). *Inadimplência de pessoas físicas*. Brasil. Recuperado de <https://www.spcbrasil.org.br> > 2019/03 > Análise-PF_Fevereiro_2019
- Conger, R. D., & Elder, G. H. (1994). *Families in troubled times: Adapting to change in rural America*. Hawthorne, NY: Aldine de Gruyter. <https://eric.ed.gov/?id=ED391634>.
- Conger, R. D., Conger, K. J., Elder Jr, G. H., Lorenz, F. O., Simons, R. L., & Whitbeck, L. B. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys. *Child development*, 63(3), 526-541. Recuperado de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-8624.1992.tb01644.x>.
- Conger, R. D., Rueter, M. A., & Elder, G. H., Jr. (1999). Couple resilience to economic pressure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 54 – 71. doi:10.1037//0022-3514.76.1.54
- Conger, R. D., Rueter, M. A., & Elder, G. H., Jr. (1999). Couple resilience to economic pressure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 54 – 71. <http://psycnet.apa.org/fulltext/1999-00166-005.html>
- Dos Santos Felipe, I. J., Ermel, M. D. A., Cassius, L. F. P., & Mendes-da-Silva, W. (2017). Efeito de Crise Econômicas obre Escolhas de Ativos para Investimentos Pessoais. *RAC-Revista de Administração Contemporânea*, 21, 84-109. Recuperado de <http://www.anpad.org.br/rac>
- Ferreira, S. I., Pedro, M. F., & Francisco, R. (2015). Entre marido e mulher, a crise mete a colher: A relação entre pressão económica, conflito e satisfação conjugal. *Psicologia*, 29(1), 11-22. Recuperado de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/16012>.

- Freitas, C. P. P., & Damásio, B. F. (2017). Evidências de validade com base nas relações com medidas externas: conceituação e problematização. In B. F. Damásio, & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (1a ed., Cap. 5, pp. 101- 117). São Paulo: Vetor.
- Gili, M., Roca, M., Basu, S., McKee, M., & Stuckler, D. (2012). The mental health risks of economic crisis in Spain: evidence from primary care centres, 2006 and 2010. *The European Journal of Public Health*, 23(1), 103-108. doi:10.1093/eurpub/cks035
- Glonti, K.; Gordeev, V.S.; Goryakin, Y.; Reeves, A.; Stuckler, D.; Mckee, M.; Roberts, B. (2015). A systematic review on health resilience to economic crises. *PLoS One.*, 10, (4), doi: 10.1371/journal.pone.0123117
- Júnior, A. A. S. (2018). Crise econômica, luta de classes e Serviço Social no Brasil. *Revista Katálysis*, 21(1), 96-107. Retirado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141449802018000100096&script=sci_abstract&lng=pt.
- Lovibond, P. F., & Lovibond, S. H. (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with the Beck depression and anxiety inventories. *Behaviour Research and Therapy*, 33(3), 335-343. doi: 10.1016/j.rbp.2012.05.003
- Neppl, T. K., Senia, J. M., & Donnellan, M. B. (2016). Effects of economic hardship: Testing the family stress model over time. *Journal of Family Psychology*, 30(1), 12. doi:10.1037/fam0000168
- Nunes, C. H. S. S., & Primi, R. (2010). Aspectos técnicos e conceituais da ficha de avaliação dos testes psicológicos. In Conselho Federal de Psicologia, *Avaliação psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão*, (p. 101-128). Brasília: Conselho Federal de Psicologia. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/publicacao/avaliacao-psicologica-diretrizes-na-regulamentacao-da-profissao/>

- Patias, Naiana Dapieve, Machado, Wagner De Lara, Bandeira, Denise Ruschel, & Dell'Aglio, Débora Dalbosco. (2016). Depression Anxiety and Stress Scale (DASS-21) - Short Form: Adaptação e Validação para Adolescentes Brasileiros. *Psico-USF*, 21(3), 459-469. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/1413-82712016210302>
- Porter, B. & O'leary, D. (1980). Marital Discord and Childhood Behavior Problems. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 8 (3), 287-295. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7410730>.
- Porter, B. & O'leary, D. (1980). Marital Discord and Childhood Behavior Problems. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 8 (3), 287-295. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7410730>.
- Reibling, N., Beckfield, J., Huijts, T., Schmidt-Catran, A., Thomson, K. H., & Wendt, C. (2017). Depressed during the depression: has the economic crisis affected mental health inequalities in Europe? Findings from the European Social Survey (2014) special module on the determinants of health. *The European Journal of Public Health*, 27(suppl_1), 47-54. doi:10.1093/eurpub/ckw225
- Robila, M., & Krishnakumar, A. (2005). Effects of economic pressure on marital conflict in Romania. *Journal of Family Psychology*, 19(2), 246. doi: 10.1037/0893-3200.19.2.246
- Rueda, F. J. M., & Castro, N. R. (2012). Evidências de validade convergente e pela comparação com construtos relacionados para o Teste de Inteligência. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 6(2). Recuperado de <https://dx.doi.org/10.5327/Z1982-12472012000200003>
- Stein, C. H., Abraham, K. M., Bonar, E. E., Leith, J. E., Kraus, S. W., Hamill, A. C., ... & Fogo, W. R. (2011). Family ties in tough times: How young adults and their parents

view the US economic crisis. *Journal of Family Psychology*, 25(3), 449. doi: 10.1037/a0023697

Vieira, F. S. (2016). Crise econômica austeridade fiscal e saúde: que lições podem ser aprendidas (Nota técnica No. 26). Recuperado de http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=28422:nota-tecnica-2016-agosto-numero-26-disoc-previdencia-rural-crise-economica-austeridade-fiscal-e-saude-que-licoes-podem-ser-aprendidas-&catid=192:disoc&directory=1

APÊNDICE A – ESCALA DE PRESSÃO ECONÔMICA

Instruções. Devido ao cenário de dificuldade financeira, muitas famílias tiveram que fazer ajustes no orçamento doméstico. Por favor, leia atentamente as situações abaixo e indique se **nos últimos 12 meses ou no momento atual** em que medida essa situação aconteceu com você.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

	1	2	3	4	5
1. Reduzi as despesas com a educação dos filhos, por exemplo mudança de escola, para fazer cortes no orçamento.					
2. Fiz empréstimo para pagar as despesas básicas da família.					
3. A dificuldade em pagar as dívidas aumenta o conflito familiar.					
4. Reduzi despesas necessárias (assistência médica, supermercado) por conta das dificuldades financeiras.					
5. Por conta do meu trabalho, me sinto angustiado (a) ao pensar que não terei condições de suprir as necessidades básicas da minha família.					
6. Entrei em dívidas por não planejar os gastos.					
7. Tive que adiar uma viagem já planejada com a família por não ter dinheiro suficiente no orçamento.					
8. Não sei se terei condições de pagar as minhas dívidas nos próximos 12 meses.					
9. Diante da ameaça de perder o emprego preocupo-me em como irei sustentar minha família.					
10. Aumentei o valor da fatura do cartão devido as despesas se encontrarem acima do orçamento.					
11. Tive que arrumar um trabalho extra para pagar as despesas.					
12. Passei a andar menos de carro e utilizar outros meios de transporte (por exemplo, ônibus, moto táxi) para conseguir pagar as contas do mês.					
13. Sinto-me estressado (a) com a possibilidade de perder o emprego.					
14. Tive que vender um bem material, por exemplo, uma moto ou imóveis, para controlar os gastos.					
15. Sinto-me triste, só de pensar que posso perder meu emprego.					
16. Pedi dinheiro emprestado para pagar as minhas dívidas.					
17. Tive que fazer mudanças de casa por ter gastos a mais					

no orçamento.					
18. Mesmo com o orçamento comprometido, continuo comprando sem planejamento.					
19. Meu emprego me deixa inseguro (a) financeiramente.					
20. As dívidas atrapalham o meu sono.					
21. Frequentemente estou endividado (a).					
22. Tenho mais dificuldades financeiras este ano do que nos 12 meses anteriores.					
23. Cortei despesas com atividades sociais e de lazer (por exemplo, cortar TV por assinatura, ida ao cinema, ao shopping, desistir da atividade física na academia) para suprir as necessidades da minha família.					
24. As dívidas já afetaram o orçamento familiar.					
25. Tenho dificuldades para dormir só de pensar que posso perder o emprego.					

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Título do projeto:** Escala de Pressão Econômica: elaboração e validação de uma medida**Pesquisador responsável:** Sandra Elisa de Assis Freire**Instituição/Departamento:** Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPsi**Pesquisadores participantes:** Sinara Fonseca Félix de Araújo**Telefone para contato:** (86) 995020056

Prezado (a) Senhor (a):

Você está sendo convidado (a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente **voluntária**. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decidir a participar. Você tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: elaborar a medida de pressão econômica para o contexto brasileiro.

Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento deste questionário, respondendo às perguntas formuladas que aborda temática envolvendo a intimidade nas interações virtuais e presenciais.

Benefícios. Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos. O preenchimento destes questionários não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu estou de acordo em participar desta pesquisa, escrevendo meu nome e dados neste consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Parnaíba, _____ de _____ de 2018.

Nome_____
Nº identidade_____
Pesquisador responsável

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:
Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella -
Bairro Ininga Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina – PI. tel.: (86)
3215-5734 - email: cep.ufpi@ufpi.edu.br web: www.ufpi.br/ce

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Leia atentamente e responda a todas as questões. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação. Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.

1. Sexo

Feminino Masculino

2. Idade _____**3. Nível de escolaridade**

Ensino fundamental completo Ensino fundamental incompleto
 Ensino médio completo Ensino médio incompleto
 Superior completo Superior incompleto
 Outro _____.

4. Profissão _____

Desempregado
 Trabalhador independente

5. Estado Civil

Casado
 União estável
 Recasado ou em união estável pela 2ª vez

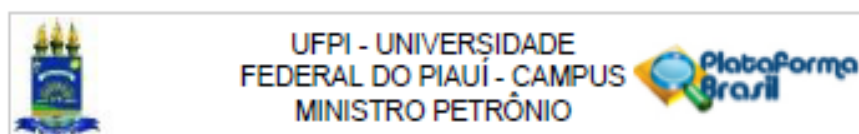
6. Tempo de casamento/união estável _____**7. Quantos Filhos:** _____.**8. Quanto é sua renda familiar (a soma de todos que vivem na sua casa, incluindo você)?**

Até um salário mínimo (Até R\$ 954,00)
 Entre 1 e 3 salários mínimos (Entre R\$ 954,00 e R\$ 2.862,00)
 Entre 3 e 5 salários mínimos (Entre R\$ 2.862,00 e R\$ 4.770,00)
 Entre 5 e 10 salários mínimos (Entre R\$ 4.770,00e R\$ 9.540,00)
 Entre 10 e 20 salários mínimos (Entre R\$ 9.540,00 e R\$ 19.080,00)

9. Com relação à sua religião / doutrina / crença, você se considera:

Católico Evangélico Espírita Sem religião, mas acredito em Deus
 Outra: _____.

ANEXO 3 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Pressão Econômica, Casamento e Prática parental: Como se encontra a dinâmica familiar no contexto da crise financeira?

Pesquisador: Sandra Elisa de Assis Freire

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 85883518.3.0000.5214

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.563.681

Apresentação do Projeto:

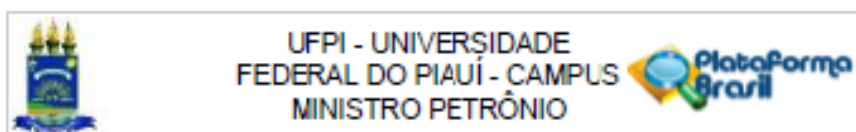
Este projeto estudo parte do interesse de avaliar empiricamente o Modelo de Estresse Familiar e a influência da pressão econômica sobre o conflito conjugal e problemas disciplinares dos filhos, como também ampliar o modelo para incluir outras variáveis que possam funcionar como fatores de proteção no enfrentamento da pressão econômica. Estressores econômicos podem ter consequências potencialmente graves e adversas para

relacionamentos românticos e familiares. A relação conjugal é uma das áreas mais afetadas. Por exemplo, as dificuldades econômicas têm sido

associadas à instabilidade marital, aumento de conflitos, padrões de comunicação negativos e menor qualidade de relacionamento. Espera-se ter uma compreensão mais ampla dos impactos da pressão econômica na dinâmica familiar a partir do Modelo de Estresse Familiar. Nessa direção, este estudo tem como objetivo analisar a dinâmica familiar e conjugal no contexto da crise econômica considerando o Modelo de Estresse Familiar,

como também ampliar tal modelo no intuito de incluir os elementos com características individuais positivas que podem funcionar como fator de proteção frente a crise econômica. Espera-se contar com uma amostra, não probabilística (de conveniência), que totalizará 400 casais do sexo masculino e feminino com idade a partir de 18 anos, oriundos de uma cidade do litoral do Piauí. Estes devem estar em um relacionamento heterossexual de casamento consensual ou em união estável no mínimo há um ano; e devem ter filhos. Eles responderão a um arquivo, em um livreto,

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portela - Pró-Reitoria de Pesquisa
 Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
 UF: PI Município: TERESINA
 Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 2.503.001

contendo as escalas do estudo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a dinâmica familiar e conjugal no contexto da crise econômica considerando o Modelo de Estresse Familiar

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O preenchimento destes questionários pode acarretar a presença de riscos de constrangimentos, uma vez que toca em assuntos relacionados ao

Impacto da pressão econômica na vida dos filhos e do casal. Caso ocorra essa situação, o preenchimento do questionário poderá ser interrompido a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. No caso de alguma intercorrência, será assegurada a assistência psicológica ao participante da pesquisa, tratamento e assistência integral sob a responsabilidade do pesquisador, de forma acolhedora e ética.

Benefícios:

Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, não trazendo nenhum benefício direto para os participantes

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória estão anexados

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

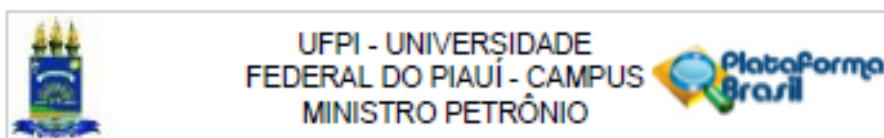
Projeto de pesquisa apto a ser desenvolvido.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1096707.pdf	20/03/2018 22:35:31		Aceito
Doutros	C_ENCAMINHAMENTO.pdf	20/03/2018 22:34:11	Sandra Elisa de Assis Freire	Aceito
TCE / Termos de	TCE.pdf	20/03/2018	Sandra Elisa de	Aceito

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisas
 Bairro: Ininga CEP: 64.045-550
 UF: PI Município: TERESINA
 Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 2.560.601

Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	22:33:32	Assis Freire	Acelto
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	16/03/2018 16:17:45	Sandra Elisa de Assis Freire	Acelto
Outros	Lattes.pdf	16/03/2018 15:02:29	Sandra Elisa de Assis Freire	Acelto
Outros	INSTRUMENTOS.pdf	16/03/2018 15:00:51	Sandra Elisa de Assis Freire	Acelto
Outros	Termo_confidencialidade.pdf	16/03/2018 14:59:54	Sandra Elisa de Assis Freire	Acelto
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	16/03/2018 14:58:09	Sandra Elisa de Assis Freire	Acelto
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_dos_Pesquisadores.pdf	16/03/2018 14:55:56	Sandra Elisa de Assis Freire	Acelto
Cronograma	Cronograma.pdf	16/03/2018 14:55:15	Sandra Elisa de Assis Freire	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PIBIC.pdf	16/03/2018 14:55:02	Sandra Elisa de Assis Freire	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 26 de Março de 2018

Assinado por:
Herbert de Sousa Barbosa
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (86)3257-2332 Fax: (86)3257-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

ANEXO 4. QUESTIONÁRIO SOBRE O MANEJO DO DINHEIRO NO CASAL

Em um relacionamento amoroso, a questão financeira e o manejo do dinheiro são temas do cotidiano. Interessa-nos saber como você e o(a) seu(sua) companheiro(a) lidam com esses assuntos. Sobre essa temática, são as perguntas a seguir.

1. Você sabe quanto seu(sua) companheiro(a) ganha?

Sim. Qual é a renda dele(a)? R\$ _____

Não

2. Você considera que a renda familiar de vocês é suficiente para viverem?

Sim Não. Porquê? _____

3. Vocês contribuem igualmente nas despesas de casa?

Sim. Não.

4. Quem contribui mais? Eu. Ele (a). Por quê?

5. Você acha que seu (sua) companheiro(a) deveria contribuir mais do que contribui atualmente nas despesas de casa?

Sim Não. Por quê? _____

6. Você concorda com a maioria dos gastos do(a) seu(sua) companheiro(a)?

Sim Não

7. Vocês brigam quando há um gasto indevido da parte dele(a)?

Sim Não

8. Quem de vocês dois controla o dinheiro do casal?

Eu Ele(a) Ambos

9. Outras pessoas ajudam na renda de vocês?

Não Sim. Quem? _____

10. Enumere de 1 a 9, em ordem de prioridade, seus principais gastos:

() Alimentação

() Despesas de casa (aluguel, condomínio, água, luz)

() Interesses pessoais – Quais? _____

() Investimentos

() Lazer (televisão, internet, etc.)

- () Saúde
- () Transporte
- () Vestuário
- () Outros – quais? _____

11. Pensando em seu relacionamento conjugal atual, alguma vez você juntou suas finanças com seu companheiro(a) (exemplo: cartão de crédito em comum, conta bancária conjunta)?

- Não Sim. Que tipo de finanças vocês juntaram? _____
-

12. Você e seu(sua) companheiro(a) planejam os gastos financeiros em conjunto?

- Não Sim. Quais? _____
-

13. Qual das situações de manejo do dinheiro descritas a seguir você acredita que corresponde ao seu relacionamento conjugal:

- Um de nós é responsável pelo gerenciamento de todo ganho financeiro do casal.
- Um de nós destina um valor de seu ganho salarial para o(a) companheiro(a) gerenciar as despesas da casa.
- Nós gerenciamos nosso dinheiro e as despesas da casa de forma conjunta.
- Cada um de nós tem seu compromisso individual com as despesas da casa e mantemos nossas finanças separadas.

ANEXO 5 – ESCALA DE DEPRESSÃO, ANSIEDADE E ESTRESSE (DASS-21)

Por favor leia cada uma das afirmações abaixo e assinale 0, 1, 2 ou 3 para indicar quanto cada afirmação se aplicou a si *durante a semana passada*. Não há respostas certas ou erradas. Não leve muito tempo a indicar a sua resposta em cada afirmação.

0	1	2	3			
			0	1	2	3
Não se aplicou nada a mim	Aplicou-se a mim algumas vezes	Aplicou-se a mim muitas vezes	Aplicou-se a mim a maior parte das vezes			
			0	1	2	3
1. Tive dificuldades em me acalmar						
2. Senti a minha boca seca						
3. Não consegui sentir nenhum sentimento positivo						
4. Senti dificuldades em respirar						
5. Tive dificuldade em tomar iniciativa para fazer coisas						
6. Tive tendência a reagir em demasia em determinadas situações.						
7. Senti tremores (por ex., nas mãos)						
8. Senti que estava a utilizar muita energia nervosa						
9. Preocupei-me com situações em que podia entrar em pânico e fazer figura ridícula						
10. Senti que não tinha nada a esperar do futuro						
11. Dei por mim a ficar agitado						
12. Senti dificuldade em me relaxar						
13. Senti-me desanimado e melancólico						
14. Estive intolerante em relação a qualquer coisa que me impedisse de terminar aquilo que estava a fazer						
15. Senti-me quase a entrar em pânico						
16. Não fui capaz de ter entusiasmo por nada						
17. Senti que não tinha muito valor como pessoa						
18. Senti que por vezes estava sensível						
19. Senti alterações no meu coração sem fazer exercício físico						
20. Senti-me assustado sem ter tido uma boa razão para isso						
21. Senti que a vida não tinha sentido						

ANEXO 6 - ESCALA O'LEARY- PORTER

Por favor, responda a todas as perguntas a seguir com o X. As perguntas estão relacionadas ao relacionamento entre você e seu (s) filho (s).

1	2	3	4	5				
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Muito Frequentemente				
				1	2	3	4	5
1. Nesses dias de renda apertada é difícil restringir discussões financeiras a tempos e lugares específicos. Com que frequência você diria que você e seu parceiro discutem sobre dinheiro na frente do(s) filho(s)?								
2. Crianças frequentemente se dirigem a um dos pais para pedir dinheiro ou permissão para fazer algo depois de ter sido negado pelo outro. Com que frequência você diria que seu(s) filho(s) aborda você ou o seu esposo (a) dessa maneira em busca de resultados recompensadores?								
3. Maridos e esposas muitas vezes discordam sobre o assunto da disciplina. Com que frequência você e seu (sua) esposo (a) discutem problemas disciplinares na presença de seu(s) filho(s)?								
4. Com que frequência seu(s) filho(s) tem escutado você e seu (sua) esposo(a) discutirem sobre o papel da esposa na família? (Dona de casa, esposa que trabalha, etc.)								
5. Com que frequência sua esposa (ou marido) se queixa de você sobre seu hábito pessoal (beber, incomodar, desleixo, etc) na frente de seu(s) filhos(s)?								
6. Com que frequência você se queixa ao seu marido (ou esposa) sobre seus hábitos pessoais dele na frente de seu (s) filhos(s)?								
7. Em todo casamento normal há discussões. Qual a frequência das discussões que acontecem entre você e seu companheiro (a) que acontecem na presença de seus filhos?								
8. Em graus variados, todos experimentaram impulsos incontroláveis em momentos de grande estresse. Quantas vezes existem expressão física de hostilidade entre você e seu marido (ou esposa) na frente de seu(s) filho(s)?								
9. Com que frequência você e/ou seu marido (ou esposa) demonstram hostilidade verbal diante de seu(s) filho(s)?								
10. Com que frequência você e seu marido (ou esposa) demonstram afeto um pelo outro na frente de seu(s) filho(s)?								